

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

LUIS FELIPE DAINESE RAVELLI

**A APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS POR
SKATISTAS NA CIDADE DE SÃO PAULO**

SÃO PAULO
2019

LUIS FELIPE DAINESE RAVELLI

**A APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS POR
SKATISTAS NA CIDADE DE SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia na Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP, sob orientação do Prof. Dr. José Agnaldo Gomes

SÃO PAULO
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, minha mãe, meu pai e meus irmãos, pelos anos de apoio e suporte.

Agradeço aos meus amigos e amigas da PUC SP, que por cinco anos dividimos experiências, saberes, angústias e risadas, nas diversas horas no Centro Acadêmico, além do acolhimento e da escuta mútua durante todos esses anos. Cesar, Luisa, Diana, Felipe, Nicolas, Daniel, Jordy, Jon e outros tantos e tantas que não caberia aqui.

Agradeço à minha namorada, Anna, que sempre me apoiou e esteve ao meu lado nos momentos bons e nos momentos difíceis.

Agradeço aos amigos da vida, Henrique, Matheus, Lucas, Renan, Caio, Thiago, Fernando, e tantas outras pessoas que felizmente nossos caminhos se cruzaram.

Agradeço aos amigos do skate, Eric, Rodrigo, Felipe e Vinicius. À Rise Crew e Sweet Stance. Agradeço especialmente ao Murilo, Nogu e Pedro, que participaram diretamente na produção desse trabalho com idéias, conversas e apoio. Esse trabalho é dedicado à vocês.

Agradeço profundamente aos skatistas que participaram desse trabalho, Pedro, Rodrigo, Otavio e Marcelo, pela paciência, interesse, disposição e acessibilidade.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. José Agnaldo Gomes, pela profunda parceria, apoio e interesse na minha pesquisa, durante todas as orientações. Fico imensamente feliz em saber que, de alguma forma, esse processo o afetou positivamente. As suas contribuições foram fundamentais para a minha formação.

Agradeço ao Prof. Dr. Odair Furtado, que generosamente aceitou o convite para ser o parecerista do meu trabalho. O contato com a Psicologia Social nas suas aulas no segundo ano da faculdade mudaram minha visão sobre a Psicologia e com certeza reverberam em mim até hoje e guiam minha atuação acadêmica e profissional.

E finalmente obrigado ao skate, que me trouxe tantas vivências, pessoas, sentimentos e experiências.

RESUMO

Fundamentado nos preceitos teóricos da Psicologia Sócio-histórica, este trabalho procura analisar como a apropriação dos espaços públicos se dá na população skatista na cidade de São Paulo. A coleta de informação se dará a partir de entrevistas semi-dirigidas, com um questionário específico, com 4 (quatro) sujeitos, 2 (dois) skatistas profissionais e 2 (dois) skatistas que praticam por "*hobby*" procurando compreender quais os impactos desse processo de apropriação dos espaços na subjetividade destes indivíduos que têm um contato muito estreito e específico com os espaços, e quais as principais discrepâncias entre esses dois grupos que "andam de skate" com, em tese, intencionalidades diferentes.

Palavras chave: skate, psicologia sócio-histórica, apropriação do espaço.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	5
2. INTRODUÇÃO.....	6
3. PROCEDIMENTO E OBJETIVO.....	18
4. "NAS QUATRO": A PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA COMO BALIZADORA E OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE.....	22
5. ANÁLISE.....	28
5.1 A infância em cima do carrinho.....	30
5.2 O respeito como base das relações.....	34
5.3 "O skatista não olha a cidade como uma pessoa comum".....	38
5.4 "O skate traz vida para o lugar".....	43
5.5 "A gente sabe onde tá pisando".....	50
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
7. REFERÊNCIAS.....	58
8. ANEXOS.....	61
8.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	61
8.2 Glossário.....	63
8.3 Transcrição da entrevista com Pedro.....	65
8.4 Transcrição da entrevista com Rodrigo.....	79
8.5 Transcrição da entrevista com Otavio.....	91
8.6 Transcrição da entrevista com Marcelo.....	101

1. APRESENTAÇÃO

Antes de iniciar o trabalho propriamente dito, alguns fatos devem ser esclarecidos a respeito de mim e da motivação e interesse a respeito do tema que pretendo explorar. O meu contato com o skate começou muito cedo, com a influência de irmãos e primos que, andando ou não de skate, me introduziram nesse mundo seja por meio de *vídeo-games*, de filmes de skate ou das músicas *skate punk*, muito antes de eu de fato andar de skate.

O primeiro contato com a prática do skate propriamente dita começou cerca de 10 anos atrás, quando o skate deixou de ser um brinquedo como outro e passou a ser algo identitário e fundamental para mim. A partir disso, o contato com o mundo e com as pessoas passou a se dar de outra forma, seja conhecendo pessoas que nunca conheceria se não pelo skate, lugares que antes eram indiferentes e comuns passaram a ser carregados de vivências e sentimentos, vivenciando experiências que nunca imaginaria passar se não fosse pelo contato propiciado pelo skate.

Desta forma, apesar da pesquisa científica acadêmica prezar por um distanciamento e "neutralidade" do pesquisador em relação às análises realizadas, acredito que tais vivências formadoras da minha subjetividade corroborem para um olhar muito mais próximo e cuidadoso em relação aos dados e às análises desta pesquisa, além de uma pretensão pessoal de traduzir a vivência do skatista para a linguagem acadêmica e a linguagem acadêmica para a vivência do skatista.

2. INTRODUÇÃO

O skate surgiu nos Estados Unidos, quando as ondas da Califórnia não estavam propícias para o *surf*, como uma tentativa de reproduzir, no asfalto, sobre uma prancha com rodas improvisadas, as manobras executadas nas ondas do mar, em meados da década de 1960. Na década de 1970, com o início de uma diferenciação mais profunda entre as práticas do *surf* e do skate, com a criação manobras somente possíveis no skate e a política de racionamento de água na Califórnia, o que levou muitos estadunidenses a esvaziar suas piscinas, possibilitando um espaço nunca antes imaginado para a prática do skate, as piscinas vazias¹. No Brasil, o skate foi introduzido na década de 1960 e na segunda metade da década de 1970; “a prática começou a sofrer um processo de esportivização, ganhando publicações especializadas (As revistas Esqueite, Brasil Skate e o Jornal do Skate), pistas (Wave Park, Alphaville e outras), campeonatos, juízes etc. Esse movimento resultou no que hoje é conhecido como skate vertical (...)” (BRANDÃO, 2014, p. 53). Simultaneamente, a prática do skate começou a se dar nas ruas e praças, e não unicamente nas pistas. Entretanto, o cenário nacional e mundial do skate, neste momento, era mais voltado para o skate *vertical*, praticado nas pistas com formato em "U".

No início da década de 1980, o skate quase desapareceu devido à crise econômica vivida no país, e só se manteve pelo investimento de alguns skatistas na construção de pistas particulares. No decorrer da década, a multiplicação de skatistas da modalidade "*freestyle*" se deu devido à pequena possibilidade de andar de skate no circuito *mainstream* (no caso, o skate vertical), e se desenvolveu principalmente na Marquise do Parque do Ibirapuera, em São Paulo, utilizando os poucos obstáculos existentes e principalmente no solo (quando não existe nenhum obstáculo). O cenário do skate progrediu durante os anos 80, com uma maior organização de campeonatos regionais e nacionais principalmente por skatistas, a presença do skate na mídia, com o programa "O Grito da Rua", e com a ida de

¹ O espaço das piscinas vazias, denominado *bowl* (em inglês, "tigela", devido ao formato arredondado sem quinas nos fundos da piscina), se constitui hoje como uma das modalidades da prática do skate. Um filme-documentário que descreve esse período da história do skate é "Dogtown and Z-Boys", dirigido por Stacy Peralta, lançado em 2001.

uma delegação brasileira para um campeonato mundial realizado no Canadá em 1985, ficando na quinta colocação por equipes, impulsionando fortemente a *cena* do skate no Brasil. "Em 1988 um episódio marcante o prefeito da cidade de São Paulo, Jânio Quadros, proíbe andar de skate no Parque do Ibirapuera e após uma passeata de protesto dos skatistas ele proíbe que se ande de skate em toda cidade de São Paulo."²

Todavia, a partir da década de 1990, o Skate entrou em declínio "devido ao Plano Collor que estragou todo o excelente desenvolvimento do Skate nacional fazendo diversas empresas falirem, inclusive todas as revistas especializadas, e os investimentos no Skate encerrarem da noite para o dia."³. Esse cenário injetou uma concepção de "*do it yourself*" (faça você mesmo) nos skatistas⁴, com a construção de obstáculos na rua e a procura por *picos*⁵ pela cidade. A indústria do skate nessa época reviveu (ou sobreviveu) graças aos skatistas mais velhos, que investiram e impulsionaram a produção e venda de equipamentos apesar do cenário econômico extremamente desfavorável. Em 1999 foi fundada a Confederação Brasileira de Skate (CBSk)⁶.

Já nos anos 2000, com o skate profissional estabelecido e fundamentado, grandes eventos e competições internacionais começaram a vir ao Brasil, como o X-Games, e com a organização de campeonatos nacionais pela CBSk, a exposição do skate pela mídia e sua consolidação como esporte foi crescendo cada vez mais e sendo reconhecido como tal. Por exemplo, em 2008, após articulação da CBSk por dois anos com o Ministério do Esporte, o programa federal Bolsa Atleta começou a beneficiar skatistas pagando bolsas mensais. A modalidade passou a ser reconhecida socialmente, com a realização da primeira pesquisa a respeito dos praticantes do skate pelo Instituto DataFolha e a presença de skatistas em propagandas fora do universo do skate. Com o desenvolvimento do skate como modalidade e a grande exposição midiática e presença brasileira nos campeonatos internacionais, grande parte dos skatistas patrocinados por marcas estrangeiras se mudam do Brasil. Em

² <<http://umti.com.br:8040/paginas/historia-do-skate-no-brasil>>. Acesso em: 25/05/2018

³ <<http://umti.com.br:8040/paginas/historia-do-skate-no-brasil>>. Acesso em: 25/05/2018

⁴ O documentário "Dirty Money - Uma geração que transformou o skate no Brasil" de Alexandre Vianna e Ricardo Koraicho mostra, a partir de vivências dos skatistas da época, a realidade do skate no final da década de 1980 e em toda década de 1990.

⁵ Os termos nativos do skate estarão em *itálico*, e estarão listados e explicados no Glossário, Anexo 8.1

⁶ <<http://umti.com.br:8040/paginas/historia-do-skate-no-brasil>>. Acesso em: 25/05/2018

2004, a IASC (*Internacional Association of Skateboard Companies*) instaurou, no dia 21 de julho, o Dia Mundial do Skate, ou *Go Skateboarding Day*, como "um desculpa para os skatistas tornarem o skate sua maior prioridade" nesse dia.⁷

Em um cenário mais contemporâneo e atual, a cena do skate vem passando por transformações muito profundas e paradoxais, como por exemplo o crescimento massivo, no mercado de skate, de grandes marcas, como Nike e Adidas, com divisões específicas de skate, o que vem levando ao fim de marcas independentes e especializadas no mercado do skate, mas também garantindo maior visibilidade, investimento e dinheiro no mundo do skate. Outro ponto atual é o teste da modalidade skate que ocorrerá nas Olimpíadas do Japão, em 2020, que vem gerando muita discussão nas mídias especializadas⁸ e na concepção de prática que o skate carrega consigo: de um lado, uma visibilidade e afirmação do skate como esporte e prática esportiva, de outro, um distanciamento das origens contra-culturais e transgressoras nas quais o skate nasceu e se desenvolveu.

Desta forma, a prática do skate se mostra como um processo histórico, transformando o jeito de "*andar de skate*" a partir do que é dado aos skatistas, sempre adicionando e criando práticas novas e diferentes, mas não eliminando ou se sobrepondo às outras. Essa criatividade pode ser considerada dialeticamente como causa e consequência da prática do skate na rua, o *street skate*, uma vez que ela depende exclusivamente da disposição ou criação dos objetos considerados como obstáculos para os skatistas na rua, na praça, etc. ou mesmo pela ausência de tais obstáculos, o denominado "solo" ou *flatground*, que seria apenas um espaço vazio com chão liso.

Neste sentido, podemos pensar na singularidade que a construção/apropriação dos espaços se dá com skatistas, a partir de suas vivências únicas relacionadas com a prática do skate, de seus conhecimentos sobre a prática, não apenas por andar em diversos lugares, mas também por meio do contato com outros skatistas, com revistas, *video parts*, filmes etc., o que basicamente compõe a chamada "visão" do skatista, essa forma única de interação com o espaço. Esta "visão" se mostra nos principais locais de prática do skate, ou *picos*, seja

⁷ Trecho retirado do site da IASC: <<http://theiasc.org/go-skateboarding-day/>> Acesso em: 11/09/2018

⁸ Notícia da mídia especializada em skate Cemporcento Skate e Black Media:

<<http://cemporcentoskate.uol.com.br/fiksperto/skate-agora--tambm-esporte-olmpico>> e

<<http://www.blackmediaskate.com/site/?p=14368>>, respectivamente. Acesso em: 06/09/2018

em bancos com marcas de vela⁹, paredes riscadas e corrimões sem tinta, que uma pessoa não-skatista veria apenas como um lugar para sentar, ou um apoio para a mão ao descer escadas.

Em Costa (2010): “Já de início o skatista subverte a funcionalidade arquitetônica do meio urbano” (p. 20), e ainda mais:

(...) produz novos olhares sobre a urbe, que precisa do espaço público para acontecer, espaço que é modificado simbolicamente por essa prática. Ou seja, o skatista modifica a maneira usual de se utilizar o espaço urbano, produzindo ativamente um novo olhar para os recursos materiais que o circundam. (p. 21)

Tal forma de contato com a cidade não se dá apenas durante a prática do skate propriamente dita. Durante toda e qualquer circulação do skatista pela cidade, o olhar se atenta à lugares *skatáveis* e não *skatáveis*, e, caso *skatáveis*, já se imagina em uma linha¹⁰ no lugar, e, se por acaso forem não *skatáveis*, o pensamento se vira em como tornar a prática possível naquele lugar, seja apenas de forma imaginária, seja intervindo materialmente no espaço, com a cobertura de rachaduras no chão com massa plástica, ferramentas (além das tradicionais para a manutenção do skate) para a retirada de *skate stoppers*, ou até mesmo com a construção total de algum obstáculo¹¹. Costa (2010) ainda complementa:

Nesse sentido, a prática do skate está diretamente ligada a uma ação política, evidenciando formas diferentes de se olhar os espaços habituais, podendo ser vista como uma ferramenta de resistência a esse processo de despolitização e de subutilização dos espaços públicos. A transgressão simbólica que é provocada pela ação do skatista incita outros modos de se apropriar do espaço público, não somente como local de passagem, mas espaços onde podem ser compartilhadas expressões artísticas das mais variadas formas. (p.25)

Sobre essa “visão” do skatista na cidade, Machado (2011) descreve como tal processo se dá, por meio de três grandes procuras do skatista ao olhar um possível lugar de prática. O primeiro é o “chão de ida”:

⁹ A utilização de velas de cera é comum em obstáculos para um melhor deslizar dos eixos do skate.

¹⁰ “Linha” é o termo utilizado para se referir à execução de uma série de manobras em sequência.

¹¹ Existem diversos coletivos de skatistas que intervêm desta forma nos espaços, entre eles, um chamado “Rua Ativa”, que a partir de contribuições, tanto financeiras para a compra de material quanto de mão-de-obra para a construção propriamente tida, constróem obstáculos em diversos lugares da cidade de São Paulo.

é o espaço a partir do qual o skatista toma impulso para ir em direção ao obstáculo. O melhor tipo de chão é o de superfície lisa, a qual não permite tanto atrito com as rodas. Nela o skate se locomove com maior facilidade, possibilitando a realização de manobras no obstáculo a ser utilizado. (p.113)

O segundo são os “obstáculos”:

são os equipamentos urbanos onde os skatistas executam as manobras. Os obstáculos são das mais variadas formas. Alguns deles são nomeados pelos skatistas de uma maneira diferente daquela originalmente atribuída por quem os construiu. Desse modo, uma parede pode ser vista como um *wallride*; um pedaço de ferro torto fixado no chão como um *pole jam*; um barranco como um *gap*, e assim por diante. (p.113)

Ainda se tratando dos obstáculos, o material e a forma como tal equipamento é construído influencia no uso ou não pelo skatista de tal construção, por exemplo, se o corrimão é redondo ou quadrado e sua inclinação, se a borda de um banco é de concreto, madeira, mármore ou ferro. Desta forma, a “visão” do skatista se atenta à todas as condições possíveis da utilização de tal equipamento, pensando não apenas na manobra que realizará, mas nas possíveis consequências das quedas que poderá acontecer ao utilizá-lo.

Por ultimo, o “chão de volta”:

assim como o chão de ida, é o espaço em que o skatista permanece após mandar a manobra no obstáculo. Quanto mais amplo e liso, melhor será, pois a manobra poderá ser completada com mais eficiência. (p.113)

Estas três condições embasam, resumidamente, a direção da “visão” do skatista ao habitar e se deslocar nas cidades, com ou sem seu skate debaixo do braço ou do pé.

Tais características da prática mais especificamente do *street skate* constituem diversas dimensões além de apenas andar de skate. Algumas delas são expressas em Machado (2011):

a possibilidade do encontro com inesperado e da conquista de um *pico* é um dos grandes atrativos da prática do skate nas ruas, o que constitui um diferencial em relação às pistas, já que nelas os aspectos apresentados não constituem algo a ser superado. Nos *picos*, por mais que um skatista realiza uma mesma manobra, o cenário com o qual ele interage será diferente. (...) Outro elemento lúdico da prática do *street skate* é justamente a procura por *picos*. Logo, sempre que possível, é importante circular por vários desses

espaços. Entretanto, a procura por *lugares skatáveis* não se dá somente ao acaso. (...) É possível encontrar *picos* em qualquer região de São Paulo. Nessa busca, a circulação de skatistas pela cidade progride conforme novas sessões são feitas. Elas possibilitam também o alargamento da sociabilidade tecida entre os que se encontram durante a prática. Assim, a busca por espaços também torna dinâmicos os relacionamentos entre os skatistas (p.117)

A prática do skate e os espaços em que se "anda de skate", em suas dimensões materiais, dialeticamente constituem a subjetividade, uma vez que essa prática envolve não apenas o ambiente material, mas o ambiente social, simbólico, cultural, histórico etc.

Estudar a população skatista se mostra relevante pelo crescimento em número de praticantes. Segundo uma pesquisa encomendada pela Confederação Brasileira de Skate (CBSk) ao Instituto Datafolha em 2015, houve um crescimento de mais de 100% de praticantes em relação à 2009, nesta data sendo cerca de 8,5 milhões (oito milhões e quinhentos mil) o número de skatistas no Brasil (DATAFOLHA, 2015). Ademais, mostra-se relevante pelo contato único que tais praticantes têm com os espaços públicos ou não-públicos da cidade, com uma presença maciça em diversas praças, parques, *skateparks* e, principalmente, na rua. Por fim, o aumento no número de praticantes implica em uma maior presença dessa população em diversas áreas da cidade, maior visibilidade, e, conseqüentemente, uma apropriação de mais lugares e de forma mais profunda. Isso levanta diversas questões referentes à concentração dessas pessoas em determinados lugares, os tornando "*picos*", do surgimento de lojas especificamente voltadas para skatistas, a construção de locais específicos para a prática do skate (como os *skateparks*) etc. Neste ponto, Olic (2010):

"Um determinado espaço se transforma em um *pico* quando o skatista promove um movimento de *apropriação* do espaço em que são produzidos novos sentidos à arquitetura urbana, de acordo com o uso que é feito dela. Se este movimento, por um lado, gera uma forma de territorialização enquanto forma/materialização da experiência do skatista de "fazer a cidade", por outro lado, este processo faz do skatista um agente desterritorializador da ordem espacial da cidade, na medida que imprime novos usos, práticas e sentidos à arquitetura urbana." (p.49)

Outra consequência desse aumento do número de praticantes e de uma maior visibilidade é a intervenção do Estado na prática, principalmente de duas formas: interdição e proibição de um lado, e pelo o outro, "uma estratégia de captura e aldeamento de skatistas em determinados pontos da cidade"(p.121)¹². No caso da primeira, seja pela ação de aparatos de repressão do Estado (Polícia, Guarda Civil Metropolitana) ou por ordem de políticos e governantes, os skatistas são expulsos de *picos*, por "conflitos com transeuntes e comerciantes locais, que acusam skatistas de desrespeitarem os pedestres e de destruírem o patrimônio público"(p.104) sendo alvo de repressões policiais, mas que "não impede que os skatistas ocupem o espaço, o que muda é a duração da intervenção, pois ela tende a ser efêmera: dura até a polícia chegar"(p.108), o que irrompe, em última instância, na proibição total da prática, como a vista em 1988 em São Paulo, ou as tentativas de proibições pontuais em locais em que skatistas tradicionalmente andam de skate, como o Vale do Anhangabaú, Avenida Paulista, entre outros.

No outro lado da ação estatal, a construção de pistas, principalmente em regiões periféricas¹³ carrega alguns sentidos que podem ser alvos de reflexão: por um lado oferece um *pico* para os skatistas que moram na periferia mais próximo de suas casas, por outro, funciona em uma lógica de limitar a prática unicamente nesses locais, como tentativa de desabilitar *picos* não só nas regiões centrais mas em qualquer outro lugar que a prática poderia se dar, com o discurso "*O que vocês (skatistas) estão fazendo aqui? Não tem a pista de skate pra vocês?*". Além disso, apesar da presença de skatistas em todas as etapas de construção de uma pista (na maioria das vezes), no planejamento e execução das obras, visando uma qualidade tanto na construção dos obstáculos individualmente, no conjunto que constitui uma pista de skate, quanto materiais utilizados, a *visão* do skatista, de abstração do sentido ordinário do mundo material, é prejudicada por "já ter tudo pronto". A utilização do termo "prejudicada" é importante de ser ressaltada, por que mesmo em um ambiente

¹²OLIC, Maurício Bacic. *Entre o liso e o estriado: skatistas na metrópole*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

¹³ Na pesquisa de Olic (2010), são tabulados dados a respeito da construção de pistas na cidade de São Paulo entre 1990 e 2009, que demonstram uma maior presença de pistas de skate nas regiões mais periféricas e afastadas do centro da cidade, local tradicional da prática do skate.

pensado e construído exatamente para a prática do skate, o skatista ainda pode transcender e criar *linhas* novas e usos novos para os obstáculos em uma pista.

Esse espírito de transgressão do skate, aliado à um pensamento de "nós por nós e contra todos" nos skatistas, por esse constante embate com os não-skatistas (cidadãos, órgãos públicos, aparatos de repressão etc.) e historicamente pela relação do skate com o movimento punk, reverbera de forma muito específica nos sentidos de pertencimento, apropriação e propriedade, em suas subjetividades. O conceito de *localismo*, muito aprofundado na pesquisa de Olic (2010), se mostra presente em todas as formas de prática do skate na cidade, "(...)*localismos*, isto é, um grupo de skatistas (...), constroem para si uma relação de pertencimento e posse do espaço"(p.51), como (re)afirmação de existência, resistência e pertencimento ao grupo dos/de skatistas e/ou à determinada região da cidade. A gradação de tal *localismo* entre os skatistas é bastante variável, tendo lugares (*picos* e *pistas*) nos quais tal forma é muito profunda, podendo ser até agressiva, e em outros é mais branda em relação à skatistas não-*locais* que se dirigem ao local para andar de skate. Essa situação é contornada pelo que se considera "respeito" e "humildade" do skatista em relação aos *locais*¹⁴ de determinado lugar. Isso pode se dar de diversas formas, porém a mais socialmente aceita é o de cumprimentar as pessoas que estão *pico* ao chegar, entender a dinâmica do local, por meio da observação, antes de começar a andar, para não *atravessar* ou atrapalhar os skatistas que já estão andando, emprestar materiais e ferramentas caso necessário (vela, chaves). À vista disso, com a importância e a profundidade deste processo denominado *localismo*, ele pode ser considerado como "um processo de apropriação completa" de um espaço, com os skatistas *locais* totalmente apropriados do espaço em que habitam e realizam as suas práticas.

Desta forma, uma pesquisa referente a esse público contribui para a construção de conhecimento a respeito de tais processos em tais populações, que ainda é pequeno e permeado de preconceitos, apesar de profundo e complexo. Uma constante associação do skate e dos skatistas com o uso de drogas, depredação dos patrimônios públicos, pixação, continua em voga, mesmo com os movimentos de disseminação e expansão do skate e da

¹⁴ O termo *local* pode ser confuso, desta forma, uma pessoa é *local* de algum lugar, por exemplo de uma pista: Fulano é *local* da pista.

cultura urbana no qual ele está inserido. Uma das hipóteses para esse direcionamento à população skatista é a de que a prática se dá na rua, inserido em um contexto urbano plural, dividindo o mesmo espaço com categorias já marginalizadas historicamente, como por exemplo moradores de rua, drogadictos, prostitutas e pixadores. Outro ponto, é que as culturas urbanas, como o skate, a pixação e a arte urbana, subvertem a lógica do urbanismo e da arquitetura de uma cidade, possibilitam novas possibilidades de uso, apropriação, pertencimento e expressão, dos ambientes urbanos. Tais ambiente, em sua criação, lógica e funcionamento, não permitiriam e, de alguma forma, criminalizam tais práticas que funcionam de formas diferentes, seja moralmente ou judicialmente.

Tal ligação cria no imaginário da população não-skatista um preconceito em relação à população skatista e ações frente à esse grupo no sentido de excluir, impedir a prática, seja fisicamente (entrando na frente do skatista durante a prática, molhando o chão no qual o skatista esteja andando, instalando *skatestoppers*), seja não permitindo que familiares entrem em contato não apenas com o skate mas com skatistas, chamando a polícia quando um grupo de skatistas estão andando, reivindicando aos poderes públicos a proibição da prática em determinados lugares, tanto pelo barulho que a prática do skate emite, mas também pela associação do skate com o uso de drogas. Aqui não cabe aprofundar uma discussão aprofundada a respeito do uso ou não de drogas apenas no grupo específico de skatistas, tal questão, devido sua complexidade e seus atravessamentos, merece um estudo mais amplo sobre seu uso para além de determinados grupos.

Do lado do skatista, diversas formas contraditórias e dialéticas de lidar com isso surgem, seja de uma maneira “formal”, com a instituição de associações de skate, com passeatas, com a presença de skatistas nas grandes mídias, no intuito de desassociar o skate e sua população dessa marginalidade, e colocando o skate como um esporte como qualquer outro, no qual os skatistas não devem ser categorizados e marginalizados unicamente por andarem de skate. Por outro lado, é exatamente a identificação com a marginalidade e com a transgressão que constituem o skate e sua prática, desta forma, o incômodo gerado na população é próprio do skate e da cultura urbana que ele surgiu e continua inserido.

Nota-se, a partir do exposto acima, uma distinção na prática do skate: aquela relacionada ao skatista que anda por prazer, por que gosta, por que se identifica com o skate, o chamado skatista "*for fun*"¹⁵ (pela diversão), e aquela relacionada skatista profissional, que, apesar de precisar cumprir prazos e produzir resultados não apenas em campeonatos, mas também na produção de *videoparts* e filmes, havendo uma obrigatoriedade na prática do skate que os outros skatistas não experienciam, ainda sim andam por prazer e pela satisfação da prática.

A produção científica a respeito do skate no Brasil, basicamente restrita a poucas produções no campo da Antropologia ou da História, e escassas no campo da Psicologia. Tal escassez bibliográfica foi observada após diversas pesquisas em sites acadêmicos, bibliotecas, bases de dados e produções gerais. É limitado, portanto, o número de autores, em sua maioria skatistas, que demonstraram interesse pelo o estudo teórico do skate. A metodologia normalmente utilizada em pesquisas voltadas para o skate se divide em duas formas, ou entrevistas com skatistas de determinado local ou com a análise histórica de materiais produzidos, como revistas e vídeos, como apontado por Brandão (2014).

A pesquisa realizada por Dias (2014) teve como objetivo a compreensão do skate como modificador do tecido urbano, por meio de deslocamentos, mudanças nos espaços e

¹⁵ O termo "*for fun*" é colocado por se tratar de uma classe de skatistas que realizam a prática pela diversão, pela identificação do indivíduo com o skate e com a cultura. Neste ponto, cabe citar a padronização das categorias propostas pela Confederação Brasileira do Skate (CBSk): Feminino Infantil (meninas nascidas em 2008 ou depois ou até 5 anos competindo nesta categoria), Feminino 2 (meninas independente de sua idade e que podem competir nesta categoria por até 2 anos), Feminino 1 (meninas independente de sua idade e que competiram por mais de 2 anos no Feminino 2), Infantil (meninos ou meninas nascidos em 2008 ou depois ou até 5 anos competindo nesta categoria), Mirim (meninos nascidos entre 2005 e 2007 ou com no máximo 3 anos de participação nesta categoria), Iniciante (rapazes nascidos em 2004 ou antes ou com no máximo 4 anos concorrendo nesta categoria), Amador 2 (com no máximo 5 anos competindo nesta categoria, independente da idade), Amador 1 (rapazes independente de sua idade e que competiram por mais de 5 anos na Amador 2), Feminino Master (mulheres nascidos em 1988 ou antes), Master (homens e mulheres nascidos entre 1979 e 1983), Grand Master (homens e mulheres nascidos entre 1974 e 1978), Legend (homens e mulheres nascidos entre 1969 e 1973), Grand Legend (homens e mulheres nascidos em 1964 e 1968), Vintage (homens e mulheres nascidos em 1963 ou antes), Feminino Profissional (mulheres independente da idade aprovadas pelo Comitê de profissionais de sua modalidade), Profissional (homens e mulheres aprovados pelo Comitê de profissionais de sua modalidade ou profissionalizados antes de 1999), Pro Master (homens e mulheres nascidos entre 1973 e 1977 aprovados pelo Comitê de profissionais de sua modalidade ou profissionalizados antes de 1999), Pro Legend (homens e mulheres nascidos em 1972 ou antes aprovados pelo Comitê de profissionais de sua modalidade ou profissionalizados antes de 1999), Paraskatista (homens ou mulheres não profissionais independente da idade com algum tipo de deficiência nas pernas ou cego). (Disponível em: <<http://umti.com.br:8040/paginas/categorias>>. Acesso em 1 julho 2018.)

concentração de praticantes em determinadas áreas. Para tanto, usou um questionário próprio que permitiu um direcionamento maior para o entendimento do processo de representação dos espaços públicos por skatistas, especificamente de pistas de skates (*skateparks*). Por o espaço estudado por ela ser exclusivamente para a prática do skate em locais construídos, perde-se a dimensão do *street skate*, a prática realizada na rua, considerando que pistas de skate seriam o “lugar ideal” para andar de skate, pelo planejamento da construção dos obstáculos. Nesse sentido, a “visão” do skatista, de abstração do significado ordinário dos lugares e objetos da cidade para a criação de significados, socialmente construída por skatistas, não se dá de forma tão profunda quando a prática se dá em locais em que foram pensados e planejados para que ela se dê.

Já a pesquisa realizada Rassi, Daher, Sumares e Guida (2017)¹⁶, teve como objetivo o estabelecimento da relação entre a formação identitária de jovens com a prática de skate e de surf. Para isso, utilizaram metodologias comparativas entre duas modalidades. Todavia, foi entrevistado apenas um praticante de cada uma de duas modalidades diferentes, surfistas e skatistas. Essa característica do método utilizado pelos autores permite questionar a comparabilidade dessas duas atividades. Enquanto a primeira se dá exclusivamente no mar, a segunda pode se dar de diversas formas (*street, bowl, mini-ramp*), em diversos lugares (ruas, calçadas, parques, praças, *skateparks*, monumentos). A pesquisa aqui apresentada parte da concepção de que existem particularidades fundamentais e fundantes da prática de qualquer esporte ou atividade, e, com isso, propõe uma análise unicamente do skate por se mostrar muito importante para uma compreensão mais aprofundada do fenômeno da sua prática. Embora pelos preceitos metodológicos de composição de pesquisa não há restrição quanto ao número de participantes de uma pesquisa, e por se tratar de uma pesquisa em uma disciplina a respeito de métodos de investigação acadêmicos para alunos da graduação em Psicologia na PUC-SP, algo a ser pensado em relação à pesquisa citada é a investigação de um único skatista, o que, à princípio, caracteriza apenas uma visão de uma única pessoa em relação ao fenômeno estudado. O salto qualitativo para se generalizar para a visão de

¹⁶ RASSI, Gabriel; DAHER, Juliana; SUMARES, Lucas; GUIDA, Vitor. A apropriação espacial na formação identitária. Uma análise sobre as juventudes surfistas e skatistas. 2017. 69f. Trabalho obrigatório na disciplina Modelos de Investigação - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2017.

um grupo tão amplo e diverso quanto o da população skatista que se apropria de um determinado espaço, é, talvez, muito distante para ser verossímil.

Após a dificuldade em encontrar pesquisas relacionando skate e Psicologia nas bases de dado *online*, como Scielo e PePSIC, a pesquisa na biblioteca da PUC-SP e na do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) resultou em um artigo publicado que se debruçava sobre esse tema. A pesquisa realizada por Costa (2010), pretende compreender a prática do skate por meio das relações de poder e modulações da subjetividade, visando uma relação entre esta prática e o exercício da Psicologia. Desta forma, a pesquisa se constituiu como referência para a elaboração da pesquisa aqui desenvolvida, que, mesmo sendo uma análise estritamente teórica, fundamentou uma conexão entre a Psicologia como área de conhecimento e o skate, além de compartilhar da identificação do autor com o skate e como skatista.

Considerando o fato de que questionários das pesquisas utilizadas como referência (Dias, 2014 e Rassi, Daher, Sumares e Guida, 2017) apenas tangenciarem a questão da apropriação de espaços da prática do skate, a formulação de uma série de perguntas específicas, não só para o objetivo da pesquisa aqui proposta como para o público singular entrevistado, se mostra fundamental para a apreensão do fenômeno da apropriação do espaço. Neste seguimento, a utilização de tais materiais como base para a elaboração do questionário das entrevistas é importante para um direcionamento mais preciso das questões levantadas na proposta de pesquisa. Desta forma, com um questionário elaborado especificamente para as questões referentes à apropriação do espaço, não apenas de *skateparks*, mas de qualquer lugar onde se dê a prática por skatistas se mostra importante e é o objetivo central da pesquisa aqui realizada.

De um modo geral, o fenômeno de apropriação dos espaços pela população skatista é algo que desperta pouco interesse não só na sociedade mas na comunidade científica considerando a produção de conhecimento sobre o assunto. Tal população tem um contato direto e muito específico com os espaços públicos e privados, e a relevância desse contato para a constituição da subjetividade de indivíduos skatistas é enorme considerando a atual prática mais realizada, o *street*.

3. PROCEDIMENTO E OBJETIVO

A pesquisa irá coletar dados a partir de entrevistas semi-dirigidas individuais com integrantes de dois grupos, 2 (dois) skatistas profissionais e 2 (dois) "*for fun*" maiores de 18 anos com um roteiro de perguntas elaborado com o enfoque específico no tema da pesquisa. Aqui é válido justificar a ausência de skatistas mulheres como entrevistadas e sujeitas da pesquisa. O recorte de gênero dentro do skate é marcante, sendo um esporte majoritariamente masculino. Isso implica em processos de apropriação dos espaços muito diferentes vivenciados por mulheres skatistas e por homens skatistas, não apenas na questão do localismo, mas em todas as dimensões da prática do skate. Desta forma, abordar a questão de gênero, sua análise e comparação entre as vivências femininas e masculinas no skate se mostra como um trabalho muito profundo e complexo, e, devido à essa profundidade, tal recorte foi necessário visando uma maior complexidade nas análises por mim propostas. Após isso, o método de análise será a partir de núcleos de significação, instrumento de análise da psicologia sócio-histórica. As categorias de análise devem dar conta de explicitar, descrever e explicar o fenômeno estudado em sua totalidade.

Essa pesquisa tem como objetivo analisar o processo de apropriação de espaços, principalmente os públicos, com uma população de skatistas "*for fun*" e profissionais que têm um contato singular com os locais que realizam a prática do skate. Como objetivos específicos, a pesquisa busca identificar as diferenças nesse processo entre skatistas "*for fun*" e profissionais, no que se refere à importância da apropriação dos lugares de prática para os skatistas e quais as consequências dessa apropriação na vida destas pessoas.

A elaboração do questionário se deu em duas partes, cada uma com intenções e objetivos distintos. A primeira foi uma tentativa de resposta à pergunta "Quais aspectos elucidam os processos de apropriação dos espaços por skatistas?", na qual foram elencados diversos tópicos a respeito dos fatores que teoricamente determinariam o processo de apropriação dos espaços do sujeito entrevistado. Desde modo, 5 tópicos se mostraram como mais relevantes para compreender tal processo: o tempo de prática do *pico*, a relação com

os outros *locais* do *pico*, o conhecimento físico do *pico*, a relação com skatistas *não-locais* e por fim o nível técnico.

O tempo de prática no *pico* é considerado de extrema importância quando se trata do processos de apropriação dos espaços/*localismo*, uma vez que se relaciona com o tempo de vivência, as relações sociais, a prática de skate e a noção de posse dos lugares pelos skatistas.

A relação com outros *locais* abrange as relações sociais por meio noção de pertencimento à uma comunidade que compartilha interesses, gostos, etc., além dessas relações se basearem no uso cotidiano do *pico*, relacionado assim com o tempo de prática no local.

O conhecimento físico do *pico*, acompanhado dos dois itens anteriores permite uma compreensão a respeito das possibilidades ou não, que se adquire ou por meio do uso cotidiano do espaço ou de conversas com skatistas *locais*, da utilização do *pico* para a prática, como por exemplo: “este lugar é melhor para andar por causa das condições do chão ou do obstáculo do que aquele outro em que o chão está com buracos”. Aliado à isso, aqui se insere o impulso de construção ou reforma do *pico*, já anteriormente explorado.

A relação com skatistas *não-locais* se mostra relevante por abordar questões sociais no contexto do skate, por meio dos códigos de conduta implícitos, como respeito e humildade frente ao skatista *local*, que se funda na noção de posse sobre o *pico* em que é *local*.

O nível técnico se mostra atrelado à todos os tópicos anteriores, mas principalmente pelas questões de humildade e respeito, que norteiam (ou pelo menos deveriam) as relações tanto com um skatista iniciante quanto com um profissional.

Após este momento, se iniciou a elaboração do questionário propriamente dito, com o levantamento de oito questões que abordariam o tema da apropriação dos espaços por skatistas, permeadas pelas reflexões anteriores já fundamentadas. A primeira pergunta é a respeito de dados de identificação, como nome, idade, gênero, cor/raça, onde nasceu e região da cidade que atualmente mora. Esses dados de identificação permitem uma análise futura de renda, de raça, de deslocamento da cidade e como estes dados influem nos processos de apropriação dos espaços pelo skate.

A segunda pergunta é a respeito da trajetória do sujeito no skate, que se mostra fundamental para a compreensão da relação do sujeito com o skate, dos vínculos, histórias e das vivências experienciadas. A importância desta pergunta no início do questionário se mostra também na vinculação com o sujeito, o que possibilita uma grande quantidade de informações a respeito da prática do skate, como o tempo de prática, locais de prática, relação com bairros, com a cidade e com skatistas.

A terceira pergunta é: O que significa ser "local" de algum lugar para você?. A pergunta é relevante pois parte de uma perspectiva individual a respeito do que é considerado "processo de apropriação total", considerando o localismo como processo individual e coletivo, e o papéis sociais que estão em voga ao pensarmos nas noções de espaço, propriedade e pertencimentos aos picos.

A quarta pergunta é: De onde você se considera "local"? Porque?. Após uma retomada histórica da vida do sujeito, seguida de uma reflexão específica do tema central da pesquisa, essa pergunta propõe uma análise dos próprios processos de apropriação dos espaços e localismos, e quais os pontos da história do sujeito que justificam esses processos.

A quinta pergunta é: Como é para você estar no seu pico, e alguém não-local chegar? E um profissional?. Tal pergunta abre espaço para o sujeito expressar as relações de posse, os códigos de conduta implícitos nos picos, a abordagem frente ao outro não-local, além de propiciar uma análise frente às possíveis diferenças entre os *for funs* e os profissionais.

A sexta questão é: E o oposto? Quando você vai para um pico que não é local?. Novamente, essa questão procura a expressão das relações de posse e localismos, mas de um ponto de vista diferente, permitindo a análise e uma reflexão não apenas desses processos no sujeito, mas nas vivências de comunidades skatistas.

A sétima questão é: Você acha que a prática do skate mudou sua relação com a cidade? Como?. A pergunta procura se aprofundar nos processos de apropriação não apenas dos picos, mas a respeito dos processos de circulação na cidade e bairros, e de identificação com a cidade.

A oitava e última questão é: Como o skate influencia(ou) outras áreas da vida? Essa pergunta procura entender os processos oriundos da prática do skate para além da apropriação dos espaços e de localismos, e os impactos subjetivos dessa prática que transcende simplesmente a prática de um esporte.

Tal questionário cumpre com o proposto, com a certificação a partir da aplicação de um pré-teste, no qual propiciou uma análise prévia da viabilidade de tais questões e das respostas respectivas, permitindo uma coleta de dados muito grande, em vários âmbitos e dimensões da vida do sujeito, podendo assim analisar de forma mais horizontal a vivência dos sujeitos no skate, e tais impactos nos processos de apropriação dos espaços.

Após a realização das entrevistas, os sujeitos decidiram que, apesar do princípio do anonimato balizar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eles tinham a vontade de aparecer nominalmente na pesquisa, como uma forma também de afirmação de existência e de habitação na pesquisa e na comunidade acadêmica. Tal vontade expressa pelos sujeitos embasam ainda mais a iniciativa da pesquisa em traduzir as vivências do skate para a linguagem acadêmica e a linguagem acadêmica para a vivência do skate, uma vez que os skatistas participantes, nominados na pesquisa, estarão habitando a Academia além das ruas.

4. "NAS QUATRO": A PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA COMO BALIZADORA E OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE

Esse Trabalho de Conclusão de Curso será balizado a partir da concepção de homem e subjetividade proposta pela Psicologia Sócio-histórica, a construção do indivíduo como integrado à sua realidade material, social, histórica e simbólica permite uma compreensão não só do indivíduo em si, mas de processos e fenômenos nos quais ele dialeticamente produz e é produzido. Neste ponto, Aguiar (2007) elucida essa concepção:

O homem se insere em um universo sociocultural e através das relações e experiências que aí mantém desenvolverá seu mundo psicológico, ou seja, seu mundo de registros. (...) O homem está em relação com este mundo; atua interferindo no mundo (atividade) e, ao mesmo tempo, é afetado por esta realidade, constituindo seus registros. O mundo psicológico, portanto, se constitui a partir da relação do homem com o mundo objetivo, coletivo, social e cultural (p. 96)

No mesmo sentido, Luria (1986) coloca que o objeto da Psicologia é o reflexo do mundo externo no mundo interno -- a interação do homem com a realidade, ou seja, que a subjetividade seria uma construção dependente de uma base material concreta. Isso posto, a subjetividade deixa de estar entre o psiquismo e a biologia e passa a ocupar um espaço que foge da internalização da dimensão psicológica, sendo produzido conjuntamente com aspectos materiais, sociais, históricos, culturais etc. Neste ponto Gonzales Rey (1997) corrobora com tal afirmação:

E, assim como o social se subjetiva para converter-se em algo relevante para o desenvolvimento do indivíduo, o subjetivo permanentemente se objetiva ao converter-se em parte da realidade social, com o qual se redefine constantemente como processo cultural (p. 110)

Dando seguimento à esse pensamento, Marx (1986) aponta que "não é a consciência do homem que determina sua existência, mas, ao contrário, sua existência social é que determina a sua consciência". No mesmo sentido afirma Gonçalves (2007): "no materialismo histórico e dialético, o homem só é indivíduo, ou melhor, só se constitui indivíduo por que é

social e histórico" (p.44). Isso fundamenta o pensamento de que a constituição da subjetividade sai do espectro biológico e psíquico e passa a habitar dialeticamente todas as outras dimensões do indivíduo.

Tal concepção de homem exposta acima e a Psicologia Sócio-histórica como um todo se fundamentam no Materialismo Histórico Dialético, que, segundo Gonçalves (2007)

o materialismo histórico e dialético mantém a importância do sujeito ativo, como em Hegel, mas mantém também a existência objetiva do objeto. Ou seja, na concepção materialista, sujeito e objeto têm existência objetiva e real, na visão dialética, formam uma unidade de contrários, agindo um sobre o outro. Assim, o sujeito é ativo por que é racional, mas não só. Antes de mais nada, o sujeito é sujeito da ação sobre o objeto, uma ação de transformação do objeto. A ação do sujeito transforma o objeto e o próprio sujeito. E essa ação do sujeito é necessariamente situada e datada, é social e histórica. (p.121)

Das concepções teóricas e metodológicas do Materialismo Histórico Dialético se desenvolveram categorias que foram "constituídas a partir do estudo do processo, do movimento, da gênese deste último" (AGUIAR, 2007, p.96), e que são construções ideais, ou seja, que se dão no plano das idéias, mas que procuram representar a realidade material, o movimento, as contradições e a historicidade, do objeto que pretende ser estudado (ARANHA, 2015). Aranha (2015), parafraseando Aguiar e Ozella ainda completa:

As categorias são produto do movimento de abstração e expressam aspectos fundamentais das relações dos homens entre si e deles com a natureza, construídas através do desenvolvimento do conhecimento e da prática social (p.44)

Desta forma, as principais, mas não únicas, categorias fundamentadas nessa metodologia são mediação e historicidade. A primeira, procura superar as dicotomias sujeito-objeto, subjetividade-objetividade, interno-externo, não apenas de conectar tais dicotomias, mas se tornando o centro objetivo dessa relação (AGUIAR E OZELLA, 2013). Com isso, se esclarece objetos e relações perdidas quando comparamos à uma análise mais direta e objetiva do fenômeno que se pretende estudar.

A segunda, historicidade, procura “olhar para a realidade e pensá-la em movimento e, mais do que isso, apreender seu movimento” (AGUIAR E OZELLA, 2013, p.302). Isso implica em uma visão de que o próprio objeto de estudo é e está em constante transformação, a partir das forças sociais, históricas e políticas em voga, e que uma proposta de análise desse objeto em transformação deve também considerar e se levar em conta tais forças que o tensionam. Neste ponto, Aguiar e Ozella (2013) esclarecem: ““O que é” deixa de ser a pergunta principal para dar lugar à questão de “como surgiu”, “como se movimentou e se transformou”” (p.303).

Desta forma, a estruturação da Psicologia Sócio-histórica como uma perspectiva crítica na Psicologia se fundamenta na concepção da não separação entre o mundo externo (sociedade) e o interno (subjetividade), de forma em que ambos se formam e são formados dialeticamente, sendo "dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem" (BOCK, 2007, p.22), o que coloca em questão não apenas psiquismos, mas também todas as condições que o sujeito se encontra inserido, econômicas, sociais, culturais etc.

Outra constituição crítica é o rompimento com a tradição estigmatizadora na qual a Psicologia surgiu e se constituiu como ciência, colocando em xeque o conceito de "normalidade", e conseqüentemente de "loucura" ou "desvio", que esta área do conhecimento fundamentou cientificamente com o passar dos anos, naturalizando determinados comportamentos socialmente estabelecidos e produzidos.

Por fim, ainda segundo Bock (2007):

A Psicologia Sócio-histórica produzirá conhecimentos (..) abandonando a pretese neutralidade do positivismo, a enganosa objetividade do cientista, a positividade dos fenômenos e o idealismo, colando sua produção à materialidade do mundo e criando a possibilidade de uma ciência crítica (..)
(p.35)

Para realizar a análise dos discursos e narrativas presentes nas entrevistas propostas, será utilizado o instrumento denominado Núcleos de Significação. Tal instrumento surge de uma proposta de pesquisa qualitativa, na qual parte do aparente, do discurso do sujeito, marcadas por contradições inerentes, e, por meio de processos de mediação e constituição de sentidos, buscar "a explicação do processo de constituição do objeto estudado, ou seja, estudá-lo no seu processo histórico."(p.224)¹⁷

Aguiar e Ozella (2006), em seu artigo "Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos", embasam epistemologicamente e metodologicamente esse instrumento de análise, que parte de Vygotsky. A concepção de homem que fundamenta tal análise é a mesma da Psicologia Sócio-Histórica, na qual:

"(...) um homem constituído numa relação dialética com o social e com a História, sendo, ao mesmo tempo, único, singular e histórico. Esse homem, constituído na e pela a atividade, ao produzir sua forma humana de existência, relava - em todas as suas expressões -, a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção." (p.224)

Tomando por base essa compreensão, a categoria de mediação se propõe a "romper as dicotomias interno-externo, objetivo-subjetivo, significado-sentido (...)" (p.225), relacionando objetos e processos entre si, para então, a partir dessa relação, estabelecer novos conceitos que dialeticamente são constituídos por tais processos e os constituem. Neste ponto, os autores colocam que "a categoria mediação não tem, portanto, a função de apenas ligar a singularidade e a universalidade, mas de ser o centro organizador objetivo dessa relação." (p.225), e ainda complementam:

"Ao utilizarmos a categoria mediação, possibilitamos a utilização, a intervenção de um elemento/um processo, em uma relação que antes era vista como direta, permitindo-nos pensar em objetos/processos ausentes até então. (..) subjetividade e objetividade, externo e interno, nessa perspectiva, não podem ser visto numa relação dicotômica e imediata, mas como elementos que, apesar de diferentes, se constituem mutuamente, possibilitando a existência do outro numa relação de mediação" (p.225)

¹⁷ AGUIAR, Wanda Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*. n. 26 (2), p.222-245, 2006.

A partir disso, a análise dos materiais se dá por um processo em etapas, a partir da leitura das entrevistas diversas vezes, que no fim se constituiria os Núcleo de Significação. Na primeira leitura, se estabelecem os pré-indicadores, que seriam temas de maior emergência, seja pela repetição, pela ênfase, carga emocional, insinuações, contradições dada pelo entrevistado em sua fala, e que teriam importância para a compreensão do fenômeno investigado. No segundo momento, após a releitura do material, será possível realizar "um processo de aglutinação dos pré-indicadores, seja pela similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição, de modo que nos levem a menos diversidade" (p.230). Neste momento, a composição dos indicadores se dá não apenas pela aglutinação dos temas emergentes, mas dos conteúdos expressos pelo entrevistado, utilizando trechos relevantes das entrevistas, e já faz parte da fase do processo de análise, "mesmo que ainda empírica e não interpretativa, mas que ilumina um início de nuclearização" (p.230).

Após esse processo, em uma terceira leitura do material coletado, inicia-se um processo de articulação, "que resultará na organização dos núcleos de significação através de sua nomeação" (p.231). A importância dos indicadores se dá pela identificação dos conteúdos e de sua mútua articulação, o que revela e objetivam a essência dos conteúdos expressos no discurso do sujeito. Partindo disso, se torna possível "verificar as transformações e contradições que ocorrem no processo de construção dos sentidos e dos significados (...)" (p.231), o que permite ir além do aparente e se aprofundar nas condições subjetivas, contextuais e históricas. À nível de conclusão do processo de construção dos núcleos de significação:

"Os núcleos resultantes devem expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente, que revelem suas determinações constitutivas." (p.231)

O momento da análise dos discursos começa por um processo intra-núcleo avançando para uma articulação inter-núcleos, procurando estabelecer semelhanças e contradições nos conteúdos presentes tanto no discurso do sujeito quanto a partir das análises do pesquisador já realizadas. Aguiar e Ozella (2006) indicam:

"(..) o processo de análise não deve ser restrito à fala do informante, ela deve ser articulada com o contexto social, político, econômico, em síntese, histórico, que permite acesso à compreensão do sujeito na sua totalidade." (p.231)

Desta forma, a análise processual dos discursos, percorrendo as etapas de pré-indicadores, indicadores, até chegar nos núcleos de significação e de sua análise propiciam um movimento constante do empírico para o interpretativo, com um aumento da complexidade e profundidade em cada etapa, levando em conta todas as dimensões da vida do sujeito para a análise.

Na teoria da Psicologia sócio-histórica, as práticas sociais, as experiências vivenciadas na dimensão material, simbólica e histórica fundamentam essa construção da subjetividade dos indivíduos. Utilizando das fundamentações teóricas e metodológicas expressas neste capítulo, é possível a aproximação dessa concepção da prática do skate, que se dá em diversos espaços, com diversas pessoas, de diversas formas, a apropriação do espaço se configura como parte importante da constituição da subjetividade da população skatista.

5. ANÁLISE

Como primeira etapa da análise, se mostrou relevante após as entrevistas o delineamento do perfil dos skatistas que foram sujeitos da pesquisa, uma vez que, apesar do princípio de anonimato balizando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os participantes desejaram aparecer nominalmente na pesquisa. A escolha dos sujeitos se deu pela proximidade do pesquisador e dos sujeitos, propiciada por meio do skate e de sua prática.

O primeiro skatista *for fun* se chama Pedro Rocha Pereira, de 22 anos, estuda Publicidade e Propaganda no Centro Universitário Belas Artes, na Zona Sul de São Paulo. Pedro se identifica com gênero masculino e se auto-declara pardo. Atualmente reside na Vila Invernada, bairro da Zona Leste de São Paulo, e declara que acha que sua renda familiar é superior à dez salários mínimos. Pedro anda de skate à aproximadamente 8 anos.

O segundo skatista *for fun* se chama Rodrigo Macedo Taide Bonadio, de 21 anos, estuda Fisioterapia na PUC-SP, na Zona Oeste de São Paulo. Rodrigo se identifica com o gênero masculino, e se auto-declara branco. Atualmente reside no bairro de Moema, na Zona Sul de São Paulo, e declara que sua renda familiar deve ser entre quinze e vinte salários mínimos. Rodrigo anda de skate à aproximadamente 7 anos.

O primeiro skatista profissional se chama Otavio Neto, de 39 anos, anda de skate há 33 anos, e é profissional há 19 anos. Otavio é formado em fotografia pelo SENAC, se identifica com o gênero masculino, e se auto-declara "mistura de branco, negro e mestiços". Nascido em São José dos Campos, região do Vale do Paraíba do Estado de São Paulo, atualmente mora em Mairiporã, São Paulo, na região da Serra da Cantareira. Declarou que a renda atual está entre o skate e o café, que é dono.

O segundo skatista profissional se chama Marcelo "Formiga" Amador Vianey, de 36 anos, anda de skate há 29 anos, e é profissional há 22 anos. Marcelo "Formiga" não tem educação formal, se identifica com o gênero masculino e se auto-declara preto. Relata que sua família é do Nordeste, e que atualmente mora na região central de São Paulo, há mais

de 20 anos. Declarou que sua renda atualmente é "legal", que consegue viver e sustentar sua família com a renda oriunda do skate.

Utilizando o método de Núcleos de Significação para a análise, após a leitura extensa da transcrição das entrevistas, estabeleceu-se 5 núcleos de significação, que se deram a partir do processo metodológico de aglutinação de temas emergentes, que a partir da análise do sujeito seriam temas fundantes para as noções de espaço e apropriação e articulação intra e entre os discursos dos sujeitos, desvelando diversas intersecções nas noções singulares construídas a partir de vivências de cada sujeito.

Com isso, a análise das entrevistas foram sintetizadas nos seguintes núcleos de significação: A infância em cima do carrinho, O respeito como base das relações, "O skatista não olha a cidade como uma pessoa comum", "O skate traz vida para o lugar" e "A gente sabe onde tá pisando". Aqui é válido ressaltar que essa divisão dos processos de apropriação, pertencimento e formação subjetiva, é apenas virtual e teórica, uma vez que todos esses processos são dialéticos, simultâneos e horizontais, e que essa separação tem um caráter apenas didático, para um aprofundamento e compreensão maior das mediações estabelecidas no mundo do skate.

Outro ponto relevante de se pensar a respeito de tal simultaneidade dos processos é a eventual repetição de trechos e citações dos discursos dos entrevistados em núcleos diferentes. Isso se dá devido à possibilidade de uma análise multidimensional dos discursos, que são fundamentais em todos os prismas propostos para as análises.

5.1 A infância em cima do carrinho

Esse núcleo se mostra importante de ser analisado considerando que o fato de todos os sujeitos terem sido apresentados ao skate e iniciarem suas práticas ainda na infância, e atualmente, após anos de vivências propiciadas por essa atividade, o impacto das experiências no skate em todos os processos subjetivos dos skatistas.

O primeiro contato com o skate relatado por Rodrigo, Pedro e Otavio foi a partir da família, na qual algum membro familiar já tinha algum vínculo com o skate e assim apresentou para os entrevistados, todos muito jovens:

Minha trajetória no skate começou com meu primo, (..) e eu lembro dele me colocar em cima do skate lá na pista da cidade da minha vó (..) eu era muito novo, tinha tipo cinco anos assim e tal (..) (Rodrigo)¹⁸

Mano, eu comecei a andar de skate com seis anos, (..) meu tio andava de skate, meu tio mais novo, irmão do meu pai, ai quando eu tinha uns três anos ele e deu um skate (..) (Pedro)

Eu comecei a andar em 87, meu tio era skatista profissional, casado com minha tia irmã do meu pai, e tinha muito skate lá na casa deles né, (..) Ai eu ficava vendo aquilo ali, achava legal, e um dia eles me deram um skate e eu comecei a andar (..) (Otavio)

Já o primeiro contato de Formiga com skate não se deu a partir da família, mas sim por meio da proximidade de sua casa com um lugar onde pessoas andavam de skate:

(..) Eu morava ali no Belenzinho, (..) a galera já *colava* ali naquelas áreas, e eu vim morar ali, e vi essa rapaziada de skate ali, e ganhei um skate dos muleque, consegui montar um skate pra mim, que eu via eles andando e ficava *de cara* né, falava "caramba, que *parada* bem loca né?" (..) Mas eu via a galera brincando com o skate ali, e acabei montando um skate, e me juntei com a rapaziada (..) isso eu devia ter tipo sete, oito anos, *ta ligado?* (Formiga)

¹⁸ Todas as citações utilizadas das entrevistas foram utilizadas de forma integral e sem correções, visando a fidedignidade com os termos e expressões utilizadas pelos skatistas entrevistados.

Uma grande diferença entre as vivências dos *for funs* e dos profissionais, na retomada histórica de cada sujeito, é que enquanto os skatistas *for fun* após o primeiro contato pararam de andar de skate por diversos motivos:

(...) então por um período eu fui me afastando até encontrar outros amigos que andava de skate de novo *ta ligado?* Isso foi acontecer quando eu tinha uns quatorze anos mais ou menos (..) (Pedro)

(..) e ai quando eu tinha uns dez anos de idade, quando eu já estava morando em São Paulo, os meninos do prédio assim, começou uma febre de skate, (..) e ai em 2007 mesmo eu descii e tal, fui trocar idéia com os meninos, na brincadeira de andar de skate (..) andei direto até 2009. (..) Só que ai em 2009 eu tive minha primeira lesão, (..) e ai *mano*, eu voltei a andar em 2011, 2012. (..) (Rodrigo)

Os profissionais continuaram a andar de skate durante todo o período de sua infância e adolescência, seja pelo contato com pessoas e lugares propiciado pelo skate, seja pelo skate ser uma, se não a única, possibilidade de sobrevivência para o sujeito:

Ai eu comecei a conhecer uma galera que andava no meu bairro, a gente começou a andar junto, ai depois campeonatinho de bairro, campeonatinho na cidade, depois no Vale do Paraíba, depois os campeonatos em São Paulo. E o campeonato sempre foi uma forma de se movimentar né? Sem o campeonato ficava difícil sair pra conhecer outra cidade porque não tinha objetivos né? Ai com campeonato ajudava a ter objetivo de ir pro campeonato e conhecer a cena local. (Otavio)

Ai andei até uns nove (anos) ali, acho, e ai com dez anos eu sai de casa *ta ligado*, com 10 anos eu sai de casa e fui viver o skate. Ai eu conheci o Mancha, que era um cara que tinha uma marca que chamava Street Town, muito nas antigas também, e ai eu fui meio que morar com esse cara *ta ligado*, ele morava lá no Patriarca, ele tinha fábrica de skate, fabricava *truck*, fabricava as roupa, e ai esse cara meio que me apresentou o skate (..) (Formiga)

Neste primeiro ponto já é possível uma análise do atravessamento de renda para o início da prática do skate, enquanto Rodrigo, Pedro e Otavio o skate era uma brincadeira e uma forma de interagir e conhecer outras pessoas, para Formiga, além de ser uma

brincadeira, desde o início o skate foi a maneira como ele achou para sobreviver às condições adversas durante sua vida. Tal relação fica clara em outras falas de Formiga:

(..) por que não é só um trabalho, é uma vida, é uma história de vida mesmo, (..) me dediquei 100% em cima do skate *ta ligado?* Assim, tipo, minha vida mesmo. Por que ele é um esporte, ele ta nas Olimpíadas e tal, mas ele é uma coisa que é muito mais que tudo isso, é um estilo de vida, é arte, tipo meu, se globaliza em tudo nesse mundo, tanto que hoje, 100% do segmento das coisas é em cima do que é o skate. Por que eu poderia ter tudo do skate, por que é uma família o skate (..) (Formiga)

Com essa origem do skate na vida das pessoas na infância, o caráter lúdico da prática ainda marca muito o discurso dos entrevistados, considerando o skate como um universo muito profundo e complexo, mas que vem de uma simplicidade enorme:

(...) meu skate é muito fino, eu uso as peça tudo pequenininha, uma para que é uma idéia dos anos 90, *ta ligado*, então meu espaço de felicidade é muito pequeno *ta ligado* (...) (Formiga)

(..) eu comecei como uma brincadeira de criança, e ai depois eu fui me adentrando mais no universos mesmo que é o skate, que é muito mais que uma brincadeira, que é sim, a essência é a brincadeira e tal, mas você, no decorrer dos anos que você passa no skate, você vai percebendo quão grande que é esse universo (..) (Rodrigo)

Essa relação criada ao longo dos anos com o skate e os vínculos com pessoas e lugares apresenta diversos desdobramentos, que embasam as formas de apropriação e pertencimento aos espaços e a grupos de skatistas, que serão abordados mais adiante no trabalho. Porém, a influência da prática e das vivências do skate engloba os rumos, escolhas e formas de se viver e enxergar a vida dos entrevistados:

(...) o skate é uma vivência, é um veículo que faz enxergar o mundo, (...) importa mais a vivência que ele me trouxe, de conhecer o mundo todo, conhecer vários países, várias culturas, várias pessoas diferentes, estilos de vida diferentes (...) a cultura que o skate me trouxe e o conhecimento e educação, é o que eu vou levar pro resto da vida. (...) ele te mostra que tudo é possível, tudo é possível fazer, e isso me trouxe muita firmeza na vida,

autoconhecimento, autoconfiança, maneiras de enxergar o mesmo assunto, e também a inteligência de mudar de direção rapidamente (..) (Otavio)

O skate influenciou total o rumo da minha vida, (...) atualmente estou cursando o curso de Fisioterapia (..) Que inclusive eu entrei em uma ONG que chama "Faca na Cadeira", que a gente trabalha com reabilitação de pessoas com deficiência que dependem de cadeira de rodas (...) através do esporte que é uma mistura do skate e da WCMX, (...) é algo que eu me dedico de alma, porque mistura justamente tudo o que eu curto, que é o skate, é que o ajudar o outro, que é a fisioterapia. (...) Eu acredito que é um lance que mudou minha vida, como eu me relaciono e também os lugares que eu frequento (..), a questão que o skate tem comunicação com a música (...) (Rodrigo)

Foi engraçado como o skate me deu segmentos de todas as coisas que eu queria fazer na minha vida, tipo pra onde eu quero sair, do som que eu escuto, do que eu faço, das roupas que eu visto, dos filmes que eu assisto, tipo, tudo isso foi se aproximando de uma forma bizarra *ta ligado?* (...) acho que desde até de o que eu acredito de mundo assim (..) em como eu observo o espaço ao meu redor, e como eu me relaciono com as pessoas ao meu redor (...) (Pedro)

Desta forma, após anos de vivências no skate, até as formas de se observar e entender o mundo e a vida são atravessadas pelas compreensões e conceitos construídos pelo skate e sua prática, além do atravessamento profundo do skate constituição do sujeito e de sua subjetividade, como sujeito skatista com uma subjetividade skatista, que é expressa, na cidade, a partir dos usos dos espaços públicos de uma forma singular, baseados em inúmeras dimensões subjetivas. Tal construção é resultado de um processo histórico de formação subjetiva a partir de anos não só de prática mas de imersão no universo do skate.

5.2 O respeito como base das relações

Um conceito fundamental para a compreensão da prática do skate nos espaços públicos é o respeito, seja em relação aos skatistas locais, aos não-locais e à população não-skatista. Considerado como máxima e balizador das relações, o respeito dentro do skate é expresso de forma muito específica, indo para além da maneira considerada adequada de se relacionar com as pessoas, mas também de se relacionar com os picos.

Um conjunto de ações é considerado como o código de conduta básico do skatista na sua prática, que são: reconhecer a presença dos locais e seu envolvimento com aquele espaço, compreender a prática naquele pico específico e não *rabear-atravesar* outro skatista. A expressão deste código nos discursos dos entrevistados é fundamental para a compreensão das relações estabelecidas nos picos, que ficam mais evidentes na fala dos *for funs*:

(..) o cara chega e tal, po, comprimenta a galera, demonstra um respeito com as pessoas que frequentam mais aquele lugar, que tem uma história, querendo ou não, de envolvimento também, emocional, com o lugar, o cara respeita, não é uma pessoa, não precisa ser amigo, trocar idéia, mas demonstrar o mínimo de respeito, como se fosse alguém chega na sua casa, demonstrar respeito (..) muitas vezes faz aquele lance de dar a manobra na sua frente, que você tá tentando e não acerta e você sente que o cara faz de propósito, fica *rabeando*, fica de cara fechada pra você (..) (Rodrigo)

Você saber demonstrar respeito pela galera que frequenta mais o lugar, porque querendo ou não, se você tá demonstrando respeito pela galera que frequenta mais lá, que são os locais, você tá demonstrando respeito pelo lugar, e isso é muito importante pro skatista. (Rodrigo)

O skate tem uns códigos (..) se você chega num lugar, você tem que respeitar muito as pessoas, e *mano*, você ve um cara mandando uma *trick*, você não vai mandar a *trick* na cara dele se você sabe mandar, *ta ligado? Mano*, é quase um código de ética do rolê assim (..) ele chega, troca idéia com a galera, também não precisa ser simpático obviamente, mas *mano*, o cara chega lá na moral,

(...) a galera sempre chega em um lugar e comprimenta todo mundo, não que isso seja necessário e tal, mas se você faz uma parada dessa já demonstra respeito (..) (Pedro)

(..) eu sei do *corre* que foi ter uma pista, das coisas que foram osso pra ter e tal, então o mínimo que eu faço quando to lá é preservar o espaço, respeitar as pessoas, respeitar o ambiente (..) desde eu estar fumando um cigarro e não jogar minha bituca no meio da pista, até sei la, tentar não ficar *furando* alguém e tal (..) (Pedro)

Esses códigos de conduta no pico são intrinsecamente ligados aos processos de localismo e de apropriação e posse dos espaços por skatistas, ainda mais quando pensamos dialética espaço público-privado resultado de tal processo, que será abordado de maneira mais aprofundada no núcleo "O skate traz vida para o lugar".

Neste ponto, os profissionais compartilham de tal compreensão acerca do respeito, como por exemplo na seguinte fala de Otavio, enquanto Formiga expande a compreensão para as pessoas que habitam o pico junto com o skatista:

Eu tento sempre chegar num lugar novo, comprimentar a galera, ver o que ta acontecendo, enxergar o que ta acontecendo pra depois eu andar de skate. (..) Eu fico vendo o local andar, pra ver o que dá pra eu fazer, onde não dá, de saber se portar né? Saber até onde você pode ir. Respeito (Otavio)

Eu conheço mendigo, lixeiro, ladrão, tipo né? Conheço todo mundo, eu vivo no Centro. (...) Tem o que pode se chamar de disciplina né? Respeito com as pessoas e tal. Com qualquer tipo de pessoa eu digo isso, serve pra todo mundo. (..) os locais são também os carai ai. Não é só o skatista. Então é assim, respeito prevalece (..) (Formiga)

Em relação aos profissionais, o trato do skatista local *for fun* se dá de forma diferente em relação à skatistas não-locais *for fun*, apesar de questionada por Rodrigo, pois é pressuposto que, devido aos muitos anos de prática e de vivência no skate, os profissionais sabem se portar em relação aos picos que vão, no sentido de já conhecerem e entenderem as dinâmicas e códigos dos picos:

(..) nunca aconteceu, nunca vi particularmente isso acontecer lá, de um cara (profissional) chegar e demonstrar de não ser uma pessoa respeitosa com o pico, fala "puta mano, o cara anda pra caralho, mas o cara é um pau no cu, mas foda-se" *ta ligado?* Você meio que releva, porque o cara é profissional. Isso é até uma reflexão, só por que ele é profissional ele não merece esse tipo de abordagem que os outros têm (..) geralmente eles são respeitosos porque eles têm uma vivência no skate muito grande, eles sabem se portar nos lugares, então geralmente eles são muito respeitosos, e além essa admiração do cara saber se portar, ele é um profissional, ele é um "ídolo" né? (Rodrigo)

Tal trato diferenciado é percebido pelos skatistas profissionais, que relatam que pelo fato de serem profissionais, as relações com skatistas locais se dão de uma forma muito mais branda e receptiva, argumentando que são reconhecidos pela população skatista (ainda mais com o contato pelas redes sociais), tanto no aspecto técnico de sua prática no skate, no qual conseguem mandar muitas manobras, quanto a respeito de sua história como skatista:

Por que eu acho que eu ainda sou espelho do que o muleque quer ser, ainda né (risos). O muleque quer ser profissional, quer viver do esporte, e muita gente agora com as redes sociais te acompanha, e sabe quem você é, sabe o que você fez, sabe o que você ta fazendo, então a galera vê você de perto ainda é um privilégio assim, a galera vê como um privilégio, um respeito né? (..) Mas ser profissional ajuda né? Você encurta muito espaço, muitas portas se abrem, se você for um cara legal né? Se for um cuzão vai tomar porrada, profissional ou não vai tomar porrada. (Otavio)

(..) antes você tinha que ver um vídeo, você estar com seus amigos, aquela coisa, ou até quando você via um skatista passando, você ia lá, cumprimentar o cara "opa e ai, onde é que você anda, como é que é e tal". Hoje o negócio é ao vivo. (..) Na gringa, nos Estados Unidos, quando eu fui, tipo as pessoas vinham "*respect*", *ta ligado?* (..) Isso foi uma coisa que veio se criando através dos tempo, *ta ligado?* (Formiga)

O respeito também baliza as relações sociais dos skatistas como um todo, levando essas noções para as vivências para além do skate, como fica claro nas seguintes falas:

E fora minha relação de respeito com outras pessoas e abertura com pessoas de outros nichos, de outras classes sociais, de outros gêneros, de outras

sexualidades, por exemplo, eu acredito que antes de eu andar de skate pra valer, eu era uma pessoa mais preconceituosa, mais do que eu sou hoje, eu me considero uma pessoa preconceituosa, mas já melhorei muito (..) e essa convivência com pessoas diferentes que o skate me proporcionou me fez abrir a cabeça (..) (Rodrigo)

Foi uma coisa que me ajudou muito assim, em como eu observo todo o espaço ao meu redor, e como eu me relaciono com as pessoas ao meu redor, justamente essa coisa que eu falei até zuando que o skate você colar em um espaço e não ser cuzão, eu acho que me fez entender o mundo de alguma forma também (..) mas a galera é muito empática de alguma forma, e acho que justamente porque veio essa cultura pra caralho também *ta ligado* (..) (Pedro)

Desta forma, tal noção de respeito que permeia toda a vivência do skate é a grande mediadora das relações entre todos os skatistas, e ela tem potencial de modificar a forma como os skatistas chegam nos lugares, se portam nos lugares, e sustentam tal habitação e uso dos lugares, sejam os skatistas profissionais ou não. Apesar de contraditória a relação *for fun*-profissional, ao mesmo tempo em que se idolatra e "abre as portas" para os profissionais, se descumprir os códigos básicos estabelecidos pelos skatista, pode sofrer represálias durante a sessão.

Isto posto, a influência do respeito criado no universo do skate na formação subjetiva dos indivíduos é tão grande que ele passa a balizar as relações para além das criadas durante a prática, mas que são expressas de sua forma mais pura e analisável quando pensamos nas relações estabelecidas dentro dos picos. Isso é estabelecido como base das relações tanto para skatistas profissionais quanto para os skatistas *for fun*, o que permite pensar que essa noção de respeito é elementar e originária, para os sujeitos, a partir do skate.

5.3 "O skatista não olha a cidade como uma pessoa comum"

Este núcleo trata a respeito da "visão do skatista", tema que emerge em todas as entrevistas, como um processo extremamente relevante e natural do skatista na sua prática. Tal temática atravessou todas as entrevistas realizadas, o que permite considerar essa forma de relação entre o skatista e a cidade como própria do skate, fundante não apenas na prática propriamente dita, mas nos locais em que a prática é possível, e também nas produções fotográficas, audiovisuais e históricas do skate. Isso fica claro nas seguintes falas:

Skatista sempre tá buscando um lugar pra andar de skate, é uma escada que ele pode pular, é uma parada que ele pode dar um *wallride*, um corrimão que pode descer (..) A rua é um grande laboratório, né? É onde o skatista se sente mais a vontade (..). (Otavio)

(...) desde eu andar pela cidade olhando pros picos assim, e falar "nossa, puta pico", por mais que eu não tenha habilidade técnica nenhuma pra executar o que eu olho ali (..) "nossa, olha essa borda de mármore aqui, ia correr uma puta manobra foda e não sei o que", acho que desde essa noção total fantasiosa de sair andando pela cidade imaginando os espaços, até como eu me locomovo pela cidade, (..) "aqui tem um asfalto liso, aqui tem uma descida daora". (Pedro)

(..) quando você tá no skate você começa a olhar de outro jeito sabe? (..) a visão que o skate traz, a visão que vê um banco que você pode dar um *grind*, um *slide*, você pode ver alguma elevação de calçada como uma rampa. (Rodrigo)

Com isso, as relações de mediação entre o skatista e a cidade se fundamentam principalmente na possibilidade de se andar de skate ali, seja de forma apenas imaginária como na fala de Pedro, seja de forma real, utilizando o obstáculo, criando outras formas de utilização do espaço. A possibilidade material, a disposição de elementos arquitetônicos nos picos, do skate habitar determinados, é um fator relevante ao pensarmos nessa "visão do skatista", porém, o andar de skate ali não necessariamente precisa se tornar realidade, por diversas condições. Uma delas, como foi elencada por Pedro, é a dificuldade técnica de

utilização dos obstáculos, o que mostra que mesmo com restrições para o uso, a "visão" é incorporada pelo sujeito de uma maneira muito profunda, e que independente do uso ou não daquele obstáculo, a abstração mental a respeito de tal elemento arquitetônico ainda está atravessando seu olhar para a cidade.

Outro ponto é o contato com picos por meio das mídias de skate, sejam videos, fotos ou mesmo conversas com outros skatistas. Neste ponto, a abstração do sentido ordinário dos elementos da cidade é realizada por outro skatista, mas a possibilidade do uso daquele espaço, naquele momento, é universalizado para todos os skatistas, possibilitando o uso daquele mesmo obstáculo mas até de uma forma diferente do que foi visto no vídeo. Isso fica claro na seguinte frase de Formiga:

Por que tem um lugar que eles sabem que tem esse lugar *ta ligado*? Podem nunca ter andando mas tipo, sabe, é o sonho. Tipo a gente também vê um pico lá, no vídeo, e fala "nossa, essa borda é minha, eu quero ir lá e tal, e mandar tal" *ta ligado*? (Formiga)

A procura por picos pela cidade também marcam o discurso dos skatistas entrevistados de duas formas diferentes, uma é a possibilidade de circulação pelas ruas e bairros por meio do skate, utilizando o skate como transporte e locomoção em seu cotidiano, como Pedro, e a outra se dá principalmente na região central de São Paulo, na qual a disponibilidade dos obstáculos é descoberta durante a circulação do skatista pela região, intencionalmente procurando lugares e picos novos para andar de skate.

(..) até como eu me locomovo pela cidade, as vezes eu gosto muito de andar de skate por andar, e eu penso nas rotas "aqui tem um asfalto liso, aqui tem uma descida daora" (..) eu conheço outras rotas que me ajudariam a chegar nos lugares que eu preciso de skate *saca*, então (..) você começa a conhecer os espaços, as ruas que tem chão bom, *ta ligado*, noções muito básicas de alguma forma assim, pra você saber andar de skate em algum lugar (Pedro)

(..) se eu tava numa rua de skate, tem horas que às vezes é um saco estar de skate, ficar carregando o skate, você quer ir remando, então eu virava numa rua que via o asfalto era melhor, ai virava em outra rua, outra rota (..) (Pedro)

(..) é a procura de uma borda, como meu amigo Paulinho "Barata", que é de *milianos*, né, ele sempre falou, vou falar essa palavra que é dele, que ele fala: "eu tenho tudo o que eu preciso, eu tenho uma borda e um chão liso" (risos) *Ta ligado?* Não precisa de tanta coisa, só uma borda e um chão liso. (Formiga)

E aí com a cidade, você começa a frequentar lugares mais "*undergrounds*", por que o skate tem uma origem *underground*, tem uma origem de rua, então tem os picos no centro da cidade, tipo no Vale do Anhangabaú, no Teatro Municipal, entre outros mil picos que são de rua, entendeu? (Rodrigo)

Tais discursos referendam a análise realizada por Machado (2011), na qual a procura por picos não se dá de forma apenas por acaso, e que implicam em uma circulação do skatista pela cidade que se baseia em uma lógica particular de procura e uso de determinados equipamentos arquitetônicos. Com isso, o Centro da cidade de São Paulo se mostra como um espaço de criação do skatista praticamente infinito, tanto pela proximidade dos picos que possibilitem a prática na região quanto pela disponibilidade de picos, sejam eles os picos clássicos, como o Vale do Anhangabaú, Praça da Sé, Teatro Municipal, Praça Roosevelt, sejam picos de rua, como elevações, escadas, corrimões, *flats* etc.

Um atravessamento possível a partir da fala dos sujeitos é o de classe, no qual a classe socioeconômica se mostra como fundante da compreensão de cidade e de circulação na cidade, e que de alguma forma, a prática do skate modifica tal visão considerada hegemônica, segundo Rodrigo:

Você acaba tendo uma visão da cidade quando você é dessa classe econômica de classe média, enfim, mais contida, mais e, acredito de, não observar a cidade como uma forma de você interagir com ela, mais de "você vai de um lugar A para um lugar B" (...) (Rodrigo)

Tal fala promove uma compreensão de cidade apenas como um meio de se chegar a lugares, como um passadouro que não existe vida nem movimento, e, quando existe, as vidas e os movimentos são considerados perigosos e devem ser evitados. A questão tratada por Rodrigo não é a de acesso à cidade, ou de equipamentos e serviços, de forma monetária, financeira, na qual as classes socioeconômicas mais altas têm mais acesso à

cidade do que as mais baixas, mas sim de interação e de uso com a cidade, como fica claro nas falas de Otavio e do próprio Rodrigo:

(..) uma maneira de enxergar a cidade. Não é só de passagem, é vivendo ali mesmo. (Otavio)

O skate na cidade, é, ao contrário, muitas pessoas podem ver a gente como vândalos, vagabundos, só que não. O skatista na cidade é uma evolução mental, maneiras de viver dentro da cidade, enxergar a cidade, é uma vivência né? É uma maneira de enxergar a cidade, viver dentro dela. (Otavio)

Quando você é de uma classe socioeconômica alta, você olha tipo “esse lugar é fedido, esse lugar, putz, é perigoso”, você fica mais contido, mas quando você tá no skate você começa a olhar de outro jeito, sabe? Tem toda aquela questão do localismo, você saber chegar no lugar, estudar o lugar, e além disso, a visão que o skate traz (..) (Rodrigo)

Na fala de Formiga, uma dimensão política e cidadã ampara seu uso e sua visão dos espaços públicos, que em seu caso específico é para a prática do skate, mas que é válido para a população como um todo. O skatista coloca que a ocupação e habitação dos espaços públicos, principalmente do centro da cidade, é direito e dever do cidadão, skatistas ou não, e que tal possibilidade de habitação dessa região é marcada por visões muito diferentes de espaços públicos:

Eu venho todos os dias aqui pro Vale do Anhangabaú, depois que eu fui ter essa noção também, dessa coisa da ocupação, ou de ocupar um lugar, você paga imposto, você é um cidadão, tipo é normal, você tem que estar nos lugares, nas praças, nos lugares, e poder ta bem né? (Formiga)

(O Vale) é um lugar perfeito pro skate, não só pro skate, eu acho que pra as pessoas virem, frequentar, família, tipo, é legal. É que é o centro de São Paulo né, tem mendigo, tem pessoas que vivem aqui, e que habitam esse lugar também *ta ligado*, além das pessoas que são donos dos *business*, e né, mas e do chão e das coisas que tão aqui eles não são donos né? Eu acho que todo mundo tem que vir aqui e usufruir desse lugar. (Formiga)

O embate de duas visões a respeito dos espaços públicos entra em pauta aqui, atravessado pela dimensão de classe, uma vez que na fala de Formiga, para os “donos dos *business*” a região central da cidade não é habitável, tendo em vista que o ideário social de determinadas classes socioeconômicas considera os lugares públicos do centro perigosos, como na fala de Rodrigo, por exemplo, e também pelo compartilhamento do espaço com outras categorias sociais historicamente marginalizadas, como os moradores de rua. Com isso, o skatista convoca o cidadão para habitar o lugar que não é habitável na visão da população não-skatista, ou apenas habitável quando de passagem, fundamentado a partir da noção de que o cidadão, por pagar impostos, tem direito de usufruir dos espaços públicos.

A partir da discussão realizada neste núcleo, a análise de que a visão própria do skatista frente a cidade e seu uso é central em sua constituição como sujeito, tanto para skatistas *for fun* quanto para skatistas profissionais, e que, nesse ponto, são as experiências e as vivências propiciadas pela prática do skate que possibilitam o sujeito a olhar a cidade como uma pista, independente dessa prática estar vinculada ou não com a dimensão do trabalho da vida dos sujeitos. Ou seja, a constituição do sujeito skatista é embasada por essa visão desviante de cidade, que destoa dos padrões considerados "normais" de uso da cidade.

5.4 "O skate traz vida para o lugar"

Um grande impacto dessa apropriação do espaços público pelos skatistas, segundos eles, é um processo de revitalização de espaços que são abandonados pelo poder público e pela sociedade, quando tais lugares são habitáveis para o skate. Aqui, a possibilidade de habitação do skatista de tal lugar vai para além do uso dos dispositivos e obstáculos que já estão no pico, considerando mudanças materiais como extremamente relevantes para esse processo, e não envolvendo apenas a prática do skate.

Mas antes de se debruçar sobre a revitalização, é necessário dar um passo atrás e pensar sobre o que são esses lugares "mortos" da cidade, quem os habita, quais são seus movimentos, para assim entender a vida que o skate, segundo os entrevistados, leva para o lugar. A partir do discurso dos entrevistados, elementos como moradores de rua, a violência e a sujeira são pensados como "mortificadores" de espaços:

Tipo, tem muitas praças que tavam ai abandonadas, sem uso nenhum pela sociedade, o skatista foi lá, fez um palco, depois fez, tipo a pracinha do Finha, melhor exemplo que a gente tem em São Paulo. Era uma praça, abaixo do nível da rua, que era jogado, e ele foi ali aos poucos e foi dominando a quadrinha, foi limpando por que tinha muito lixo, tinha mendigo morando, ele foi limpando, foi fazendo um obstáculo, foi fazendo outro, foi fazendo outro, e ele transformou ali num complexo, que não fica vagabundo, (...) (Otavio)

Por que na real, nas antigas mesmo, 92, 93, aqui no centro, só colava se fosse com uma gangue mesmo, porque tipo, os caras brigavam, os careca, era uma briga assim (...) antigamente você deixava uma coisa, o pegava e saia andando, e o povo saia correndo atrás (...) (Formiga)

(..) "esse lugar é fedido, esse lugar, putz, é perigoso " (..) então o skate tem essa magia de transformar lugares que as vezes uma pessoa que não ande de skate, que tem uma percepção diferente, um lugar morto em um lugar vivo que pode te proporcionar muitas histórias pra contar, muitas lembranças boas. (Rodrigo)

Com isso, a estigmatização dos habitantes e locais dos picos, anteriores à presença do skate, também está presente na fala dos skatistas, de forma dialética e contraditória, considerando que por um lado são considerados "mortos" e degradadores dos espaços, por outro, a convivência e o contato com tais populações possibilita e legitima a habitação do skatista no pico. Ainda essa convivência permeada de estigmas internos (skatista-população local) e externos (população geral-habitantes da rua), as mediações entre essas relações são sempre balizadas pela noção de respeito, que vão para além da relação skatista-skatista.

A estigmatização da população geral sobre o skatista ainda é contraposta nas entrevistas, com uma humanização do skatista, a partir de uma visão multidimensional dos sujeitos, o aproximando do cidadão comum:

(..) os skatista é como qualquer pessoa né? Trabalha, estuda, vive, tem vida. São ser humanos. (risos) (Formiga)

(..) as vezes o cara, a gente ta andando e ele quebra um vidro ele vai ser preso, e como tudo na vida. (Otavio)

Tanto analisando individualmente as entrevistas, na qual as ocupações dos sujeitos são balizadas pelo skate, mas podem não se relacionar diretamente com a prática, como por exemplo a escolha de graduação em Fisioterapia por Rodrigo, que foi balizada e se relaciona profundamente pelo skate, ou a formação como fotógrafo de Otavio que junta o skate e a fotografia, mas em contraposição, o interesse e a criação de um café não tem essa relação direta aparente. Enquanto o skate, como atividade remunerada, para Formiga, é intrinsecamente ligada ao sustento de sua família, e que, como tanto, a sua relação com skate mudou em alguns aspectos:

Eu sou uma pessoa bem privilegiada por conseguir, tipo, (..) fazem poucos anos né? Que eu vivo do skate, (..) Ter uma renda, ter uma parada pra conseguir pagar uma casa, ter uma família, sustentar uma família (..) (Formiga)

Por que é claro, eu tenho família, eu tenho né? Eu tenho que aprender horários e ta, essas coisa *ta ligado*, mas tipo, continua a mesma coisa *ta ligado*? (..) Porque tipo, nunca mudou nada. Sim tipo, né? Muda que eu tenho coisas na

minha vida que eu tenho que né? Não vou estar andando de skate como eu andava há dez anos atrás, né? Ficar aqui igual um louco largado na rua (..) (Formiga)

Mas ainda sim essa vida skatista é dialética, considerando a dimensão da contracultura que é intrínseca ao skate, que também é marginalizada e transgressora, como fica claro nas seguintes falas:

Lógico que a gente tem muita coisa que a gente quebra, quebra calçada, quebra corrimão, mais já é o contracultura mesmo, que existe ainda no skate, que pode ser que com as Olimpíadas mude muito, mas ainda existe esse lado infrator, esse lado rebelde, vou bater de frente com a sociedade mesmo, vou ver até onde vai, e tem as consequências né? Não é de graça, tem as consequências (...) (Otavio)

(...) eu falo palavrão para um caralho (risos), e acho que justamente por conta de que a gente sempre foi visto dessa forma assim mais marginalizada e blablabla, que sempre trouxe esse discurso desde punk até rap, tudo mais, sempre trouxe esse tom também quando você olha uma galera falando, tem um tom mais agressivo de alguma forma, mais raivoso *ta ligado*, (...) Ver a galera que era do rolê de skate, sair pichando na rua e tal, eu nunca curti fazer isso, mas também fazia parte do movimento, sempre tinham coisas muito agressivas e de alguma forma resistentes *ta ligado*? (Pedro)

Isto posto, na fala dos profissionais, a vida levada pelo skate vem carregada de outras dimensões para além da habitação pela população skatista, como a abertura de possibilidades de outras "tribos urbanas" nestes lugares, como por exemplo o grafitti, a arte urbana, a música, o punk, o rap etc. além mudanças materiais dos espaços, seja por meio da construção de obstáculos, por ação dos skatistas, seja por meio de criações artísticas no pico:

E o skate é uma coisa tão surpreendente que tipo, às vezes pode estar morrendo um lugar, se o skate vê aquele lugar como um lugar bom, ele vai lá, ele vai dar vida, ai vem o grafitti, já vem a música, já vem a arte, aaa (risos) já transforma em um mundo, *ta ligado*, de felicidade. (Formiga)

Acho que é uma coisa até mais profundo do que você só se apropriar de uma pista, de uma escada, mas você olha um lugar, ver a possibilidade dele e revitalizar o espaço. (..) Você traz vida pro espaço, você acaba cuidando de uma área que a prefeitura devia estar cuidando, e o skatista vai lá e faz acontecer, e isso são em várias praças, vários lugares, que a movimentação de skatistas traz vida pro espaço. (Otavio)

A análise dos discursos dos profissionais, além da dimensão material da mudança, coloca em pauta a noção do uso coletivo desses espaços construídos pelos skatistas, e que isso influencia, dialeticamente na concepção de posse dos espaços, uma vez que o uso é coletivo e o espaço é público, mas esbarra no localismo, no cuidado e no respeito. Já o discurso do *for fun*, a revitalização dos espaços se dá em nível individual, com a prática do skate propiciando para o próprio sujeito a possibilidade de habitação naquele pico, não no sentido de uma ação material no espaço que possibilitaria o uso coletivo daquele lugar, como no discurso dos profissionais:

E essa sensação de prazer, de praticar o skate, transforma aquele lugar que muitas vezes é morto pra muitas pessoas numa fonte de prazer, entendeu? Como uma possível melhor tarde da sua vida, se você tiver uma sessão muito boa lá (..) (Rodrigo)

Outro aspecto dialético a respeito da vida que o skate leva para os espaços que se apropria e passa a habitar é a dialética interna do skate, da cultura-contracultura, na qual a construção e a destruição de obstáculos é uma coisa intrínseca à prática, devido ao uso dos obstáculos, pelo o deslizar dos *trucks* ou do *shape* nas bordas, pelo impacto das rodas no chão etc. gerando desgaste nos elementos utilizados. Com isso, a contradição da construção e destruição dos obstáculos pelo skate é vista como vida pelos skatistas, por implicar em uma renovação não apenas do uso do espaço, mas pelo movimento propiciado pelos skatistas, por meio da organização em grupos, de habitação de tais espaços, intervindo ali seja para a construção de obstáculos pelos próprios skatistas, seja na reivindicação aos órgãos públicos de intervenções materiais no espaço.

Neste ponto, o discurso dos profissionais implica o skatista à essa ação nos espaços, de intervenção material, por meio dessa coletividade que permeia a prática do skate, a chamada "cultura Hawaii", ou "*do it yourself*", que historicamente marca os discursos, quando relatam sobre a cena do skate na década de 1980 e 1990:

Que ai bem no final dos anos 80 os cara ainda *varava* as rampa né? Nas vila e tal. Não tinha palquinho, trilho, essas parada né? Ai depois que veio surgir, nos anos 90, o pessoal tem os palquinhos, e começar a andar nos palquinhos na vila e tal, a parada era bem *varar* rampa, um bagulho bem *oldschool* né? (Formiga)

Antes tinha mais localismo porque não tinha muito lugar pra andar, não existia tantas pistas, uma galera tão grande, a informação demorava pra chegar (...) E nisso, uma galera de área construia uma rampa, construia um lugar novo (...) E hoje em dia não, ninguém sabe quem fez, a prefeitura vai lá e faz qualquer merda e a gente aceita (...) (Otavio)

A cultura de "Hawaii", de você construir seus próprios lugares, transformar mesmo o local né? (...) a nova geração fica esperando muito que tenha uma pista, que tenha um obstáculo, que tenha um caixote, e você não precisa ficar esperando, você pode juntar os amigos, sair, construir, mesmo que fique ruim, mas você ta movimentando, você ta fazendo algo pelo esporte, e isso vai, você vai ocupando o lugar, e vai trazendo atenção, vai trazendo a mudança (...) (Otavio)

(..) é tipo progressivo assim, uma coisa que, ela faz por si só, não precisa ter uma marca, não precisa ter nada, se tiver mesmo lá, você junta os amigos, você vai lá e faz o negócio e ele acontece. Que é energia né? Todo mundo colocando uma energia junto numa coisa. (Formiga)

Tal movimento ativo nos discursos dos profissionais é crítico aos skatistas da chamada "nova geração", considerado passivo, que de fato se mostra no discurso dos *for fun*, onde a organização coletiva, no caso de Pedro, não atuou de forma ativa na construção da pista de seu bairro, mas, em contraponto, esta intervenção estatal na região propiciou o contato e a união de vários grupos de skatistas na pista, que estavam pulverizados nos bairros próximos, criando um coletivo muito maior e mais coeso de skatistas que reivindicam

o cuidado e a manutenção de tal espaço, enquanto no discurso de Rodrigo, a presença de obstáculos móveis na Marquise do Ibirapuera está relacionada à ação de um outro skatista:

Então desde ter essas escolas que a gente andava, conhecendo a galera, vendo que mais gente andava de skate, tipo, podendo assumir que era local de algum lugar por que tinha mais gente, tinha um movimento acontecendo naquele lugar, (...) Então a partir do momento que eu descobri que existiam mais pessoas, que acontecia alguma cena assim, foi dando esse senso de localidade, *ta ligado?* Até um ponto que a gente falou "*mano, ta acontecendo um bagulho aqui, então a gente tem que reforçar que ta acontecendo um bagulho aqui ta ligado?*" A gente tinha que defender que existia também (...)
(Pedro)

(...) quando alguém leva corrimão, andar no corrimão lá, ou rampinha. (Rodrigo)

Em suma, a vida levada aos espaços pelo skate é dialética e contraditória, seja construção e destruição dos obstáculos e elementos arquitetônicos, seja na dimensão individual, na qual o skatista não é só skatista, mas envolve outras dimensões de sua vida, seja o trabalho, estudo, família etc. A historicidade nos discursos também é marcante ao comparar o antes e o depois da intervenção material dos espaços, antes como abandonados e agora cheios de vida, e o antes e o depois histórico, da cena do skate nas décadas de 1980 e 1990, a cultura de Hawaii, de construção e grupalidade, e a cena atual, de apenas uso e da espera por espaços por essa grupalidade que continua existindo.

Desta forma, a grande diferença entre os discursos profissionais e *for funs* é o da ação, materialmente falando, nos espaços, que além dela implica no entendimento de que tais mudanças nos espaços públicos são de uso coletivo, e que para tanto o atravessamento do localismo e do respeito eram fundamentais, e que no discurso *for fun* a vida levada pelo skate é do âmbito individual, com a habitação de locais conjuntamente com populações já estigmatizadas, por meio da prática do skate.

Em relação ao vínculo empregatício e sua influência na prática, não aparece nos discursos como uma obrigação na prática, apesar de ser o trabalho dos entrevistados, é muito mais profundo, e é visto como um privilégio poder se sustentar financeiramente com o

skate, gerando renda com uma atividade na qual a identificação é extremamente enraizada na vida dos skatistas.

5.5 "A gente sabe onde tá pisando"

Este núcleo foi proposto para analisar as noções de localismo nos discursos dos sujeitos, considerando esse fenômeno como um processo de apropriação completo do skatista pelo pico, que além de outros atravessamentos que serão abordados mais adiante, fundamentalmente são: o conhecimento físico do pico, o tempo e a frequência da prática no lugar, as relações sociais estabelecidas no pico, seja com skatistas ou não skatistas e as noções de cuidado, preservação e manutenção do pico. Todos esses pontos se encontram na caracterização do pico como extensão de sua casa, e que, como tanto, implicam o sujeito a uma noção de pertencimento.

As falas de Otavio e Rodrigo, esclarecem o conceito de localismo a partir da frequência, e, como consequência desse cotidiano no pico, o conhecimento físico do espaço:

Ser local é conhecer cada buraco, onde você tem, de tanto você andar lá, nesse lugar, você vai criando facilidades e facilidades, (..) você vai buscando novas maneiras de usar o espaço (Otavio)

Mas pra mim o local de um pico de skate é aquele cara que ta sempre andando no pico, tipo, ele tem uma frequência grande lá, e tem um *know how* da pista, (..), por conta dessa frequência que faz com que ele tenha um conhecimento maior do lugar. (Rodrigo)

Essa frequência do uso do espaço implica, muitas vezes, na proximidade dos picos em relação à casa do skatista, ou na acessibilidade de tal pico. Desta forma, é possível retomar uma questão acerca da localização geográfica de picos pela cidade, na qual existem os picos centrais da cidade, e existem pistas nas regiões periféricas de São Paulo, estas por intervenção do Estado para sua construção:

Eu me considero (local) é da Marquise do Parque Ibirapuera, (..) foi o primeiro espaço público que eu comecei a frequentar. (..) E ai lá por ser perto de casa (..) (Rodrigo)

(..) e consegui vim morar aqui no Centro, e estar perto do lugar (..) Praça Roosevelt, Praça da Sé (..) (Formiga)

(..) eu passei em uma escola que ficava perto da minha casa que ficava aberto de fim de semana *ta ligado*, e ela dispunha o espaço pra galera andar lá e pa (..), e anos mais tarde foi ter a pista (..) (Pedro)

Enquanto Rodrigo é local do Parque Ibirapuera pela proximidade do pico em relação à sua casa, Formiga mora no Centro intencionalmente pela disponibilidade dos espaços que são possíveis para a prática do skate. Já Pedro, que andava nas ruas e em quadras disponibilizadas pelas escolas da região em que mora, teve a forma de sua prática e suas relações transformadas a partir da construção de uma pista em seu bairro.

Outro ponto dessa relação com o espaço a partir da frequência são os vínculos construídos nos picos de skate entre os skatistas. Essas amizades fundamentam as práticas nos picos, uma vez que a prática do skate, segundo os entrevistados, é coletiva, apesar de individual. Tudo isso em um cenário comum, cotidiano, que também é carregado de tais afetos, emoções e sentimentos, no qual o skatista só de estar ali já sente a vontade, e por tanto se considerando locais:

(..) a partir do momento que eu descobri que existiam mais pessoas, que acontecia alguma cena assim, foi dando esse senso de localidade, *ta ligado*?

(..) Então a gente tinha que defender que existia também (..) (Pedro)

(..) como se fosse um *safe point* pra ele saca? O cara se sente mais a vontade lá (Rodrigo)

não sei se existe essa coisa de localismo né, mas eu amo esse lugar, há tanto anos, eu acho que isso daqui já faz parte da minha vida (..) (Formiga)

Essa noção de localismo também implica na compreensão dos lugares além do skate, no sentido da compreensão dos movimentos dos corpos nos picos, seja de skatistas, seja de não skatistas, mas que a prática do skate no lugar permite uma observação, habituação e entendimento das dinâmicas locais, a ponto do skatista se sentir seguro de estar ali:

(..) a gente sabe onde ta pisando, onde tá, sabe tudo. Muitas vezes a gente termina de andar e fica lá na praça sentado, curtindo o movimento, pessoas

normais tem medo de fazer isso, por que não sabe o que acontece na sua volta, a gente já chegou, andou, olhou quem é quem, olhou em volta, a gente tem a liberdade de pegar e ficar sentado, (..) (Otavio)

(..) mudou por que as pessoas respeitam mais, *ta ligado?* As próprias pessoas que vivem na rua, ninguém mais rouba ninguém, tem gente roubando, tá por aí, se você estiver *marcando* pode ser roubado, entendeu? As coisas tão tudo aí, é o mundo, basta você conseguir enxergar, e ver na onde você tá né, como eu to aqui há muitos anos aqui (..) (Formiga)

(a rua) É onde o skatista se sente mais à vontade porque ele tá vendo a vida acontecer ali, é mendigo, é gente rica falando um com outro, são cheiros, e tudo isso vai criando um repertório (..) (Otavio)

Ser local é desde você saber quais são as coisas que acontecem naquele lugar, você saber se habituar em qualquer situação (Pedro)

É você conviver com o mendigo ali, que tá passando no meio do pico, é chegar um policial lá e você ficar um pouco com medo, mesmo não tendo motivos pra ficar com medo, é você ficar preocupado com o carro que passa se você vai mandar uma manobra na rua (..) (Rodrigo)

A horizontalidade de tal entendimento em todos os discurso demonstra também que a visão do skatista é mais do que apenas a procura do pico para a prática, mas que, quando possível a existência do skate ali, os skatistas passam a habitar aquele espaço e ver ali como um local no qual se pode estar, para além do andar de skate. Isso também contribui para o estabelecimento de relações com as pessoas que habitam ali que não são skatistas, possibilitando uma desconstrução de estigmas que marcam a população skatista:

Mas como o skate é uma parada que é social né, *ta ligado*, a gente socializa com qualquer tipo de gente, tem cara que vem trocar uma idéia e tal (..) (Formiga)

Eu conheço mendigo, lixeiro, ladrão, tipo, né? Conheço todo mundo, eu vivo no Centro. (..) até o cara de uma vendinha que vou ali comprar água com o cara, "você é aquele cara", esses dias aconteceu isso "ah, você é aquele cara que fica lá no Vale pulando o dia inteiro" (risos). (..) as pessoas sabem que eu ando

de skate, vivo skate, o sapateiro, o cara do açougue, o cara do bar, o outro é o ladrão (..) (Formiga)

Toda essa soma de vivências compartilhadas pelos skatistas nos picos que se consideram locais constroem um sentimento de uma apropriação tão grande, que nos discursos ele se confunde com a noção de posse do espaço, nas quais os espaços públicos em que se realiza a prática do skate são uma extensão dos espaços particulares dos indivíduos:

(..) como se fosse alguém chega na sua casa(..) (Rodrigo)

(..) é como se fosse o quintal da minha casa, *ta ligado* (..) (Formiga)

Perfeito. Tô na minha casa. Simplesmente. (Formiga)

Essa relação do skatista com o espaço em que se considera local existe no limiar entre o público e o privado, sendo mais público em determinados momentos ou mais privado em outros, de forma dialética, uma vez que sempre são os dois ao mesmo tempo. Essa linha tênue implica no cuidado do "seu" espaço público, ou seja, que a dimensão de posse do espaço pelo processo de localismo implica o skatista a cuidar daquele espaço público como se fosse um espaço particular, e que os picos são públicos mas tem donos:

(...) porque é o único lugar que eu vi acontecer e tenho que prezar. Por muito tempo eu não vi um lugar pra andar de skate *ta ligado*? Então eu acho que toda essa manutenção e preocupação também acontece dentro desse espaço. (Pedro)

E o localismo era, é legal por que o cara cuida do pico (..) você fala "pô, tem alguém aqui tomando conta, não é só chegar" (..) Mas localismo se baseava em cuidar do espaço, e quem chegasse cuidar do espaço também (..) (Otavio)

Rodrigo e Otavio ainda fazem uma reflexão a respeito da postura dos locais dos picos, onde existem dois "tipos de locais", o local receptivo ou maduro, e o local agressivo ou ignorante

(...) tem aquele local mais receptivo, aquele cara que meu, não intimida ninguém, chega, te puxa pra sessão, troca idéia, deixa as pessoas mais a

vontades no lugar (..) E tem aquele local também (...) que é no sentido de tipo, ser um cara mais agressivo no sentido de tipo você chegar, você ser uma pessoa estranha no lugar, as vezes o cara ficar te *rabeando* na pista, fica de cara feia, não te comprimenta, se você tenta uma manobra e não acerta ele vai lá e acerta a manobra que você tava tentando na sua frente, isso é meio que uma, acredito que seja uma intimidação (..) De uma maneira mais impositiva, mais agressiva, entendeu? E dai pra frente, se ele for mais agressivo ainda, e ele, de repente, uma galera que é local forem mais agressivos, pô, dependendo do caso até hostilizar (..) (Rodrigo)

Então ser local é aquele cara que chega alguém novo na pista, você da todas suas manobras e deixa a outra pessoa com vergonha (risos) (..) E esse negócio de local pra mim mudou muito, antigamente eu era local de vários lugares e tinha essa atitude que eu te falei, então acho que não é legal. É legal se chegar você recebê-la, tratar bem, falar pra ela "tem um buraco ali, tem um buraco ali, eu acho que tem que ser ao contrário. Mas isso é maturidade (risos). (..) Quando eu era muleque, mais arrogante assim, não era arrogante, era ignorante né? Não tinha muita informação que eu tenho hoje em dia né? Chegava, andava, não olhava pro lado e que se foda, mas hoje não (..) (Otavio)

Outra coisa extremamente relevante para a compreensão dos processos de apropriação e localismo é a coletividade que se cria na comunidade skatista, seja dos skatistas locais, seja com a identificação com a população skatista como um todo. Nos picos, o conhecimento físico, a frequência e as relações sociais ali estabelecidas sustentam a formação de grupo, *crews*, ou gangues, e a organização nesses coletivos assegura tanto o localismo, quanto as intervenções materiais no espaço e o respeito:

To com minha *crew* lá (...) quando eu não tenho nenhum amigo pra andar de skate, as vezes eu me sinto menos a vontade de por exemplo, ir pra Praça Roosevelt, ou ir pro Clubão, ou ir pra uma pista tal, porque eu não tenho muito *know how* do lugar (...) (Rodrigo)

(..) me juntei com essa rapaziada ali que era tipo uma gangue dos anos 90 que tinha ali no Belém, que se chamava DDB, Doentes do Belém (...) Não tinha palquinho, trilho, essas parada né? Ai depois que veio surgir, nos anos 90, o pessoal tem os palquinhos, e começar a andar nos palquinhos na vila e tal, a

parada era bem *varar* rampa, um bagulho bem *oldschool* né? Igual os caras falam hoje, *oldschool*, e tal. Tipo, eu nem sabia o que era isso mas já tava ali com os caras nessa época, *varando* rampa. (Formiga)

(...) você não precisa ficar esperando, você pode juntar os amigos, sair, construir, mesmo que fique ruim, você ta movimentando, você ta fazendo algo pelo esporte e isso vai, você vai ocupando o lugar, vai trazendo atenção (...)
(Otavio)

(...) você junta os amigos, você vai lá e faz o negócio e ele acontece. (Formiga)

Com isso, as noções de apropriação e pertencimento dos espaços, são atravessadas por diversos conceitos típicos do universo do skate, que passam pelo conhecimento físico do pico, a frequência, os vínculos criados no espaço, sejam com pessoas não-skatistas, seja na criação de coletivos, a ponto de subsidiar a prática do skate no espaço público e sua fronteira com o espaço privado.

Tais relações são compartilhadas entre profissionais e *for funs*, porém se observa uma radicalidade maior no discurso dos skatistas profissionais, na qual a intervenção material nos espaços públicos é fundamental para o "verdadeiro localismo", como foi vivenciado na década de 1980 e 1990 pelos skatistas. Contraditoriamente, apesar de considerá-lo algo extinto, os próprios profissionais assumem que não sofrem tanto as represálias e implicações dos códigos de conduta formadores do localismo exatamente por serem profissionais, inclusive isso sendo subsidiado pela fala de um skatista *for fun* frente a um profissional que vai andar de skate no seu pico, mas que, ainda sim, o localismo se mantém como mediador das relações nos picos de skate, como extensamente vivenciado e descrito nas falas dos skatistas *for fun*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo este trabalho, o objetivo inicialmente proposto da presente pesquisa era de aprofundar o entendimento a respeito dos processos de apropriação dos espaços pela população skatista, considerando a profundidade de tal relação do sujeito skatista com a cidade. Apesar da bibliografia ser restrita, as informações propiciadas pelas referências utilizadas foram de suma importância para o embasamento e o reconhecimento de que tal população merece atenção e estudo.

A minha produção deste trabalho, como pesquisador, foi muito complexa e ambivalente, pois como skatista, o interesse sobre o tema e os discursos dos entrevistados me tocaram de uma maneira muito forte, pela minha profunda identificação com a temática. Porém, ao mesmo tempo que eu já estava imerso no skate há anos, a necessidade de um distanciamento, de uma análise e reflexão a respeito de processos nos quais eu me vejo, que eu passo e sinto cotidianamente foi difícil mas extremamente potente.

Como resultado, foi possível concluir que os processos de apropriação dos espaços por skatistas é muito mais profundo do que se imaginava, envolvendo diversas outras dimensões, aspectos e detalhes que corroboram para o uso e o olhar tão singular do skatista frente à urbe. Algumas destas dimensões foram analisadas nesta pesquisa, como as relações de localismo, a noção de respeito, o movimento que o skate produz nos espaços e a influência do skate e de sua prática na subjetividade dos sujeitos. Seguramente diversas vicissitudes não foram levadas em conta nesta pesquisa, seja intencionalmente, pelo direcionamento proposto na pesquisa, seja não intencionalmente, pela profunda complexidade das vivências e dos processos relacionados à população skatista.

Com isso, a diferença mais relevante entre esses processos de apropriação entre skatistas *for fun* e skatistas profissionais é a historicidade das vivências. A retomada histórica realizada pelos skatistas profissionais recuperam experiências com o skate que são datadas, inseridas em um contexto no qual o skate era algo muito mais marginalizado e precarizado, e como tal, as reações e as relações eram muito mais acirradas. Atualmente tal cenário mudou, com uma esportivização do skate, a ponto de passar a ser uma modalidade olímpica,

e com uma universalização, sendo um dos esportes mais praticados no Brasil. Essa transformação do skate através do tempo mudou muito a prática e as relações, porém, questões fundamentais do skate se mantiveram, como o localismo, vivenciado pelos skatistas *for fun*.

Além disso, ainda como reflexo de tal historicidade da prática, a noção de mudança material nos espaços públicos é muito marcante no discurso dos profissionais, pois no contexto histórico dos skatistas tal ação era necessária para andar de skate. No contexto atual, no qual existem dispositivos para a prática do skate espalhados pela cidade, sejam eles picos de rua, picos clássicos ou pistas, a necessidade de construção de obstáculos não é mais tão relevante para a prática dos skatistas atuais. Ainda sim, a construção de obstáculos está mais ligada à coesão e o compartilhar entre grupos e *crews* de skate do que de fato à uma falta estrutural de obstáculos.

Desta forma, apesar de diferenças históricas nos discursos dos entrevistados, a base de todas as falas continuar a mesma: o skate e a importância dele nas suas vidas. Então sim, os processos de apropriação têm suas diferenças nas duas populações, porém as semelhanças e os cruzamentos se mostram como mais relevantes do que os distanciamentos.

Assim sendo, esta pesquisa abre a possibilidade de aprofundar o estudo de tal população que cresce consideravelmente no Brasil, e que construiu com o passar dos anos, uma visão própria de sujeito, de cidade e de mundo, seja pelas lacunas conceituais e analíticas deixadas por este trabalho, seja pelo despertar de interesse pelos skatistas e por suas vivências.

7. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Junqueira; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

AGUIAR, Wanda Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*. n. 26 (2), p. 222-245, 2006.

AGUIAR, Wanda Junqueira. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, Ana. GONÇALVES, Maria. FURTADO, Odair. (orgs.) *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2007.

ARANHA, Elvira Maria Godinho. *Equipe Gestora Escolar: as significações que as participantes atribuem à sua atividade na escola*. Um estudo na perspectiva sócio-Histórica. 2015. Dissertação (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

BOCK, Ana. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: BOCK, Ana. GONÇALVES, Maria. FURTADO, Odair. (orgs.) *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2007.

BRANDÃO, Leonardo. “O skate invade as ruas”: história e heterotopia. In: RUA [online]. 2014, no. 20. Volume II - ISSN 1413-2109. p. 51-60. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

CATEGORIAS. CBSK. Disponível em: <<http://umti.com.br:8040/paginas/categorias>>. Acesso em 1 julho 2018.

COSTA, Gabriel Maschião da. *Interlocuções entre o skate e a psicologia a partir de uma análise ética, estética e política*. 2010. Tese (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

DIAS, Mariana. A representação do espaço urbano pelos skatistas de Curitiba/PR. 2014. 9f. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

DIRTY MONEY - UMA GERAÇÃO QUE TRANSFORMOU O SKATE NO BRASIL. Direção de Alexandre Vianna e Ricardo Koraicho. São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9wPFskivO-k>>. Acesso em: 25 maio 2018.

DOGTOWN AND Z-BOYS. Direção de Stacy Peralta. Estados Unidos, 2001.

GOLÇALVES, Ana. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, Ana. GONÇALVES, Maria. FURTADO, Odair. (orgs.) *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2007.

GONZALES REY, Fernando. *Epistemologia cualitativa y subjetividad*. São Paulo, Educ, 1997.

HISTÓRIA DO SKATE NO BRASIL. CBSK. Disponível em: <<http://umti.com.br:8040/paginas/historia-do-skate-no-brasil>>. Acesso em 25 maio 2018

INSTITUTO DATAFOLHA. Praticantes de skate: penetração nos lares. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://umti.com.br:8040/uploads/ckeditor/attachments/4449/Pesquisa_Datafolha_2015.pdf>. Acesso em: 20 abril 2018.

LURIA, Alexandre R. Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luría. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

MACHADO, Giancarlo M. C. De "carrinho" pela cidade: A prática do *street skate* em São Paulo. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade de São Paulo. São Paulo.

MARX, Karl. Contribuição à crítica da Economia política. In: Obras Escolhidas, t. I, pag. 339. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

OLIC, Maurício Bacic. *Entre o liso e o estriado: skatistas na metrópole*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

8. ANEXOS

8.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de graduação de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estou realizando uma pesquisa sobre “A APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS POR SKATISTAS NA CIDADE DE SÃO PAULO”, coordenada pelo professor José Agnaldo Gomes.

Este estudo tem por objetivo investigar como os processos de apropriação dos espaços são formadores da subjetividade do skatista, e comparar tais processos entre skatistas "for fun" e skatistas profissionais.

Sua contribuição nesta pesquisa corresponde em responder uma entrevista semi-estruturada, que terá duração média de uma hora, se permitir, será gravada e transcrita, com o propósito de possibilitar a cópia fiel de seu conteúdo.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo.

Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la. Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Caso o (a) entrevistado (a) queira os resultados, estes estarão a disposição quando finalizada a pesquisa.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao entrevistado. Se houver necessidades de esclarecimentos de outras dúvidas decorrentes da entrevista tanto o pesquisador quanto o orientador se dispõe a saná-las através do celular (11) 97225-6734 ou e-mail: lfdravelli@hotmail.com ou jagomes@pucsp.br

Assinatura do pesquisador

Assinatura do pesquisador responsável

Eu, _____, fui informada(o) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e que poderei modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro entendi o objetivo da pesquisa e que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Paulo, ____ de _____ de 20 ____ .

Assinatura do(a) participante

8.2 Glossário

5050: Manobra na qual o skate desliza sobre os dois eixos sobre a borda.

7.75: Medida de tamanho do *shape*, em polegadas.

Andar de skate: O ato correspondente à prática do skate.

Atravessar/rabear/furar": Uma ação que interfira na execução de uma manobra ou *linha* de outro skatista.

Capotasso: Vem de “capote”, que é a queda no chão durante a prática.

Carrinho: O mesmo que skate.

Colar: Comparecer.

Coping Block: Borda das pistas que pode ser de concreto, cano de PVC ou de ferro.

Corre: O termo corre aparece com dois significados diferentes, um é a respeito da trajetória dos skatistas, envolve tempo, esforço etc. O segundo significado é deslizar.

Crew: Grupo de amigos.

Dar/Mandar manobra: Realizar uma manobra.

Flip: Manobra de skate na qual o *shape* gira em parafuso debaixo do skatista, girando para trás.

Game: O chamado “*game of skate*” é um jogo realizado por skatistas. O primeiro skatista realiza uma manobra, e os outros participantes tem que repetir a mesma manobra. Quem não acerta, recebe uma letra, a primeira é S, a segunda é K, e assim sucessivamente até completar a palavra SKATE. Caso o primeiro skatista erre a próxima manobra, o segundo skatista da fila realiza uma manobra diferente da primeiramente realizada, e assim o jogo continua.

Gap: Distância entre duas calçadas, telhado, ou qualquer outro espaço.

Grind: Manobras que envolvem o deslizar dos eixos do skate no obstáculo.

Heel: Manobra de skate na qual o *shape* gira em parafuso debaixo do skatista, girando para frente.

Linha: Sequência de manobras diferentes feitas pelos skatistas.

Manual: Manobra na qual o skatista se equilibra em apenas um eixo.

Ollie: Um salto dado com o skate batendo com o tail da prancha no chão ou na superfície da rampa, fazendo-o elevar-se.

Palco: Obstáculo para o skate.

Pico: Lugar ou espaço onde se encontram os obstáculos pelos skatistas e onde se realiza a prática.

Pole jam: Uso de um pedaço de poste torto no chão para executar uma manobra.

Remar: Dar impulso com o skate.

Roda 50: Medida de medida das rodas do skate, em milímetros, no caso, 50 mm.

Sessão: Andar de skate durante certo período.

Shape: Prancha de madeira do skate.

Skatável: Um lugar *skatável* é onde é possível a realização da prática do skate.

Skatepark: Local onde se localiza a pista de skate.

SkateStopper: “*Skate stopper*” é um uma peça de ferro fixada em bordas, corrimões ou outros lugares que se possa andar de skate para fisicamente impedir a prática e a utilização de tal obstáculo.

Skatista *for fun*: Skatista *for fun*, ou por hobby, é aquela pessoa que se identifica com a cultura do skate e realiza a prática do skate por que gosta.

Slide: Manobras que envolvem o deslizar do *shape* do skate no obstáculo.

Street skate: A modalidade *street* é a prática do skate realizada na rua.

Treta: Termo com diversos sentidos, o abordado na pesquisa é o de dificuldade.

Trick: O mesmo que manobra.

Truck: Eixos de metal que compõe o skate.

Varar: Pular sobre com o skate.

Videoparts: *Videoparts* são uma produção audiovisual individual do skate inserida em um filme longa-metragem de skate.

WCMX: Do inglês, Wheelchair Moto-cross, é uma práticas nas pistas e picos de skate com a cadeira de rodas.

Wallride: Paredes os os skatistas mandam manobras.

8.3 Transcrição da entrevista com Pedro

Entrevistador: A primeira parte são dados gerais, começa com nome

Entrevistado: Pedro Rocha Pereira

Entrevistador: Idade?

Entrevistado: 22 anos

Entrevistador: Escolaridade?

Entrevistado: Hm, cursando faculdade

Entrevistador: Gênero?

Entrevistado: Masculino

Entrevistador: Raça/cor?

Entrevistado: Pardo

Entrevistador: Região da cidade que mora?

Entrevistado: Zona Leste

Entrevistador: E Renda?

Entrevistado: Como? Em salários mínimos? Não tenho muita certeza, mas acho que superior à dez salários mínimos.

Entrevistador: A primeira pergunta seria pra você contar um pouco sobre sua trajetória no skate.

Entrevistado: *Mano*, eu comecei a andar de skate com 6 anos, tinha umas referências muito x assim de skate, meu tio andava de skate, meu tio mais novo, irmão do meu pai, ai quando eu tinha uns 3 anos ele me deu um skate, só que foi um aniversário que eu tinha fudido minha cabeça, *tá ligado?* Eu tomei um *capotasso*, tomei uns pontos nesse aniversário e ganhei um skate e não consegui andar. Então ficou um tempão lá jogado e tal, e ai um primo meu começou a fazer umas aulas no SESC, de skate *ta ligado?*, no SESC Belenzinho, e ai eu comecei a fazer também, e comecei a andar lá direto. Ai andava lá e andava na Plasma, depois de algum tempo, 2004 assim, comecei a andar na Plasma, e comecei a andar de skate em 2003 com 6, 7 anos.

Entrevistador: E o que mais?

Entrevistado: Ah, *pode cre*, é minha trajetória inteira. *Velho*, e ai mantive isso, andei pra caralho na Plasma por um bom tempo, até 2006, que foi um pouco antes da reforma do SESC, e andei pra caralho de skate lá, sempre andei de skate lá, e segui mais alguns anos andando na Plasma, até 2007 mais ou menos, por que tinha um amigo em comum no colégio que andava também. A galera da minha rua não andava muito de skate e tal, não tinha muito ciclos da galera de skate, fora a galera do SESC, que também não tinha muito contato, eu era muito pequena e *pa, ta ligado?* Não tinha o MSN da galera nem nada, então por um período eu fui me afastando até encontrar outros amigos que andava de skate de novo *ta ligado?* Isso foi acontecer quando eu tinha uns 14 anos mais ou menos. E ai eu voltei a andar de skate, só que antes eu andava muito em pista *ta ligado?* Fiquei muito atrelado à andar em pistas também, isso deixou meu skate bem parado. Ai quando eu conheci uma galera, com

uns 14 anos, a galera andava mais na rua, de *street*, E aí eu comecei a andar mais na rua também nesse rolê. E aí eu comecei a curtir mais, e segui andando, andava muito sozinho tá ligado, andando no meu bairro dando umas remadas bem bosta porque não tinha referência também eu não sabia dar um *ollie*, não sabia dar um *flip*, sabia dar *heel* na real. Até que um dia eu estava andando perto da minha casa e na real assim eu tava andando de skate quando eu fui para o Objetivo eu tava mais ou menos voltando a andar, tinha uns 15 anos aí, eu tinha eu já saí do Brasília tem 14 anos andava bastante sozinho e fui para o Objetivo encontrei uma galera que andava e comecei a andar mais skate também, principalmente com o *brother* meu Gondim, que não curtia muito andar de skate, hoje não anda de skate mais, mas se identificava muito com o rolê e tudo mais, tinha o skate e a vontade de andar, e a gente saía pra andar, conheci o Nogu depois disso, numa pista também, um *brother* meu, andava de skate pra caralho com ele, e fui fazendo essas relações de amigos, meus amigos, meu melhores amigos que eu fiz durante esse período que eu tinha 16 anos e tenho até hoje são meus *brothers* que andavam de skate *ta ligado*. Então de uma coisa que eu comecei a andar por que meus pais periodicamente viam a necessidade de eu fazer um esporte quando era pequena *ta ligado*, tipo "vamo matricular o muleque na nataçãõ e pa", eu quis o skate, tinha essas aulas no SESC que eu andei, e depois acabou sendo sei lá, uma coisa que me aproximava de uma galera *ta ligado*, então porra, quando eu mudei de colégio, que foi a primeira vez que eu tinha mudado de colégio, tinha que ter uma coisa que eu ia procurar de referência *ta ligado*, na galera *ta ligado*, e eu lembro que o Nogu viu que eu tava com um tênis fudido da Vans *ta ligado pa*, aí ele falou "deve ser mais um moderninho aí *ta ligado*, que acabou de andar de skate" por que tava na moda na época a galera fazer isso. Mas eu andava de skate e via que a galera já ia se identificando, e eu acho que esse período da minha adolescência até a hora que eu terminei o colégio e tudo mais, foi onde se firmou mais o que era skate pra mim *ta ligado*, que era justamente ele *lifestyle* de ter esses *brothers* e ter essa galera, ter esse rolê, ter esse contexto, que é meio que o segue até hoje *ta ligado*, e eu fui acompanhando o skate também no meu bairro, conhecendo uma galera, que antes eu não via, hoje eu vejo mais gente andando e tal, inclusive em um desses rolês que eu dava sozinho quando eu tinha uns 14 anos, que eu já tava conhecendo uma galera que andava,

eu passei em uma escola que ficava perto da minha casa que ficava aberto de final de semana *ta ligado*, e ela dispunha o espaço pra galera andar la e *pa*, e eu tava andando na frente dessa escola e nem sabia que tinha uma galera andando dentro, e os muleques que andavam dentro me viram andando fora e falar "cola aqui" *ta ligado?*, ai eu conheci uma galera do meu bairro que andava de skate quando eu não sabia nem fudendo que isso existia *ta ligado*, e anos mais tarde foi ter a pista e eu vejo essa galera que andava no meu bairro junto com a galera da pista e eu vejo a galera de outros bairros próximos, que tinham a mesma semelhança assim *ta ligado*, se conheceram em praças ou escola, mas sempre por que tinha um chão liso né, por que tinha um espaço adequado pra andar de skate *ta ligado*.

Entrevistador: Mais alguma coisa sobre sua trajetória?

Entrevistado: Não, eu acho que foi isso *ta ligado*, acho que a *parada* que sempre ficou envolvida no contexto de *brother* e não sei, talvez das coisas que eu acredito e de outras referências que eu absorvo, acabou se firmando em tudo que eu ouço, tudo que eu visto, tudo o que eu faço, minhas tatuagens, as coisas que eu falo, fumar um baseado, todas essas coisas que tem tudo a ver. Tipo, acho que toda essa cultura foi fomentando uma caralhada de outras coisas que estava próximas *ta ligado*, que *mano*, não só ando de skate, meu skate fica lá em casa, ando muito menos do que sempre andei, mas eu vivo todas as coisas que absorvi com base nisso *ta ligado*, pra caralho.

Entrevistador: A próxima pergunta é: o que para você é ser *local* de algum *pico*?

Entrevistado: *Velho*, eu tava trocando idéia com um amigo meu esses dias, e a gente tava falando dessa coisa, a gente tava em um *rolê* no Centro assim, *ta ligado*, tava justamente pensando nessa questão de ser *local*, e a gente falou "*velho*, é muito engraçado, quando a gente vai pro Rio de Janeiro *ta ligado*, você chegar no centro velho, as pedras portuguesas, *pa* e não sei o que", *mano*, você fica muito esquecido das suas referências, *pa*, e quando você ta no seu espaço, você tem tanta coisa pra absorver que você nem *saca* o que ta

rolando. Então a gente chegou no centro de São Paulo esses dias, tava olhando a Rua dos Bancários assim, *pa*, ai falou "nossa, bizarro tipo, a gente manja até a história dessa porra, mas a gente tem tanta coisa pra observar aqui que meio que foda-se", e acho que, não sei assim, ser local é desde você saber quais são as coisas que acontecem naquele lugar, você saber se habituar em qualquer situação, então por exemplo, a gente tava no centro, a gente queria dar um tempo, ficar suave, a gente falou "porra, tem a pracinha aqui no terraço da Galeria, *ta ligado*, vamos lá", a gente subiu no terraço, a gente sabia o que tinha, depois foi no SESC na frente. *Mano*, a gente tinha tempo pra caralho livre, mas não tinha meio o que fazer, mas tava super habituado, não tinha nenhum cronograma mas era como se tivesse em casa, *saca?* Você ta na sua casa, ai voce fala "po, vou ver então o que tem no Youtube", ai você abre la no Youtube, e depois vai pro Netflix foda-se, é meio que isso *ta ligado*, você saber meio que os lugares que você tinha pra explorar, você saber mais ou menos o que cada lugar daquele concentrava de referência, e o que você tava afim de absorver ou não naquele momento, *ta ligado?* A gente tava numa brisa mó, tinha andado lá no centro, ah, vamos comer no Ponto Chic *ta ligado*, um bauru lá, por que *mano*, o *pico* era mó brisa, a gente tava chapadão, viu aquele monte de prataria, uns cara *tiozão* pedindo chopp, a gente falou "ah *mano*, isso aqui faz mó *vibe* do lugar *ta ligado*", no meio da praça *pa*, e acho que é não só você saber absorver, se estar habituado em qualquer lugar, mas também no seu *mood*, *ta ligado?* Tipo *mano*, *saca* quando você acorda assim, no metro, ai você põe uma musica e voce fala "po, essa musica não ta legal", ai você põe outra, e põe outra, até que uma que você nem percebe que ta rolando mas você ta olhando pra janela, ta mó *vibe*, e é aquela *parada*. Eu acho também que quando você é local voce sabe fazer o teu *mood*, *ta ligado?* As vezes eu to na Paulista e ta um frio do *caralho*, *mano*, sei lá, eu coloco o fone, ponho uma música bosta pra caralho, tipo, vou ouvir aquelas músicas *deprê* assim, compro um café no Starbucks tipo, "*tumblr boy*" do caralho e to lá, ninguém ta me vendo, eu to suave, mas to fazendo minha brisa. Ou pode ser que eu to lá, sussa, no MASP, vejo os artesanato nada a ver que ta rolando, *ta ligado*, puta calor, *trombo* uma galera, depende muito da *vibe* que voce ta, também você saber se habituar *ta ligado?* Mas acho também uma *parada* que também forma essa questão de ser local o quanto você defende o lugar que você

ta, *ta ligado?* E isso eu acredito que se baseia muito numa coisa que eu chamo de escala. Então *mano*, por exemplo, eu moro na Vila Invernada, meu bairro e tal, e você mora aqui no Ana Rosa, *cara*, você conhece todos os lugares que tem aqui, todos os restaurantes, todas as *paradas*, eu estudo aqui há muito tempo, então eu conheço bastante coisa daqui, mas você conhece todo o cotidiano do seu lugar *saca*, você sabe o que se pode fazer durante o dia, você é local daqui. E eu sou local do meu bairro, por exemplo, vou andar de skate lá, tem uma pista: Eu conheço todo mundo que ta lá, eu chego, salvo um cigarro de todo mundo, porque foda-se, todo mundo sabe quem eu sou, todo mundo me vê lá, e *mano*, ninguém ta olhando minha habilidade técnica no skate nesse ponto, sei lá, é um lugar que eu sou respeitado pra caralho, por que eu tenho muito respeito todo mundo. Então eu chego, *pa*, como é um lugar que eu sempre *colo*, eu sou dos cara que sempre enche o saco se alguém chega lá e joga os *bagulhos* na pista, quebra as *parada*, por que é o único lugar que eu vi acontecer e eu tenho que prezar. Por muito tempo eu não vi um lugar pra andar de skate *ta ligado?* Então eu acho que toda essa manutenção e preocupação também acontece dentro desse espaço. Mas essa parada de escala eu acho assim, eu tenho meu bairro, você tem o seu *ta ligado*, aqui dentro de São Paulo a gente é local de dois *picos* diferentes, mas a gente vai pro Rio de Janeiro *ta ligado*, “e ai parceiro, de onde tu é?” Eu sou de São Paulo caralho, *ta ligado?* Eu sou local da porra de São Paulo. Foda-se Ana Rosa, foda-se a Vila Invernada, eu sei todas as referências que eu absorvo dentro do meu espaço *ta ligado*, eu conheço essa merda inteira *ta ligado*, eu tenho orgulho pra caralho de ser paulista, não por que eu sou *coxa* babaca, mas porque dentro de todas as coisas que eu absorvi a vida inteira e *tal*, eu tenho aqui o que me fez crescer *ta ligado*, o que me formou e a porra toda. Então *mano*, eu acredito que esse espaço me pertence pra caralho, eu sou local daqui *ta ligado?* Foda-se. E beleza, isso ainda dentro do Brasil. Mas se eu for pra *gringa*, eu vou defender isso em outra escala, eu vou defender a porra do Brasil *ta ligado*, sou brasileiro. Então eu acho que isso de ser local é também o quanto você discute as referências que você ta discutindo com o outro. Por exemplo, a gente que ta dividindo a mesma cidade, a gente estando em lugares diferentes, em bairros diferentes, eu sei me organizar no meu bairro e você sabe se organizar no seu, isso que faz que a gente seja local desses espaços, agora

quando a gente vai pro Rio de Janeiro, *tipo* coloca um carioca aqui e compara a diferença, a gente sabe se organizar dentro dessa cidade muito melhor que esse cara dentro desse espaço *saca*, a gente conhece desde o código ético da *parada* até como a cidade funciona, e a mesma coisa acontece quando você coloca um *gringo* enfiado aqui *ta ligado*, então acredito que isso é foda pra cacete. Não sei se isso responde a pergunta, mas são todas idéias que eu tenho de local.

Entrevistador: Sim, o importante é você falar o que você pensa e acha. A próxima pergunta é de onde você se considera local e por que? Tem bastante na pergunta anterior.

Entrevistado: Isso é engraçado, esses dias eu *colei* no Itaim, eu trabalhei por um ano e meio lá, e *velho*, eu fiz estágio de 7 horas, mas que na real, porra, foda-se, “estagiotário”, eu trabalhava muito mais, tava muito habituado ali. Chegava cedo pra caralho, tinha dormido nada, acordava e ia direto, minha primeira refeição era naquele *pico* e *pa*, então *mano*, já chegava no *trampo*, já tinha as *parada* na minha mesa, já pegava um café, já descia, fumava um cigarro no meu cantinho do fumódromo *ta ligado*, tomava uma *parada*, já saía, ia almoçar no meu *pico*, já tinha meu lugar, meu garçom preferido *ta ligado*, a porra toda, todos esses bagulhos. *Mano*, isso durou por um ano e meio e sei lá, é uma *parada* bizarra, eu saía do trampo fumando um *beck*, todos os dias, parecia que eu conhecia tanto aquele lugar que eu tava foda-se, não a questão da maconha em si, mas de não estar preocupado com nada, *ta ligado*? Eu só saía andando, parecia que eu conhecia tanto o espaço que era normal, tava OK. E esses dias eu só passei lá assim, tava andando pelo bairro, já tinha saído desse *trampo* há uns três meses, tava andando nesse bairro parecia tudo estranho, parecia que eu não tinha contexto pra estar lá. Antes, *mano*, eu trabalhava em uma agência de publicidade, totalmente desleixado eu trabalhava, foda-se, era OK, fiz até parte do se queria bancar trabalhando naquele espaço, e a galera inteira trabalhando em banco, advogado, de terno, a porra toda, e ainda assim eu me sentia *mó* habituado naquele lugar *ta ligado*? E agora eu tava andando lá e fiquei “nossa, o que que eu to fazendo aqui? Ta todo mundo me olhando certeza” *saca*? Não tinha nada a ver. Então eu acho que me considero sendo local dos

lugares aonde eu to frequentando muito *ta ligado*, e de alguma forma. Por exemplo eu falei que me considero local do Ana Rosa, porra, desde 2014 eu to aqui fazendo cursinho, fazendo várias coisas, tenho vários amigos que moram aqui, vivi várias coisas aqui, estudo aqui, então, eu conheço vários lugares por aqui *ta ligado*? Todas as ruas eu tenho uma que eu me habituo, então isso me traz um espírito de localidade *ta ligado*, de alguma forma, mas não é o lugar que eu sou local *ta ligado*, é tipo, eu nasci na Vila Invernada e eu sou de lá *ta ligado*? Ando na pista de skate do meu bairro, conheço todos os muleques, vivi todas as histórias, as *paradas* mais loucas que acontecem são na minha casa, eu gosto muito da minha casa em si *ta ligado*, eu tenho muitas lembranças de lá, sempre fiz festas na minha casa que sempre aconteceram, com todas as galeras que eu gostava, então todas as pessoas que eu sempre gostei, eu quis ter em algum momento ali naquele espaço, por que tem um senso de pertencimento, *ta ligado*? Eu me considero local daquele ambiente porque é onde eu literalmente cresci minha vida inteira. Meus pais construíram a casa, antes eu nascer um pouco, foram construindo até eles se separarem *ta ligado*, se eles ainda tivessem casados eu tenho certeza que ainda estariam fazendo reforma até hoje, porque sei la, foi a *pira* deles, então foi um espaço que sempre foi sendo organizado da forma que dando de alguma forma, e construindo da forma que todo mundo acreditava também, *ta ligado*, e eu tenho esse senso de localidade abre aspas, por esse espaço e acho que por isso, *ta ligado*.

Entrevistador: E no skate?

Entrevistado: *Mano*, também por lá, eu acho que.. Lógico, São Paulo, dependendo de tudo, mas com certeza pelo meu bairro, pela Vila Invernada, porque a gente viu vários bagulhos não acontecendo, e vários bagulhos acontecendo depois *saca*? Então desde ter essas escolas que a gente andava, conhecendo a galera, vendo que mais gente andava de skate, tipo, podendo assumir que era local de algum lugar por que tinha mais gente, tinha um movimento acontecendo naquele lugar, tipo *mano*, imagina você falar que é local de um pico que ninguém conhece, *ta ligado*, "sou local da onde?" "ah, sei la, sou local de um pico aleatório sei la, Vila do Rato" "onde é Vila do Rato irmão?" "não sei, sou local de lá", tipo

foda-se, não tem credibilidade nenhuma, *ta ligado?* Então a partir do momento que eu descobri que existiam mais pessoas, que acontecia alguma cena assim, foi dando esse senso de localidade, *ta ligado?* Até um ponto que a gente falou "*mano*, ta acontecendo um bagulho aqui, então a gente tem que reforçar que ta acontecendo um bagulho aqui" *ta ligado?* Então a gente tinha que defender que a gente existia também, então "a gente é local daqui sim, é local da Vila Invernada sim porra! Não sou local da Paulista", conheci o Murilo, um puta parceirasso meu na Paulista, *ta ligado?* Tava lá com um *brother* meu do Tatuapé por que era um dos picos referência de skate em São Paulo, que aproximavam várias galeras de vários picos, mas de formação assim de local *ta ligado*, *mano*, eu acho que se eu não sou da Vila Invernada eu sou da Zona Leste. E é isso.

Entrevistador: A próxima pergunta é: Como é para você quando você está no seu pico e alguém que não é local chega?

Entrevistado: Ah, é suave, depende assim. Tipo, eu acho que é muito normal, tipo porra, eu gosto de colar em vários picos diferentes *ta ligado*, e *mano*, o skate tem uns códigos assim muito engraçados, se você chega num lugar, você tem que respeitar muito as pessoas, e *mano*, você vê um cara mandando uma *trick*, você não vai mandar a *trick* na cara dele se você sabe mandar, *ta ligado?* *Mano*, é quase um código de ética do rolê assim, todo mundo entende essas paradas como: Não seja cuzão. Acho que o único código do rolê é exatamente esse. Então pô, se chega um cara no meu pico e ele ta lá de boa, ele chega, troca ideia com a galera, também não precisa ser simpaticão obviamente, mas *mano*, o cara chega lá na moral, mas não precisa ser um babaca também *ta ligado*, sei la, minimamente, a galera sempre chega em um lugar e comprimenta todo mundo, não que isso seja necessário e tal, mas se você faz uma parada dessa já demonstra respeito e pá *ta ligado*. Então acho OK colar alguém que não é do meu pico, mas que o cara respeite o espaço e respeite as pessoas que tão lá.

Entrevistador: E o oposto? Quando você vai em um pico que não é local?

Entrevistado: Eu acho que é exatamente isso, e parto exatamente das coisas que eu gostaria que fizessem no meu espaço *ta ligado*, então por exemplo, eu sei do corre que foi ter uma pista, das coisas que foram osso pra ter e tal, então o mínimo que eu faço quando to lá é preservar o espaço, respeitar as pessoas, respeitar o ambiente *ta ligado*, e se eu vou pra uma pista diferente, um pico diferente, eu acho que é exatamente isso *ta ligado*, eu procuro justamente ver todos os pontos com os quais eu não gostaria que alguém vacilasse *ta ligado*, então porra, desde eu estar fumando um cigarro e não jogar minha bituca no meio da pista, até sei lá, não tentar ficar *furando* alguém e tal, não colar lá a primeira vez e já ser um babaca, só colar e parecer suave, você não precisa ser notado mas não precisa ser notado como um babaca, ficar sussa.

Entrevistador: A próxima é: você acha que a prática do skate mudou sua relação com a cidade? Como?

Entrevistado: Pra caralho. Eu acho que desde eu andar pela cidade olhando pros picos assim, e falar "nossa, puta pico", por mais que eu não tenha habilidade técnica nenhuma pra executar o que eu olho ali, eu viajo *ta ligado*. Tipo "nossa, olha essa borda de mármore aqui, ia correr uma puta manobra foda, e não sei o que" acho que desde essa noção de total fantasiosa de sair andando pela cidade imaginando os espaços, até como eu me locomovo pela cidade, as vezes eu gosto muito de andar de skate por andar, e eu penso nas rotas, "aqui tem um asfalto liso, aqui tem uma descida daora", então como eu vou, isso é muito engraçado também porque quando eu sou local de um pico, eu sei andar de skate nesse pico *ta ligado*? Então por exemplo eu to no Ana Rosa, eu sei sair remando pra onde eu preciso, a gente ta aqui na rua Álvaro Alvim, que é uma rua cheia de paralelepípedo e a calçada são a calçada de duas universidades, a gente ta entre a ESPM e a Belas Artes, totalmente cheio de gente, não daria pra andar de skate aqui, *ta ligado*, mas eu conheço outras rotas que me ajudariam a chegar nos lugares que eu preciso de skate *saca*, então eu acho que você ser local também é quando você começa a

conhecer os espaços, as ruas que tem chão bom, *ta ligado*, noções muito básicas de alguma forma assim, pra você saber andar de skate em algum lugar. E isso é muito engraçado, eu criei uma noção da cidade muito loca por conta disso assim, então eu acabei até conhecendo melhor os bairros que eu andava, porque sei lá, se eu tava numa rua de skate, tem horas que as vezes é um saco estar de skate, ficar carregando o skate, você quer ir remando, então eu virava numa rua que via o asfalto era melhor, ai virava em outra rua, outra rota, eu acho que essa é a principal, parece tosca mas me deu uma noção de bairro, de lugar, de cidade *ta ligado*, até como as ruas de São Paulo funcionam *ta ligado*, como os padrões se repetem e tal. Por que sei lá, se eu sair remando e virar numa rua aleatória, isso eu acho que foi o principal.

Entrevistador: Mais alguma coisa nessa pergunta que você gostaria de falar?

Entrevistado: Não, eu acho que não.

Entrevistador: Agora a última é: Como o skate influencia ou influenciou outras áreas da sua vida?

Entrevistado: *Mano*, influenciou em todas. Acredito que, muito engraçado assim, quando você é mais novo, seus *brothers* tem muito menos, você tem muito menos filtro pra ter amigos *saca*, então quando você conhece a galera na escola e pa, você tem muito mais amigos ou sei lá, você tem muito menos critérios, conforme você vai ficando mais velho você vai aprendendo mais coisa, vai acreditando em mais coisas, que ou vão te afastando ou vão te aproximando de muitas pessoas. E eu conheci meus amigos, meus amigos que eu tenho até hoje, são assim, meus melhores amigos, mais próximos, e toda a galera que tá em volta disso, tipo você, *ta ligado*, um cara que veio no Nogu, puta *brother* meu, só por ter vindo do Nogu, que é puta *brother* meu, é fodase, já te conheci e já respeito como respeito todo mundo, é amigo do meu amigo que vem desse contexto, *ta ligado*, então isso acontece de uma forma muito engraçada. Mas a gente era muito muleque quando todo mundo se

conheceu, era todo mundo muleque pra caralho, mas a gente era muito mais assim, a gente tinha muito menos critérios, e conforme a gente foi ficando mais velho, a gente foi ficando, as coisas que a gente acreditava, as coisas que a gente defendia e tal foram ficando próximas *ta ligado?* Então desde como eu me visto, acho que vem dessa época, que também se identificava como meus amigos se vestem, a gente se veste de formas diferentes mas com marcas iguais, segue os mesmo movimentos, faz as mesmas coisas, tem estilos totalmente diferentes mas vestindo as mesmas coisas *ta ligado*, em numerações diferentes na real (risos), e acho que desde disso até as coisas que eu ouço, que também era o que toda essa galera ouvia, e que são vertentes assim, tipo porra, esses dias eu tava fazendo o estudo do meu TCC também, estudando os anos 80 pra caralho, ai comecei ouvir não sei porque Bad Brains pra cacete, ai comecei a escutar várias outras coisas e eu pensei "*mano*, já ouvi tudo isso na minha vida com o skate e tal" ai eu fui ver outras referências que eu tava estudando de comunicação, de coisas que eu to estudando na faculdade agora, e tudo foi se encontrando de novo, *ta ligado?* Eu acho que o skate num período que eu era muito novo me trouxe muitas referências que abriu um leque pra eu me afundar dentro daquelas que eu mais acreditava, dentro delas *ta ligado*, e fui me filtrando assim. Então eu acho que o skate em si é um bagulho muito doido assim, quando você fala "eu sou skatista" *ta ligado, mano*, isso não significa porra nenhuma, porque tanto de vertentes e segmentos que existem dentro disso é absurdo *saca?* Foi engraçado como o skate me deu segmentos de todas as coisas que queria fazer na minha vida, tipo pra onde eu quero sair, do som que eu escuto, do que eu faço, das roupas que eu visto, dos filmes que eu assisto, tipo, tudo isso foi se aproximando de uma forma bizarra *ta ligado?* É muito louco, é realmente muito louco, de explicar de uma forma.. não sei.. mais aterrissada, mais concreta de alguma forma. Acho que por conta também do cenário que a gente nasceu, *ta ligado*, essa década de 90 e tal, que era também onde a indústria tava construindo isso pra caralho, a industria cultural construiu isso pra caralho, e ajudou pra cacete, então por exemplo, desde o *American Pie*, *ta ligado?* Tipo "nossa o que que isso tem a ver com skate?", no primeiro *American Pie* toca Blink 182, na fase que os cara ta com o cabelo roxo, tudo esquisito, que é a mesma fase que os caras grava o clipe de *Joey*, e o Tom, ou o Mark, acho que era o Tom, chega remando de skate *ta*

ligado, na escola assim e pa. E depois os caras fazem a mesma menção saindo da van lá com skate, *First Date*, tipo que é uma menção à outro filme que é referência do *American Pie*, que é o filme que o Sean Penn lançou aquela Vans quadriculadinho *ta ligado*? Então acho que o mercado também ajudou pra caralho com, pelo menos no período que a gente nasceu, que a gente absorvesse isso muito *ta ligado*? Você vê toda a galera hoje usando Vans e *mano*, sei lá, a galera se identifica o que com o skate? *Ta ligado*? Faz qual uso dessa parada? Conhece o Bob? *Saca*? Não que isso seja uma crítica à essa galera, tipo foda-se, *ta OK*, mas justamente o mercado foi impulsionado pra caralho também. Então eu acho que é foda tentar pensar de uma maneira concreta e conseguir criar todos os signos assim, signos de cultura assim, mas que acho que, pô, principalmente no meu tom de voz *ta ligado*, eu falo palavrão para um caralho (risos), e acho que justamente por conta de que a gente sempre foi visto dessa forma assim mais marginalizada e blablabla, que sempre trouxe esse discurso desde punk até rap, tudo mais, sempre trouxe esse tom também quando você olha uma galera falando, tem um tom mais agressivo de alguma forma, mais raivoso *ta ligado*, e isso fica, ficou muito, lógico, eu sei me posicionar em lugares que eu preciso, mas se eu for me expressar eu por eu, eu não faço questão alguma de tentar podar isso, *saca*? Por que é totalmente algo que *ta insiso*, e acho que, acho não, tenho certeza, veio desse meio, de todas as coisas que eu ouvia durante esse período, tudo, tudo *ta ligado*? Ver a galera que era do role de skate, sair pichando na rua e tal, eu nunca curti fazer isso, mas também fazia parte do movimento, sempre tinham coisas muito agressivas e de alguma forma resistentes *ta ligado*? Tipo *mano*, "a gente quer ter um espaço caralho, a gente quer andar de skate, a gente também é um esporte, a gente também *ta* fazendo uma alguma coisa" *ta ligado*? E isso veio sempre de uma forma muito raivosa né, e acho que isso segue na minha vida em coisas pra cacete (risos), acho que desde até de o que eu acredito de mundo assim, como eu fui vendo, como era engraçado as relações que você construía em uma pista de skate, que é um esporte totalmente, em tese, totalmente individual né, por que é você com você mesmo, mas você participa do meu de uma forma muito loca *ta ligado*, então quando eu fui conhecer gente que andava de skate junto comigo eu evolui muito, por que se eu tava tentando dar um *olliezinho* numa pista e não tava conseguindo, tentava 100 vezes, e

conseguisse, por mais que todo mundo na pista soubesse fazer aquilo, quando eu conseguisse todo mundo ia ficar feliz pra cacete, por que todo mundo viu meu esforço e dedicação lá no rolê, e isso foi uma coisa que me ajudou muito assim, em como eu observo todo o espaço ao meu redor, e como eu me relaciono com as pessoas ao meu redor, justamente essa coisa que eu falei até zuando que o skate você colar em um espaço e não ser cuzão, eu acho que me fez entender o mundo de alguma forma também, por que realmente é uma sensação muito tosca mas é incrível, você acertar um bagulho e mó galera gritar assim, você fala "*mano*, vou dormir estranho, que porra é essa? Eu sou daora", você sente alguma coisa *ta ligado*, você viu todo mundo vibrar, e quando você vibra por alguém naquela situação também é engraçado por que você vibra de uma forma sincera *ta ligado*, você não vibra "ah daora o cara conseguiu, vou ajudar ele a andar de skate". Não! Você tava lá, você se coloca naquela situação também, você já viveu aquilo de alguma forma, e você fica "Vai, vai, vai" e na hora que rola você fala "Caralho! Porra! Daora!", e acho que de alguma forma consegue ilustrar essa sensação, que é a sensação de você ser daora por alguém e quando alguém por você também *ta ligado*? E acho que isso é até do que eu me falei, que eu me identifico com meus amigos até hoje, eu acho que tenho isso pra caralho, eu noto isso pra caralho nos meus *brothers*, então a galera é muito, bagulho mó piegas do caralho, mas a galera é muito empática de alguma forma, e acho que justamente por que veio dessa cultura pra caralho também *ta ligado*, tipo *mano*, a gente vive lógica olhar o outro, de varias coisas, mas justamente por que todo mundo veio "criado" desse role *ta ligado*, e é muito doido *mano*, talvez essa tenha sido a parada de skate que mais, é de fato, que eu mais vivo skate nisso, tentar não ser tão babaca (risos).

8.4 Transcrição da entrevista com Rodrigo

Entrevistador: Bom, a primeira parte é pra você responder algumas informações, tipo seu nome e sua idade?

Entrevistado: Meu nome é Rodrigo, nome completo Rodrigo Macedo Taide Bonadio, e eu tenho 21 anos.

Entrevistador: Qual é a sua escolaridade?

Entrevistado: Ensino médio completo, e Ensino Superior incompleto.

Entrevistador: Gênero?

Entrevistado: Masculino

Entrevistador: Raça/cor?

Entrevistado: Ah *mano*, branco né?

Entrevistador: Região da cidade que mora e bairro?

Entrevistado: Moema, zona sul de São Paulo.

Entrevistador: E renda?

Entrevistado: Então, eu não tenho renda né? Meus pais, somando tudo em casa assim, eu acho que deve ser entre 15 e 20 mil reais, eu acho, não sei.

Entrevistador: A primeira pergunta é pra você contar um pouco da sua trajetória no skate.

Entrevistado: Então, minha trajetória no skate começou com meu primo, eu tenho um primo mais velho, o Tiago, e ele sempre andou de skate, ele anda de skate desde 90 e quebrados assim, e eu lembro dele me colocar em cima do skate lá na pista da cidade da minha vó, pra eu ficar fazendo uns balanços assim, indo e voltando de *fakie*, e essa foi minha primeira lembrança com skate. Só que eu nunca me interessei assim, eu era muito novo, tinha tipo 5 anos assim e tal, e aí quando eu tinha uns 10 anos de idade, quando eu já estava morando em São Paulo, os meninos do prédio assim, começou uma febre de skate, em 2007 assim mais ou menos, e aí todos os meninos desciam na quadrinha e ficavam andando de skate. E aí nessa eu fiquei "puta que loco", já tinha um skate em casa de supermercado, e em 2005 eu ficava remando as vezes, quando não tinha nada pra fazer, e aí em 2007 mesmo eu desci e tal, fui trocar idéia com os meninos, na brincadeira de andar de skate, e aí a gente ficava aprendendo lá na quadrinha tipo, a "bater" um *ollie*, a remar, como era uma quadra que o piso era elevado do chão, aí dava pra ficar remando e "correr" uns *5050*, assim na quadrinha e aí despencava pra fora, tipo pulando skate, tirando *game*, treinando *manual*, e aí esse foi meu primeiro real contato com skate, que aí eu comecei mesmo, e aí foi nesse período de 2007, e eu comecei em 2007, andei direto até 2009, tipo, intercalando com futebol, futebol e skate, futebol e skate, futebol e skate, eu nunca parava em casa. Só que aí em 2009, eu tive minha primeira lesão, e aí depois, depois dessa lesão que eu tive no joelho, no caso, como eu tava em uma fase de crescimento, o médico falou que não podia fazer esporte de impacto por 9 meses, e aí parei de jogar bola, parei e andar de skate, e aí depois quando eu voltei, ele falou que skate era muito impacto, fiquei um tempo sem andar, fiquei gordinho na época (risos), e aí *mano*, eu voltei a andar era em 2011, 2012, que aí eu já tava na adolescência, devia ter uns 14, 15 anos, e aí eu voltei a andar de novo e desde então eu ando direto, toda a semana, eu não consigo parar. Esse é mais um resumo assim da minha trajetória.

Entrevistador: Você tem mais alguma coisa que você queira falar sobre sua trajetória?

Entrevistado: Sobre minha trajetória acho que não, sempre foi muito natural, eu comecei como uma brincadeira de criança, e ai depois eu fui me adentrando mais no universo mesmo que é o skate, que é muito mais que uma brincadeira, que é sim, a essência é a brincadeira e tal, mas você, no decorrer dos anos que você passa no skate, você vai percebendo quão grande que é esse universo, e ai acho que, por conta disso eu fui me apegando cada vez mais, e não saindo disso. Por que eu percebi um leque de possibilidades que o skate proporciona.

Entrevistador: Agora vamos pra parte mais específica assim, o que pra você é ser local de algum lugar?

Entrevistado: Meu, ser local de algum lugar, você me pegou de surpresa aqui, por que eu nunca parei pra definir assim né? A gente sempre fala "puta, o fulano é local", "lá tem mó localismo", a gente escuta muito esses termos né? Mas pra mim local de um pico de skate é aquele cara que sempre ta andando no pico, tipo, ele tem uma frequência grande lá, e tem um *know how* da pista, ou do parque, da quadrinha, da praça, que seja, que por conta dessa frequência faz com que ele tenha um conhecimento maior do lugar, e ai acho que essa é a definição básica de local, e ai acho que a partir disso tem os tipo de locais né? Que ai não sei, talvez seja outra pergunta, mas acho que a definição em si, o local é aquele cara que ele anda, tem uma frequência maior naquele lugar, como se fosse um, um *safe point* pra ele saca? O cara se sente mais a vontade lá, e ele vai pra lá pra ele fazer a sessão dele geralmente saca? E é basicamente isso.

Entrevistador: E quais pra você são os tipo de locais?

Entrevistado: Então, assim, eu vejo, não vou fazer que nem o Parafernália, Porta dos Fundos, "tipo de não sei o que", mas basicamente, *po*, tem aquele local mais receptivo, aquele cara que meu, não intimida ninguém, chega, te puxa pra sessão, troca idéia, deixa as pessoas mais a vontade nos lugar, isso proporciona, muda a percepção do lugar sabe? Fica

aquele lugar agradável. E tem aquele local também, que tipo, acho que ai ficou famoso aquele termo "puta, aquele pico tem muito localismo", aquela forma mais pejorativa, que é no sentido de tipo, ser um cara mais agressivo no sentido de tipo você chegar, você ser uma pessoa estranha no lugar, as vezes o cara ficar te *rabeando* na pista, fica de cara feia, não te comprimenta, se você tenta uma manobra e não acerta ele vai lá e acerta a manobra que você tava tentando na sua frente, isso é meio que uma, acredito que seja uma intimidação dele, por que ele quer se sobrepor nos outros como se fosse um reino animal assim, tipo o cara quer ser o leão da selva entendeu? De uma maneira mais impositiva, mais agressiva, entendeu? E dai pra frente, se ele for mais agressivo ainda, e ele, de repente, uma galera que é local forem mais agressivos, pô, dependendo do caso até hostilizar, que são casos que hoje em dia, na década de 2010, quase década de 2020, a gente é difícil de ver, mas antigamente falavam que tinham lugares que você não andava, e hoje, o lugar mais próximo disso que sempre falam isso é a Praça Palmares em Santos. Mas acho que esse termo de localismo, acredito que veio muito em função da nossa herança do surf, os caras tem o pico deles, e "puta, lá é mó localismo", os caras no surf eram piores naquela época, no sentido de não deixar os caras nem *caírem* na água. Eu acho que o skate herdou esse lance do surf, assim como nas manobras, o formato do *shape*, do skate, ai vai. Mas é basicamente essa minha percepção de localismo. E ai a partir desses dois subtipos principais, o cara mais receptivo e o cara mais agressivo, e ai tem outras ramificações que partem desses dois polos, né? O polo "do bem" e o polo "do mal". Acho que é isso.

Entrevistador: E onde você se considera local?

Entrevistado: Eu me considero é da Marquise do Parque Ibirapuera, foi onde eu comecei a ter uma, foi o primeiro espaço público que eu comecei a frequentar, com mais frequência, muito redundante isso (risos), mas beleza, eu não achei outra palavra. Por que antes eu andava na quadrinha do meu prédio né? E ai lá por ser perto de casa, e ser um chão liso, reto, foi um lugar que eu me senti mais a vontade de começar a andar, e desde então, desde quando eu tinha uns 14, 15 anos, eu ia lá direto, toda semana, e assim faço até hoje. Por

exemplo, quando eu não tenho nenhum amigo pra andar de skate, as vezes eu me sinto menos a vontade de por exemplo, ir pra Praça Roosevelt, ou ir pro Clubão, ou ir pra uma pista tal, por que eu não tenho muito *know how* do lugar, não tenho muito costume de ir. A marquise do Parque Ibirapuera é um lugar que, por eu ter começado a ir la com mais frequência, com meus amigos, e ter passado por toda essa experiência de tipo, sentir mais intimidado lá, até ter mais frequência, ganhar o respeito, entre aspas, da galera, conhecer o pessoal, fazer amizades, lá é um lugar que eu me sinto super a vontade. Então as vezes, mesmo não querendo andar de *street*, fazer as manobras de *street*, pular caixa, pular vão, pular guia de calçada, pular palmeira, quando alguém leva corrimão, andar no corrimão lá, ou rampinha. Aliás, acho que me perdi, mas mesmo quando não tenho andar nesse tipo de "categoria" de skate, eu vou pra lá por que é um lugar que eu me sinto a vontade. Então eu me considero um local lá, por conta disso tudo, por eu conhecer o lugar, por eu me senti a vontade, e por ser um lugar muito agradável, Parque Ibirapuera, mesmo não tendo muito obstáculo, é um lugar até assim meio pobre, pra você desenvolver o skate, é um lugar que é muito, que te propicia um bem-estar sabe? Eu acho que isso importa mais do que você chegar e ter um lugar que tem muitos obstáculos bons, você pode se desenvolver, mas você não se sentir a vontade no lugar. No primeiro lugar é você se sentir bem no ambiente que você vai, e lá é um lugar que eu me sinto muito bem. Me sinto local de lá.

Entrevistador: E como é pra você estar no seu pico, e alguém não-local chegar?

Entrevistado: *Mano*, assim, eu tenho duas reações, que eu acredito muito, tem uma frase do Charlie Brown JR., que tá na minha cabeça desde sempre, da música "Não deixe o mar de engolir": "Tem que saber chegar, tem que esperar sua vez". Então acho que isso não só pra skate, pra qualquer coisa da vida, você tem que saber se comportar adequado ao ambiente que você acabou de chegar, sendo você local ou não, foda-se. E assim, se eu vejo que o cara chega e tal, po, comprimenta a galera, demonstra um respeito com as pessoas que frequentam mais aquele lugar, que tem uma história, querendo ou não, de envolvimento também, emocional, com o lugar, o cara respeita, não é uma pessoa, não precisa ser amigo,

trocar ideia, mas demonstrar o mínimo de respeito, como se fosse alguém chega na sua casa, demonstrar respeito, eu acho legal. Porra, eu me considero uma pessoa, tipo extrovertida, eu tento interagir, fazer amizade, coisas do skate, brincadeira do skate, aquela coisa da essência, mas por exemplo, chega uma pessoa que eu nunca vi, sabe? To com minha *crew* lá, ou to sozinho, e ai o cara nem cumprimenta, ai já, muitas vezes faz aquele lance de dar a manobra na sua frente, que você tá tentando e não acerta e você sente que o cara faz de propósito, fica *rabeando*, fica de cara fechada pra você, isso propicia um ambiente mais desagradável, eu acho isso, não chega a ser.. não considero desrespeito, até certo ponto, a não ser que ele chegue pra você e faça alguma coisa que desrespeite, por que o cara ta na dele e as vezes é o jeito do cara, é uma pessoa mais introvertida, enfim as vezes, eu tenho uma percepção errada da reação dele, coisas de interpretação. Mas eu acho isso mais zuado, eu não gosto particularmente, eu acho que a pessoa tem que chegar no pico e demonstrar o mínimo de respeito pelos locais de lá, e observar como a sessão flui, pra você se encaixar nos padrões de respeito de lá, não você seguir as rédeas de como a galera curte a sessão. Isso é muito subjetivo, por que o skate é livre, não tem regras e essa que é a graça, mas você demonstrar, você saber demonstrar respeito pela galera que frequenta mais o lugar, porque querendo ou não, se você ta demonstrando respeito pela galera que frequenta mais lá, que são os locais, você ta demonstrando respeito pelo lugar, e isso é muito importante pro skatista. Então não sou o tipo de cara que vai agredir, por que eu não tenho porte físico pra isso (risos), mas puta, eu acho zuado, *saca?* Eu só quero que se foda também o cara, não vou fazer questão de ficar interagindo com ele. É isso.

Entrevistador: E quando chega um profissional?

Entrevistado: Porra! Eu fico em choque, porque lá na Marquise do Ibirapuera não tem local profissional, a não ser a galera do *freestyle*, que é uma galera antiga, da antiga *crew* dos anos 80 *Ibiraboys*, que esses caras são profissionais de *freestyle*, como o Per "Canguru" por exemplo, ele a gente já ta até acostumado, então ele é como se fosse mais um, então foda-se, mais por exemplo, esses nomes mais impactantes, não são locais de lá, as vezes

vão, mas putz, quando chega, se o cara é esse tipo de local, nunca aconteceu, nunca vi particularmente isso acontecer lá, de um cara chegar e demonstrar de não ser uma pessoa respeitosa com o pico, fala "puta *mano*, o cara anda pra caralho, mas o cara é um pau no cu, mas foda-se" *ta ligado?* Você meio que releva, por que o cara é profissional. Isso é até uma reflexão, só por que ele é profissional ele não merece esse tipo de abordagem que os outros tem, por que no skate todo mundo é igual, mas geralmente eles são respeitosos por que eles tem uma vivência de skate muito grande, eles sabem se portar nos lugares, então geralmente eles são muito respeitosos, e além essa admiração do cara saber se portar, ele é um profissional, ele é um "ídolo" né? Então você acaba ficando até mais contido na sessão de repente, ou mais tímido, por conta da presença daquela pessoa, mas é muito legal quando vai, ele eleva o nível do skate com certeza.

Entrevistador: E o oposto? Quando você vai em um pico que não é local?

Entrevistado: Quando eu vou em um pico que eu não sou local? Quando eu vou em um pico que eu não sou local, eu procuro fazer exatamente isso que eu citei de como deveria ser uma abordagem com alguém que não é local. Não que tenha um protocolo, isso não existe, mas o que eu acredito ser o mais certo. Eu chego, tem sei lá, 2, 3, 5, 10, beleza, eu procuro cumprimentar todo mundo, as vezes não da pra cumprimentar todo mundo, por que o skate é, são vários elétrons ali *a milhão*, em posições e indo em direções opostas, mas eu tento cumprimentar todo mundo sabe? Demonstrar um respeito, e faço a sessão normal, espero a minha vez de tentar algo em um obstáculo e é isso. Mas também não vou ficar contido no lugar, procuro não ficar contido no lugar, por exemplo, se o local tentou uma manobra e eu vejo que putz, é a brecha pra eu ir, po eu vou tentar, eu não vou ficar tipo, paparicando, ficar "não, vai, não sei o que", é uma mescla de você saber se impor no lugar com você saber respeitar, então eu faço, procuro sempre fazer isso, demonstrar o respeito inicial, cumprimentar, por que isso os locais vêem como uma forma de "com licença, to chegando na sua casa", mas também faço minha sessão normal por que é assim que o skate tem que ser.

Entrevistador: Você acha que a prática do skate mudou sua relação com a cidade?

Entrevistado: Completamente. Essa é a principal reflexão, uma das principais reflexões que eu tenho com skate, porque eu sou do interior de São Paulo sabe? Antes eu não andava de skate e eu era muito criança também mas eu não tinha uma visão de cidade nenhuma, de observar um banco, um obstáculo, uma escada com obstáculo, uma ladeira com asfalto bom, com um “nossa, como seria legal descer essa ladeira de skate”, nunca tive essa visão. Ai já meio que mesclando com a minha trajetória, quando eu mudei pra São Paulo e eu era muito novo, eu sempre morei na Zona Sul, sabe? Tenho uma condição sócio-econômica, por sorte minha, por privilégio, ter uma condição socioeconômica boa, então sempre frequentei escolas particulares, privilégio de comer em restaurante às vezes, carro, e tudo mais, e você acaba tendo uma visão da cidade quando você é dessa classe econômica de classe média, enfim, mais contida, mais de, acredito de, não observar a cidade como uma forma de você interagir com ela, mais de “você vai de um lugar A para um lugar B”, e ai quando eu comecei a andar de skate, e comecei a me adentrar mais no universo do skate, essa relação mudou completamente, porque primeiro: quando você vai andar de skate em algum pico, você encontra pessoas de todas classes socioeconômicas, desde o cara fudido de grana, até o cara *playboy*, que no caso seria eu (risos), no universo do skate sabe? Então você interage com pessoas de vivências, de culturas de costumes diferentes sabe? Você já abre sua cabeça ai. Na questão de conexão interpessoal com as pessoas. E ai com a cidade, você começa a frequentar lugares mais “*undergrounds*”, por que o skate tem uma origem *underground*, tem uma origem de rua, então tem picos no centro da cidade, tipo no Vale do Anhangabaú, no Teatro Municipal, entre outros mil picos que são de rua, entendeu? Então as vezes, quando você é de uma classe socioeconômica alta, você olha tipo “esse lugar é fedido, esse lugar, putz, é perigoso”, você fica mais contido, mas quando você tá no skate você começa a olhar de outro jeito, sabe? Tem toda aquela questão do localismo, você saber chegar no lugar, estudar o lugar, e além disso, a visão que o skate traz, a visão que vê um banco que você pode dar um *grind*, um *slide*, você pode ver alguma elevação de calçada como uma rampa, pra você voar mais alto, então você começa a enxergar os elementos da

cidade como obstáculos, como uma “pista”, então você cria seu próprio universo, sabe? E essa sensação de prazer, de praticar o skate, transforma aquele lugar que muitas vezes é morto pra muitas pessoas numa fonte de prazer, entendeu? Como uma possível melhor tarde da sua vida, se você tiver uma sessão muito boa lá, então o skate tem essa magia de transformar lugares que as vezes uma pessoa que não ande de skate, que tem uma percepção diferente, um lugar morto em um lugar vivo que pode te proporcionar muitas histórias pra contar, muitas lembranças boas. Eu acho que isso mudou muito minha relação com a cidade, sabe? A questão de me relacionar com as pessoas de lá, independente da onde elas vieram, a relação do obstáculo, e a cultura de rua mesmo, que é o que o skate proporciona, é você conviver com o mendigo ali, que ta passando no meio do pico, é chegar um policial lá você ficar um pouco com medo, mesmo não tendo motivos pra ficar com medo, é você ficar preocupado com o carro que passa se você vai mandar uma manobra na rua, então são todas essas mesclas de sentimentos e percepções que mudaram minha relação com ambientes públicos, e com a rua.

Entrevistador: A última pergunta é: Como o skate influencia ou influenciou outras áreas da sua vida?

Entrevistado: O skate influenciou total o rumo da minha vida, porque por exemplo, vamos falar de curso superior, eu estou cursando o curso de Fisioterapia, quando eu comecei a andar de skate, eu tava na escola particular, no Ensino Médio, era o Bandeirantes no caso, é uma escola que visava muito lançar muito os alunos pra Medicina, Engenharia ou Direito, eu sempre enxerguei dessa maneira, posso estar errado mas sempre tive essa percepção. E por exemplo, quando eu me formei na escola, eu não me formei no Bandeirantes, eu me formei no Objetivo, mas como eu meio que tinha essa bitolagem, essa visão mais quadrada do que eu poderia fazer de curso superior, eu falei “nossa, vou fazer administração então né?”, porque é meio que a válvula de escape dessas três áreas, mas que vai no convencional, que ali eu posso fazer alguma coisa com o skate, abrir uma loja, pensei nisso, com 17 anos de idade. E ai eu entrei e detestei, “*mano*, que bosta, não combino com o lugar,

não me vejo num escritório, não me vejo trabalhando pra alguém que tenha a função de vender alguma coisa que eu não acredite, que eu não seja compatível com o ideal daquilo”. Detestei sabe? E ai nesse meio tempo que eu detestei, eu me lesionei, a primeira vez séria depois daquela minha lesão no joelho, eu tive uma lesão no tornozelo, duas lesões consecutivas aliás, eu fiquei um ano parado quase, e eu fiz muita fisioterapia né? E ai eu falei “pô meu, que legal né?” Na época eu tava fazendo uma terapia vocacional, que me direcionava pra área que eu queria, por que eu queria mudar de curso, e eu tava tendo esse estralo, da fisioterapia, por que eu sempre gostei de ajudar o próximo sabe? Eu sempre gosto de ajudar da melhor maneira possível, e eu gosto muito de esporte, desde criança eu fiz natação, futebol, skate. Então eu vi uma forma de ajudar os outros fazendo o que eu curto, que é o esporte, entendeu? Então quando eu terminei as sessões da terapia vocacional e eu terminei de me reabilitar eu falei “pô, que legal meu, vou tentar fazer fisioterapia como curso superior”. E ai eu entrei na faculdade já querendo ortopedia, já querendo esporte, e putz, as coisas foram caminhando e hoje eu to quase me formando fisio, e to amando. Que inclusive eu entrei em uma ONG que chama “Faca na Cadeira”, que a gente trabalha com reabilitação de pessoas com deficiência que dependem de cadeira de rodas, lesados medulares, pessoas amputadas, enfim, todas as pessoas que dependem de cadeira de rodas, através do esporte que é uma mistura do skate e da WCMX, que é na cadeira de rodas! Então quando eu tive o contato com esse instituto, com esse projeto, através de um trabalho da faculdade que era sobre esportes adaptados, eu falei “nossa que legal, é skate pra cadeira de rodas”, e ai eu me envolvi muito nesse projeto, hoje é um estágio voluntário, mas é algo que eu me dedico de alma, porque mistura justamente tudo o que eu curto, que é o skate, que é o ajudar o outro, que é a fisioterapia, então eu acredito que eu sou muito realizado. E isso tudo, porque lá atrás, eu descí na quadrinha, fui andar de skate com meninos do prédio, porque eu não tivesse ido, essa convivência do skate, essa abertura com o universo do skate, muito provavelmente por conta da minha classe socioeconômica e como a gente vê o senso comum dessa classe média, classe média-alta ai, talvez eu iria pra o meio corporativo, talvez eu iria tentar uma Medicina, e muito provavelmente eu seria uma pessoa frustrada, por que não são coisas que eu me identifico.

Então eu sou grato ao skate por isso. Eu acredito que é um lance que mudou minha vida, como eu me relaciono e também os lugares que eu frequento. Agora tirando a questão da profissão, da formação, a questão que o skate tem comunicação com a música, que meu caso é o *rock'n'roll*, na minha família, meu pai, meu irmão adoram rock, só que eu nunca tive muito interesse, de começo. E aí quando eu comecei a andar de skate eu vi que era algo muito, era o Rap e o Rock'n'roll, e aí eu começava a me sentir mais adrenado a andar de skate ouvindo rock, e aí nessas eu já lembrei dos meus pais, do meu irmão, e a energia que o rock transmite combina muito com meu estilo de andar de skate, eu acredito, combina muito com o meu estilo de me relacionar através do skate. Então eu comecei a me relacionar mais com o rock, também a ir em show, os melhores shows da minha vida foram todos de rock, foram os únicos que eu fui também (risos), tipo meu primeiro show foi do AC/DC, que é uma parada totalmente *hardcore* assim, pô, Rolling Stones, eu ia agora no show do Dead Kennedys, mas eles cancelaram né? Enfim, toda essa agressividade que o rock transmite que é muito ligada ao skate, que é essa questão, pela a origem *underground*, essa questão de transgredir, de superar e de se impor sabe? No meio urbano. Então, o skate mudou minha forma de me relacionar com a música e eu acredito que a música é muito, o tipo de música que você escuta diz muito sobre você entendeu? Então putz, basicamente é isso. E fora minha relação de respeito com outras pessoas e abertura com pessoas de outros nichos, de outras classes sociais, de outros gêneros, de outras sexualidades, por exemplo, eu acredito que antes de eu andar de skate pra valer, eu era uma pessoa mais preconceituosa, mais do que eu sou hoje, eu me considero uma pessoa preconceituosa, mas já melhorei muito, eu tinha muito preconceito com homossexuais por exemplo, eu achava uma coisa, enfim, um senso comum mesmo, da pessoa ser fichada. E hoje, putz, me amarro em conversar com pessoas homossexuais, pra conhecer, eu tenho pessoas na minha família que são homossexuais, então olha o quão absurdo é você se fechar pra pessoas do seu próprio sangue, por conta de uma orientação sexual, é muito absurdo isso, e essa convivência com pessoas diferentes que o skate me proporcionou me fez abrir a cabeça, por exemplo, pra isso. Então eu me considero uma pessoa muito mais aberta pra tudo, pra pessoas com gêneros diferentes, pensamentos diferentes e formas diferentes de agir. Então, em suma, o

skate mudou completamente minha relação com o ambiente, sem dúvidas, e é muito loco pensar nisso.

Entrevistado: E tem mais alguma coisa que você queira falar?

Entrevistado: Pô, tenho não. Só ande de skate (risos).

8.5 Transcrição da entrevista com Otavio

Entrevistador: Primeiramente obrigado por concordar em participar da entrevista!

Entrevistado: Obrigado eu pela oportunidade!

Entrevistador: As primeiras perguntas são mais de identificação, então qual seu nome? Sua idade?

Entrevistado: Meu nome é Otavio Neto, tenho 39 anos, ando de skate há 33, profissional há 19.

Entrevistador: Escolaridade?

Entrevistado: Sou formado em fotografia.. e nas ruas (risos). Sou formado em fotografia pelo SENAC.

Entrevistador: Gênero?

Entrevistado: Homem, acho. (risos)

Entrevistador: Raça/cor?

Entrevistado: Mistura de branco, negro e mestiços.

Entrevistador: De onde você é? Onde você nasceu?

Entrevistado: Eu nasci em São José dos Campos, interior de São Paulo, Vale do Paraíba, atualmente moro em Mairiporã, São Paulo, Serra da Cantareira.

Entrevistador: Renda?

Entrevistado: Renda? Estou entre skateboard e café.

Entrevistador: Ai agora eu gostaria que você me contasse um pouco da sua trajetória no skate.

Entrevistado: Eu comecei a andar em 87, meu tio era skatista profissional, casado minha tia irmã do meu pai, e tinha muito skate lá na casa deles né, ele vendia, fazia bastante rolo, na real eu descobri depois que ele fazia rolo, com skate. Ai eu ficava vendo aquilo ali, achava legal, e um dia eles me deram um skate e eu comecei a andar, e to andando até hoje. Mas quando eu comecei a andar era bem diversão mesmo, bem, era ir comprar pão com o skate debaixo do braço, era ir pra escola e deixar na porta por que não podia levar pra dentro da escola o skate, ai comecei a conhecer uma galera que andava no meu bairro, a gente comecou a andar junto, ai depois campeonatinho de bairro, campeonatinho na cidade, depois no Vale do Paraiba, depois os campeonatos em São Paulo. E o campeonato sempre foi uma forma de se movimentar né? Sem o campeonato ficava dificil sair pra conhecer outra cidade porque não tinha objetivos né? Ai com campeonato ajudava a ter objetivo de ir pro campeonato e conhecer a cena local. Que mais? Ai eu tava lá com meus 18 anos, não sabia o que ia fazer, sempre fui fotógrafo também, meu pai ajudava, eu ajudava meu pai nos casamentos, aniversários, nos tramos dele, e a fotografia sempre foi andando junto, mas eu não queria ser fotógrafo. Meu pai tentou de qualquer jeito, não conseguiu, na época né? Ai uma vez ele me deu uma câmera e falou pra eu tirar foto de skate, e ai foi ai que me deu o *start* falei "eu posso ser skatista e fotógrafo profissional e juntar as duas coisas". Ai em 2000 eu tive esse clique em vim pra São Paulo, pra fotografar, estudar e andar de skate, foi o mesmo ano que eu me profissionalizei, ai eu já vim profissional de skate, fotografando pra Revista TRIBO, que no meio do caminho conheci a galera lá, e não foi tão facil assim, eu to resumindo (risos). E comecei a estudar, então foi esse meu repertório, dai depois disso,

sempre levei a fotografia junto com o skate, chegou uma hora que o skate tomou mais tempo do que a fotografia, e dentro da minha carreira de skatista profissional a fotografia foi um jeito de eu mostrar onde eu tava, escrever textos pra revista, e produzir conteúdo né? Mais jovial né? Sempre fui um produtor de conteúdo. E hoje eu to aqui, ainda vivendo do skate, tenho patrocínios de tênis, que leva o meu nome, tenho rodas que levam o meu nome, tenho *trucks*, rolamento, *shape*, to inserido no mercado, e agora to me empreendendo como dono de cafeteria, aqui do lado de casa, que eu sei que vou ficar *veio* e um dia vai acabar essa vida boa.

Entrevistador: E tem mais alguma coisa que você quer falar sobre sua trajetória?

Entrevistado: Putz, pra mim o skate é uma vivência, é um veículo que faz enxergar o mundo assim, agora falar de campeonatos que ganhei, de prêmios e essas coisas pra mim não importam muito não, importa mais a vivência que ele me trouxe, de conhecer o mundo todo, conhecer vários países, várias culturas, várias pessoas diferentes, estilos de vida diferentes, eu acho que isso pra mim é meu maior troféu com o skate, ter viajado sei lá, mais do que 20 países em cima do skate e conhecendo a cultura. Acho que é isso que meu troféu é isso. Agora falar que fui melhor em *Best Tricks*, essas coisas pra mim não adianta nada, porque o dinheiro já acabou, o troféu já foi embora, mas a cultura que o skate me trouxe e o conhecimento e educação, é o que eu vou levar no resto da vida. Eu acho que isso é o mais loco.

Entrevistador: A próxima pergunta é: O que é ser local de algum lugar pra você?

Entrevistado: Ser local de algum lugar é você conhecer cada buraco, onde você tem, de tanto você andar lá, nesse lugar, você vai criando facilidades e facilidades, de dar manobras, e usufruir do lugar que acaba te ajudando a evoluir, por que você vai buscando novas maneiras de usar o espaço né? Então ser local é aquele cara que chega alguém novo na pista, você dá todas suas manobras e deixa a outra pessoa com vergonha (risos), que

geralmente é o que acontece. Mas isso aí tá acabando nas pistas viu? A galera chega, usa, não arruma, não cuida, não faz nada, bota o fone de ouvido, faz um vídeo e vai embora, as vezes nem olha pro lado pra ver o que tá acontecendo. E o localismo era, é legal por que o cara cuida do pico, então se o cara folgando se já não respeitando as regras básicas de cada lugar, a pessoa já recebe uma afronta assim, já fala "ou, não é assim aqui". Mas tá acabando também, existem poucos locais dos lugares.

Entrevistador: E de onde você se considera local?

Entrevistado: Eu não tenho mais local, essa que é a merda (risos). Eu sou local de onde eu estiver agora sabe? Eu tento sempre chegar num lugar novo, cumprimentar a galera, ver o que tá acontecendo, enxergar o que tá acontecendo pra depois eu andar de skate. E esse negócio de local pra mim mudou muito, antigamente eu era local de vários lugares e tinha essa atitude que eu te falei, então acho que não é legal. É legal se chegar você recebê-la, tratar bem, falar pra ela "tem um buraco ali, tem um buraco ali", eu acho que tem que ser ao contrário. Mas isso é maturidade (risos). Mas eu sou local do mundão, gosto de andar na Mooca, no Jóquei, acho que eu sou mais local da Mooca agora, onde eu vou mais assim, me sinto bem lá. Mas é isso, sou local de lugar nenhum.

Entrevistador: Então a próxima pergunta é mais pra você pensar de onde você é local, ou já foi local, atualmente ou não, enfim. Como é para você quando você está no seu pico e alguém novo chega?

Entrevistado: Seja bem-vindo né? Tem que ser bem-vindo. É legal quando vem pessoas de fora por que são visões diferentes né? Igual na vida, você pode falar do mesmo assunto mas tem várias maneiras de ver o mesmo assunto, e quando chega alguém de fora numa pista, ela vai trazer a maneira que ela enxerga, a apropriação dela, e disso é onde vem manobras diferentes, cantinhos diferentes que a pessoa usa, e assim é muito louco. Eu acho que é uma renovação toda vez que uma pessoa nova chega.

Entrevistador: E quando você vai para um pico que você não se considera local? Ou não se considerava local?

Entrevistado: Eu fico vendo o local andar, pra ver o que dá pra eu fazer, onde não dá, e saber se portar né? Saber até onde você pode ir. Respeito.

Entrevistador: Você acha que a prática do skate mudou sua relação com a cidade? Como?

Entrevistado: Sim. O skatista não olha a cidade como uma pessoa comum né? Skatista sempre tá buscando um lugar pra andar de skate, é uma escada que ele pode pular, é uma parede que ele pode dar um *wallride*, um corrimão que pode descer, é uma cor diferente que ele viu, é uma textura. A rua é um grande laboratório né? É onde o skatista se sente mais avontade porque ele tá vendo a vida acontecer ali, é.. é mendigo, é gente rica falando um com outro, é.. são cheiros, e tudo isso vai criando um repertório, uma maneira de enxergar a cidade. Não é só de passagem, é vivendo ali mesmo.

Entrevistador: E como você acha que o skate influenciou outras áreas da sua vida?

Entrevistado: Putz, é em tudo. Principalmente naquilo que é você chega, é impossível de acontecer, você transformar em, meia hora de sessão, você transformar o que em meia hora atrás era impossível. Então acho que o skate traz isso, ele te mostra que tudo é possível, tudo é possível fazer, e isso me trouxe me trouxe muita firmeza na vida, autoconhecimento, autoconfiança, maneiras de enxergar o mesmo assunto, e também a inteligência de mudar de direção rapidamente, se não tá dando certo assim você muda, vai dar certo assim, se não der de novo eu vou tentar assim, você se adaptando pra fazer a coisa acontecer. Pra vida é isso aí que me trouxe.

Entrevistador: Você gostaria de falar mais alguma coisa? Sobre coisas que já conversamos, sobre coisas que você pensou

Entrevistado: O skate tem uma cultura de "*Hawaii*" né? Não sei você vai colocar isso no seu trabalho. Mas a cultura de "*Hawaii*", de você construir seus próprios lugares, transformar mesmo o local né? Acho que é uma coisa até mais profundo do que você só se apropriar de uma pista, de uma escada, mas você olhar um lugar, ver a possibilidade dele e revitalizar o espaço. Tipo, tem muitas praças que tavam ai abandonadas, sem uso nenhum pela sociedade, o skatista foi lá, fez um palco, depois fez, tipo a pracinha do Finha, melhor exemplo que a gente tem em São Paulo. Era uma praça, abaixo do nível da rua, que era jogado, e ele foi ali ao poucos e foi dominando a quadrinha, foi limpando por que tinha muito lixo, tinha mendigo morando, ele foi limpando, foi fazendo um obstáculo, foi fazendo outro, foi fazendo outro, ele transformou ali num complexo, que agora não fica vagabundo, vem a galera andar de skate de todo o lugar do Brasil, tem escolinha de skate, tem pessoas dando um direcionamento pra crianças que não teriam esse tipo de direcionamento, então é a revitalização total do espaço. Você traz vida pro espaço, você acaba cuidando de uma área que a prefeitura devia estar cuidando, e o skatista vai lá e faz acontecer, e isso são em várias praças, vários lugares, que a movimentação de skatistas traz vida pro espaço. Então acho que é isso que o skate traz pra cidade. Lógico que a gente tem muita coisa que a gente quebra, quebra calçada, quebra corrimão, mas ai já é o contracultura mesmo, que existe no skate ainda, que pode ser que com as Olimpíadas mude muito, mas ainda existe esse lado infrator, esse lado rebelde, vou bater de frente com a sociedade mesmo, vou ver até onde vai, e tem as consequências né? Não é de graça, tem as consequências, às vezes o cara, a gente ta andando ele quebra um vidro ele vai ser preso, e como tudo na vida. Mas essa apropriação do espaço eu acho muito bonito. Eu tive uma experiência que eu fui com o time da Levi's pra Manaus, numa área que tinha umas quadras e ninguém usava as quadras, a galera, os skate já usava assim, a gente fez uma pista inteira para a comunidade, a gente vê que depois que fez essa pista, construiu junto com eles lá, revitalizou o espaço todinho, criou

vida, esperança, ponto de encontro. Então eu acho que é uma movimentação muito bonita, e o skate faz muito isso.

Entrevistador: Algo mais?

Entrevistado: Ah, acho que é isso de "*Hawaii*", você pegar e fazer, não esperar. Outra coisa de revitalização é que a nova geração fica esperando muito que tenha uma pista, que tenha um obstáculo, que tenha um caixote, e você não precisa ficar esperando, você pode juntar os amigos, sair, construir, mesmo que fique ruim, mas você ta movimentando, você ta fazendo algo pelo esporte, e isso vai, você vai ocupando o lugar, e vai trazendo atenção, vai trazendo a mudança, e essa mudança você consegue buscar mais força na sociedade que a gente vive. É a mudança que tem que trazer né?

Entrevistador: Voltando um pouco na sua fala, por que você acha que antes tinha mais *localismo*, que isso era mais acirrado do que hoje?

Entrevistado: Antes tinha mais localismo por que não tinha muito lugar pra andar, não existia tantas pistas, uma galera tão grande, a informação demorava pra chegar, então tipo, pra andar, um exemplo, pra você andar na Ratoeira, que era na minha casa, você tinha que conhecer alguém, você tinha que conhecer, ai vai indo, vai indo, até o ponto que você conseguia chegar na pista, quando você chegava na pista, tinha um muleque que andava lá todo dia e queria saber da onde você veio, por que você veio, como você soube do pico, e nisso acaba que gera um localismo, você fala "po, em alguém aqui tomando conta, não é só chegar". E nisso, uma galera de uma área construía uma rampa, contruía um lugar novo, e se a galera de outra área não ajudasse, eles não iam andar, por que quem não ajuda, não anda, e é assim que funcionava. E hoje em dia não, ninguém sabe quem fez, a prefeitura vai lá e faz qualquer merda e a gente aceita, e isso vai acabando, o localismo, né? Mas localismo se baseava em cuidar do espaço, e quem chegasse cuidar do espaço também, ai gerava o localismo né? Só que hoje em dia ninguém cuida de nada. Tipo o Finha, do Morumbi, a

galera muitas vezes tira ele de folgado, por que ele faz um post lá meu, ele fala, ele coloca "respeita, se chegar, respeita, vai com calma, *soma* com alguma coisa, não vem aqui só usufruir, fazer seu vídeo de Instagram e postar, pagar de bonitão", isso é localismo, um localismo consciente por que ele criou aquilo ali com os amigos com a ajuda de muita gente, suor, não foi de graça, só que ta ali pra todo mundo andar, pra todo mundo usufruir, mas respeita, é isso que falta, respeito tanto de, respeito de todo mundo, então eu acho que o Finha faz um papel muito importante, dele ser esse local, que respeita, meio bruto as vezes, tem que ser, pra trazer o respeito e manter a ordem. O local serve pra manter a ordem.

Entrevistador: Mas você não ve em pistas, em algumas pistas isso rolando? Ou só lá?

Entrevistado: Putz, pouco ein? Também tem por eu ser profissional muda bastante, quando você é profissional, a galera te conhece e sempre você vai ser bem tratado, mesmo que o cara não goste de você, você vai ser bem tratado (risos). E as vezes acaba que eu não consigo enxergar isso hoje em dia, todos esses que eu to te falando são referências de quando eu era amador, quem é profissional é bem recebido né? É diferente, mas tipo, a gente teve no Havai, a gente foi andar numa piscina que a galera construiu, lá um localismo ferrado, por que pra chegar na piscina ninguém sabia direito as coordenadas, e quando a gente chegou lá, o *coping block* era bem seco né, e a gente não ta acostumado a andar em *coping block* seco, e a gente foi lá, comprou um latão de verniz achando que ia ajudar passar o verniz na borda pra deslizar, só que a hora que a gente chegou lá pra passar o verniz chegou o local, dai ele "eai o que vocês vão fazer ai", e a gente falou "vamos passar o verniz aqui na borda", e ai ele "não não, sem verniz aqui, aqui a gente não anda com verniz, por favor, pode andar a vontade, fazer foto, mas não passa o verniz na borda", "*no sauce*" ele falou (risos). E é um localismo, é um respeito, ai na hora que a gente tava indo embora, ele falou "então deixa uma grana pra gente ai, pra a gente comprar mais cimento e continuar", então a gente foi lá usufruiu e deixou uma grana pro cara, mas tudo assim, tranquilo, respeitoso, por que a gente chegou na moral, a gente chegou lá, devagarinho, olhando, só

que a gente ia cometer um pecado lá entendeu? Sorte que ele chegou a tempo, mas isso foi o mais localismo que eu recebi nos últimos anos.

Entrevistador: E por que você acha que por ser profissional você não experiência mais esse localismo?

Entrevistado: Por que eu acho que eu ainda sou espelho do o muleque quer ser, ainda né (risos). O muleque quer ser um profissional, quer viver do esporte, e muita gente agora com as redes sociais te acompanha, e sabe quem você é, sabe o que você fez, sabe o que você ta fazendo, então a galera vê você de perto ainda é um privilégio assim, a galera ve como um privilégio, um respeito né? Alguns né? Outros cagam, pra mim tanto faz. Mas ser profissional ajuda né? Você encurta muito espaço, muitas portas se abrem, se você for um cara legal né? Se for um cuzão vai tomar porrada, profissional ou não vai tomar porrada. Eu muitas vezes tenho vergonha, vou falar a real, eu muitas vezes tenho vergonha. Por que as pessoas tem uma imagem do que eu sou e posso não ser, é coisa, meio maluco, onde tem muita gente eu tenho vergonha de chegar chegando, hoje né? Quando eu era muleque, mais arrogante assim, não era arrogante, era ignorante né? Não tinha muito informação que eu tenho hoje em dia né? Chegava, andava, não olhava pro lado e que se foda, mas hoje não, já vejo um muleque que ta querendo aprender, já vejo uma cena diferente, mas é o tempo que faz isso né? Não adianta falar pra um muleque de 16 anos fazer o que eu faço hoje, pra alguns eu falo, ai eles vão encurtar um caminho grande da vida, mas outros eu deixo sofrer um pouco (risos), bater um pouco a cabeça. Eu vejo as coisas mais filosoficamente assim, mais direto sabe? O skate na cidade, é, ao contrário, muitas pessoas podem ver a gente como vândalos, vagabundos, só que não. O skatista na cidade, pro ser humano, pro próprio skatista como ser humano é uma evolução mental, maneiras de viver dentro da cidade, enxergar a cidade, é uma vivência né? É uma maneira de enxergar a cidade, viver dentro dela. Como tem pessoas que só usam escada pra subir e desce e nem sabem onde tá pisando, a gente sabe onde ta pisando, onde tá, sabe tudo. Muitas vezes a gente termina de andar e fica lá na praça sentado, curtindo o movimento, pessoas normais tem medo de fazer isso, por que não

sabe o que acontece na sua volta, a gente já chegou, andou, olhou quem é quem, olhou em volta, a gente tem a liberdade de pegar e ficar sentado, curtindo no meio de São Paulo, no meio da Roosevelt, é isso.

8.6 Transcrição da entrevista com Marcelo

Entrevistador: A primeira parte é mais de identificação assim, então seu nome?

Entrevistado: Eu sou Marcelo Amador Vianey, sou conhecido como Formiga nas ruas, e eu tenho 36 anos.

Entrevistador: Há quantos anos você anda de skate?

Entrevistado: Eu ando há 29 anos.

Entrevistador: E você é profissional a quanto tempo?

Entrevistado: Acho que, desde de 97, foram os primeiros campeonatos, acho que é isso aí.

Entrevistador: Escolaridade?

Entrevistado: Puta.. nenhuma (risos)

Entrevistador: Gênero?

Entrevistado: Masculino

Entrevistador: Raça/cor?

Entrevistado: Preto.

Entrevistador: De onde você é?

Entrevistado: Agora, atualmente eu sou do centro de São Paulo né? Eu vivo aqui há mais de 20 anos, vivo nesse local aqui que estamos hoje, no Vale de Anhangabaú. São muitos anos e muitas histórias nesse lugar aqui.

Entrevistador: Qual sua renda a aproximada?

Entrevistado: Putz meu, tem que falar?

Entrevistador: Não! Se você não quiser falar não tem problema nenhum.

Entrevistado: Tenho uma renda legal, hoje eu tenho uma renda legal, hoje eu tenho uma renda legal do que, de tipo, do que eu faço e vivo, ele me renda uma renda legal, mas sempre pode ser melhor né, por que a gente sempre ta trabalhando muito. Não só trabalhando né, por que não é só um trabalho, é uma vida, é uma história de vida mesmo, cada dia é uma página do livro sendo escrevida *ta ligado?*

Entrevistador: A primeira parte seria pra você me contar um pouco da sua trajetória no skate.

Entrevistado: Então, eu fiquei até pensando nisso, por que eu ja contei várias histórias já *ta ligado*, mas essa é uma história que é tipo verídica mesmo assim, tipo, eu já era skatista já, mas eu não tinha a noção, né, do que era o skate assim, e ai eu morava lá na Zona Leste, no Patriarca, e eu tinha um amigo, e tinha um patrocínio de um cara também, que tinha uma marca de *street* e tal tal tal, e eu não sei assim te falar a data específica assim, mas isso é um fato verídico (risos), acabou a fábrica do cara e eu continuando lá, continuei nesse lugar por que continuou sendo uma fábrica de outras coisas, que eu trabalhei e morei ali e tal, morei na construção também depois que acabou o negócio, e eu tinha esse meu amigo que trabalhava nessa fábrica, e a gente fez tipo, começou a vender uma droga *ta ligado?* Vender maconha e tal. Ai um certo dia eu fui andar de skate em São Bernardo, que é muito longe da Cidade Patriarca né, Patriarca é zona leste e o negócio é lá no ABC, cheguei lá, tava

andando de skate, já era skatista já, tipo, mas não tinha essa noção. Ai tipo, tava lá andando pa, ai colou um cara "e ai formiga, tal, to sabendo que se tem umas parada ai pra vender e tal, não sei o que", eu olhei assim, eu me assustei, porque tipo, era muito longe, *ta ligado?* E ai tipo, eu me assustei e fiquei de cara com aquilo, como que meu nome que chegou num lugar tão longe, que eu tava vendendo uma maconha *saca?* Ai depois daquele dia eu nunca mais vendi maconha *mano, ta ligado?* E tipo, me dediquei 100% em cima do skate *ta ligado?* Assim, tipo, minha vida mesmo. Por que ele é um esporte, ele ta nas Olimpíadas e tal, mas ele é uma coisa que é muito mais que tudo isso, é um estilo de vida, é arte, tipo meu, se globaliza em tudo nesse mundo, tanto que hoje, 100% do segmento das coisas é em cima do que é o skate. Por que eu poderia ter tudo do skate, por que é uma família o skate, eu já sabia disso, mas eu não tinha essa noção, que né po, ser conhecido nos quatro cantos do pais, do planeta *ta ligado*, através do skate, tipo eu até viajo nisso, meu skate é muito fino, eu uso as peça tudo pequenininha, uma parada que é uma idéia dos anos 90, *ta ligado*, então o meu espaço de felicidade é muito pequeno *ta ligado*, tipo, 7.75, tipo, roda 50, e eu consigo transmitir a felicidade que tenho pra pessoas, tipo sei lá, eu venho todos os dias aqui pro Vale do Anhangabaú, depois que eu fui ter essa noção também, dessa coisa da ocupação, ou de ocupar um lugar, você paga imposto, você é um cidadão, tipo é normal, você tem que estar no lugares, nas praças, nos lugares, e poder ta bem né? Nos lugares. Mas no começo aqui era muito difícil, os cara roubava, tipo, era uma coisa muito foda, através de muitos anos pra ter esse respeito que o skate tem, como o Vale do Anhangabaú é um pico histórico pro skate né, brasileiro, tipo Embarcadero, Love Park, é uns lugar que tinha nos Estados Unidos, e né, o skate é americano e tal, mas a gente adotou também aqui no Brasil, essa cultura de viver o skate. Acho que independente de dinheiro, de qualquer coisa, acho que é uma coisa pra todo mundo, tem que ser assim, na vida as coisas são assim *né mano*, você vai fazer uma coisa, se você for ganhar dinheiro, legal, é bom ganhar dinheiro com o que você faz, ser reconhecido pelo o que você faz, *ta ligado?* Se você for ver isso, é poucas pessoas que conseguem ter na vida. Tipo, você tem que trabalhar, sei lá, ou você vai estudar, você não vai usar muito o que você estudou, e vai ter que fazer outra coisa, pra ganhar dinheiro, tipo, é loco isso. As pessoas estudam pra ser diversas coisas né, nesse lixo de mundo que a gente

vive e tal, *ta ligado*, e eu costumo dizer que eu estudei skate, tipo, já vai fazer, ano que vem vai fazer 30 anos de skate, nossa, de Vale do Anhangabaú muito mais de 20, que eu já venho aqui desde 91, que eu comecei a sair, que o skate começou a sair das pistas, não só o skate, acho que tudo isso que hoje habita as grandes metrópoles de todos os lugares *ta ligado*, eu acho. Por que, tem um vídeo que chama We are Blood, que os cara fez a história do skate e tal, e ali explica realmente o que é o skate, *ta ligado*? É uma coisa de muito amor. Claro! Você vai ganhar dinheiro, pode ser que você não ganhe, skate não é pra, tipo, é muita gente querendo, é igual futebol, é igual, sei lá, você pode ver, as pessoas que fazem as coisas, sai de dentro delas mesmo, tipo, artistas, músicos né? Então o cara canta uma coisa, ele consegue despertar uma coisa dentro de você *ta ligado*, tipo, te sei lá, você vai estar numa *bad*, e você vai falar nossa, vou escutar aquela música, "nossa, a idéia se encaixa totalmente na vida minha", tipo, é muito loco né. Skate, rap, grafiti, né? Punk, tudo isso começou a frequentar o Centro, né? Se deram esse nome de "tribos urbanas" vai, vamo se dizer, que na real sempre teve, só que não tava no centro. Porque na real, nas antigas mesmo, 92, 93, aqui no centro, só colava se fosse com uma gangue mesmo, porque tipo, os cara brigavam, os careca, era uma briga assim, não sei se por território (risos), mas as vezes até sei lá né? (risos). Tipo, eu não vejo como isso, por que a gente anda de skate aqui porque é um lugar habitável pro skate, né? E o skate é uma coisa tão surpreendente que tipo, as vezes pode estar morrendo um lugar, se o skate vê aquele lugar como um lugar bom, ele vai lá, ele vai dar vida, ai vem o grafiti, já vem a música, já vem a arte, aaaa (risos), já transforma em um mundo, *ta ligado*, de felicidade, de tudo né? Eu acho isso muito loco *truta*.

Entrevistador: Agora pra parte mais específica da pesquisa, o que pra você é ser local de algum lugar?

Entrevistado: Puta, então, isso é uma parada muito loca né *mano*, porque tipo, como que eu vo te falar de um negócio tipo, que eu andei em muitos lugares, em várias épocas, teve locais que era de skate mesmo, ZN, Prestige, eram umas pistas que tinham na época, nos anos 90, que tipo, a galera frequentava, também fui local desses lugares, mas tipo, eu vejo a

rua, antes era pista né, você tinha que ser local, por que você se deslocava da sua casa, pra ir até na pista né? Tipo, eu sou privilegiado, graças a deus eu consegui, claro, morei na Zona Leste, Zona Norte, Zona Sul, morei em todas as áreas, e consegui vim morar aqui no Centro, e estar perto do lugar que me, que é como se fosse o quintal da minha casa *ta ligado*, Praça Roosevelt, Praça da Sé, porque aqui o Centro também ele tem muito disso né, tipo Nova Iorque brasileira, *ta ligado*, porque você sai andando, ai se você tem um skate, sei lá, patins, bicicleta, le parkour, tem um monte de doido né, tem um monte de idéias loucas, você pode ir no Centro, e arquitetura, esses mármores, pedra portuguesa, tipo, tava até tendo uma coisa de você que você nem sabe, não é que eu estudei, mas eu sei, você sabe a pedra que é boa pra andar de skate, o chão que é liso bom mesmo, porque também, graças a Deus e através do skate eu pude viajar pra alguns países né, parece que alguns lugares foram feitos pra andar de skate né? E é coisa que você vê em filme, e é aquela coisa mesmo, então é muito louco. E hoje eu vivo aqui, nessa megalópole que é São Paulo, e tipo, fazem já muitos anos. Eu conheço mendigo, lixeiro, ladrão, tipo, né? Conheço todo mundo, eu vivo no Centro. As pessoas tipo como se fosse uma arquitetura do lugar *ta ligado*, uma arte (risos).

Entrevistador: Realmente né, tanto que tem um grafite com a sua cara ali na banca né? (risos)

Entrevistado: É então, e ainda meu amigo Chivits né, fez esse grafiti ai, a banca do Vale, que nas antigas tinha Anhangabaú Family, já teve né, teve outras épocas também né, tipo no Vale. Teve várias épocas, várias pessoas que habitaram muitas horas, muitos dias da sua vida, tipo, aqui. Sei lá, cemitério dos mortos, cemitério indígena, né? Tem tipo, plantação de chá, então isso aqui tem muita história e uma energia, que eu me sinto bem aqui *ta ligado*, eu me sinto legal, você estar no coração da cidade né, e poder desfrutar de tudo isso aqui, por que eu já morei em periferia, e você sabe como é né? Se você não sabe, você sabe de histórias, já ouviu histórias, relatos, de né, você pode estar numa praça na periferia e passar lá um cara e vrá (referência à tiros), então tipo, não é muito saudável. E hoje em dia isso tá pior ainda né? Várias coisas que tão acontecendo, hoje a internet, essa globalização digital,

ta ligado, então é muito louco né, tipo e é uma coisa muito louca, você pode estar velho, mas não passado. Então a gente precisa aprender a mexer e ter, e estar dentro desse mundo de hoje.

Entrevistador: Então você se considera local do Centro?

Entrevistado: Olha, eu sou local, eu não, eu vou te falar, eu sou local do Centro sim, mas de várias cidades, de vários lugares. Porque, isso é até uma letra de uma música, que um amigo meu fez, pra mim a música e tal, é tipo, como é que é? Vou te falar "Sou Marcelo Formiga, represento a BS, do lado sul, do lado norte, leste, oeste. Quem me vê, nunca se esquece, ando de skate no Centro de São Paulo, em várias cidades, em vários lugares, isso sim que é bom, fazer várias amizades, aprender novas culturas vivendo em liberdade, e o mundo não é viagem. A vida tem várias fases". *Ta ligado?* Mais ou menos por ai assim. O que eu vejo, não sei se existe essa coisa de localismo né, mas eu amo esse lugar, há tantos anos, eu acho que isso daqui já faz parte da minha vida, na real, falaram que iam quebrar, que iam destruir o Vale do Anhangabaú, não sei o que e tal, já fazem 3 anos e ainda não destruíram, então eu venho aqui todos os dias pra ver se um dia isso vai acontecer *ta ligado*, porque, sei lá, é um lugar perfeito pro skate, não só pro skate, eu acho que pra as pessoas virem, frequentar, família, tipo, é legal. É que é o Centro de São Paulo né, tem mendigo, tem pessoas que vivem aqui, e que habitam esse lugar também *ta ligado*, além das pessoas que são donos dos *business*, e né, mas e do chão e das coisas que tão aqui eles não são donos né? Eu acho que todo mundo tem que vir aqui e usufruir desse lugar. Sei lá, e os grandes governos fazer alguma coisa daora ai, deixar mais habitável pras pessoas ai, principalmente chão, porque a gente é rico em mármore, em muitas coisas no nosso país, e ta tudo fora do nosso país, ta tudo no lugar errado né? (risos).

Entrevistador: E como que é pra quando você ta aqui e chega alguém que nunca andou de skate aqui, quando chega um não-local aqui?

Entrevistado: Ah, puta, é muito louco, por que esse pico aqui é difícil pra caramba de andar, esse mármore ai é bem diferente, ele é meio poroso mas ele é liso, a borda não é quadrada né, é um negócio meio uns ângulos, sei lá, é uma borda bem diferente né *mano*, a gente é acostumado em andar em cantoneira né, tipo, quando se mora fora, e não tem uma praça legal pra você andar, não tem um mármore, você anda na cantoneira, no *coping* , né, hoje tem até essa coisa assim, o *coping block* , não sei o que, então é bem louco, é difícil de andar aqui, então todo mundo que chega aqui, não consegue nem andar mesmo, assim, de verdade, eu não sei o que que é, eu não sei se não gosta do chão, também tem esses desenhos simétricos né, que a gente anda dentro dos caminhos, que a gente chama de caminho de rato *ta ligado?* Então a gente anda nessas riscas ai, e em cima que é os *pier* perfeito, *manual* , ai você, acho que pra uma pessoa criativa esse lugar é um lugar perfeito, da pra se criar muita coisa. Eu mesmo já fiz muita coisa aqui e tenho muita coisa pra fazer *ta ligado?* Se até lá minhas pernas aguentar né? Porque *ta ligado*, vai chegando a idade e por mais que você ame tanto, se dá uma complicação numa junta você tem que concertar pra ver o que dá. É difícil de andar, quando as pessoas vem aqui, e já veio muitas pessoas, já andei com pessoas de Nova Iorque, andei com chilenos, já andei argentino, com todo o tipo de gente aqui *ta ligado*, e tipo, as pessoas conseguem andar, porque é um lugar que dá pra andar, mas é difícil de você se adaptar. Você tem que andar 2, 3, 4, 5 dias mesmo pra você sentir a borda e tal. Ela também *espirra* porque já andaram muito aqui né? Já deram muuuitas manobras, de verdade assim. Tipo não sei nem te explicar assim, mas o skate é física, matemática, um negócio assim que você flutua né, hoje em dia principalmente, os caras tão dando manobra que, *mano*, você põe na internet. Na internet *mano*, isso que é o mais *cabrero*, porque antes você tinha que ver um vídeo, você estar com seus amigos, aquela coisa, ou até quando você via um skatista passando, você ia lá, complimentar o cara "opa e ai, onde é que você anda, como é que é e tal". Hoje o negócio é, ao vivo, é tipo. Ah, sei lá, esse negócio é *mó* foda, muito louco o skate, você tem que sempre estar provando que você é bom. Skate é *cabreiro* também isso. Skate é difícil, sabe? O cara deu uma manobra ali, vai vim um outro cara vai querer dar uma manobra mais *cabulosa*, sabe? Por que né, como se descobre um pico, ai aparece um pico novo, se vai tudo lá e, sabe? É

também uma parada meio competitiva assim o skate, também. Só que eu vejo, como eu já participei de muitas *crews*, né? Essa parada de reunir os amigos, fazer videos e tal, então, eu nunca vi, eu acho que o skate é uma coisa tão *cabulosa* de verdade, que tipo, a gente pode dar as mesmas manobras, as manobras nunca vão ser iguais, tipo, você pode até conseguir *samplear* a remada e não sei o que, e blablabla, mas a manobra, o estilo, o jeito de dar, é único, *ta ligado?* Quem estuda skate sabe do que eu to falando, tipo, você vê um *flip* do Tom Penny, se vê tipo, uma manobra do Guy Mariano, uma simples remada do Dino, então é muito loco o skate.

Entrevistador: Você reconhece pelo pé do cara né? Não precisa nem mostrar a cara do cara, só mostrar da cintura pra baixo, você já sabe quem é.

Entrevistado: Exatamente, e eu conheço pessoas que são enciclopédias mesmo, *ta ligado?* E esse que é o loco do skate, as pessoas amam tanto que você vira especialista, aquela coisa, tanto em mármore, em consertar, em passar a massa plástica, em sei lá, evoluir, sei lá, até uma manobra que você já deu, você vai lá e dá ela de outro jeito, então tipo, é muito louco. Eu não sei o termo certo, mas é tipo progressivo assim, uma coisa que, ela faz por si só, não precisa ter uma marca, não precisa ter nada, se tiver mesmo lá, você junta os amigos, você vai lá e faz o negócio e ele acontece. Que é energia né? Todo mundo colocando uma energia junto numa coisa. Tipo que nem aqui né, vem gente do mundo inteiro, por que que as pessoas vêm aqui do mundo inteiro? Porque tem um lugar que eles sabem que tem esse lugar *ta ligado?* Podem nunca ter andado mas tipo, sabe, é o sonho. Tipo a gente também vê um pico lá, no vídeo, e fala "nossa, essa borda é minha, eu quero ir lá e tal, e mandar tal" *ta ligado?* É muito loco isso né, imagina, é a procura de uma borda, como meu amigo, Paulinho "Barata", que é de *milianos*, né, ele sempre falou, vou falar essa palavra que é dele, que ele fala, "eu tenho tudo o que eu preciso, eu tenho uma borda e um chão liso" (risos). *Ta ligado?* Não precisa de tanto coisa, só uma borda e um chão liso. Aqui é um negócio bem amplo, é aberto né, o Vale, mas é difícil mesmo, tem muita gente que vem aqui e é isso. Andar de skate, dar uma manobra ou outra, um monte de gente vai vim e vai

dá *ta ligado*, porque é só ser, porque o skate é isso também, é persistência, é cair e levantar e de novo, e essa coisa que é o skate. Tipo, que as pessoas não conseguem nem entender né, "caraca, o cara fica 2, 3 horas, 4, 5 horas". Por isso até que eu fico falando TIC, *ta ligado*? TIC (batendo o skate no chão), TIC, TIC, TIC, e é um monte de gente fazendo isso, eu falo "vocês são todos meus atletas, vocês são tudo do TIC por que vocês tudo tem TIC" (risos).

Entrevistador: E quando você vai pra onde você não é local? Como que é? Pra você? Como você é recepcionado, como você fica no pico?

Entrevistado: Tipo, isso ai é muito louco, porque eu sempre, voltando a falar isso de novo, como eu conheço o skate, eu vi todos os vídeos, eu vi todas as coisas, eu gosto de skate, o cara vê tudo de skate, sabe de tudo, sabe das *video part*, tipo *mano*, é muito loco isso, eu sempre vi os caras, e eu tenho certeza também que isso tinha que ser uma coisa recíproca né, tipo, depois de muitos anos também né? Porque eu não fui pra muitos lugares e tal, mas pros lugares que eu fui, tipo, já tinha brasileiro, porque foi viagem que eu fui também, além de fazer trabalho pra alguma marca, eu fui tipo, encontrar amigos também que já tavam morando lá e tal, então pra mim foi super, não é que é normal, mas parece que eu já andava lá *ta ligado*? E é muito loco, eu também, foi muito loco, história verídica também, Tom Penny, o cara é meu amigo, é meu amigo! É muito louco isso, tipo, *mano*, é sério. Eu nem sei falar inglês, não sei falar nenhuma língua, mas eu troco idéia com o cara, tipo *mano*, não sei nem como, o cara é meu amigo de verdade mesmo, *vish mano*, ele me deu até um quadro tal, fez uma dedicatória pra mim no quadro, tipo, imagina, tipo eu sou fã do cara, né *mano*, digo fã assim de conhecer a trajetória do cara, e saber, o cara muito cabeça, tipo o Tom Penny, a mesma coisa, eu filmei ele lá em Barcelona, e tipo, só uma remada do cara assim ó, tá tá, tipo os braço, nossa o cara muito, tipo, transcende pra mim como skatista, poder ver um cara desses. Não precisa ser nenhuma super manobra, mas de estar ali, e ver que o cara reconhece você, como você também reconhece ele e tal, é muito loco. Na gringa, nos Estados Unidos, quando eu fui, tipo as pessoas vinham "*respect*", *ta ligado*? Porque eu fui no

lançamento no filme do We Are Blood, os caras me convidaram e eu fui lá. Foi muito loco isso, porque tava lá e lá é a Meca, é onde ta todos os melhores caras do skate e tal, tipo, eu nunca, eu nunca, eu nunca, que eu era, que eu fui ou que eu sou alguma coisa né? Isso foi uma coisa que veio se criando através dos tempos, *ta ligado?* Tipo, eu acho que é isso que eu falo, é todo dia.

Entrevistador: E você vê isso que você vê no Tom Penny as pessoas vendo em você? Tipo esse olhar assim.

Entrevistado: Isso que é muito loco, porque as pessoas vê isso não é as pessoas do skate, as pessoas que são de outras, tipo, porque aqui também o Centro é muito loco né, passa gente de todo o mundo, acho que também por isso que meu skate né? Ele conseguiu dar essa expandida também, porque antes da internet eu já, tipo, é até meio tosco falar isso mas é real, tipo, fazer uma foto com alguma pessoa tal, quando a pessoa chega pra você e pede pra fazer uma foto. Pra mim é normal, eu não tenho nenhum problema com isso *ta ligado*, quer fazer uma foto? Faz ai, você quer trocar uma idéia? Troca uma idéia e tal, pra ver como é que é, a pessoa né? Porque hoje é muito essa coisa de internet e né?

Entrevistador: E você vê diferença agora?

Entrevistado: Não diferença, isso já havia antes disso entendeu? Antes de ter internet isso já acontecia comigo, é uma coisa que as pessoas, tem pessoas que querem isso, fama, sei lá, as vezes, tipo, você fazer o skate como você ama, como você quer, e isso transcender dentro da sua vida. Como filosofia de vida mesmo. Tipo um mantra, ohm (risos), tipo todo dia, toda hora, penso em skate, só em skate, vivo o skate, como hoje, fazendo coleção, tênis com nome, tipo, é como uma brincadeira pra mim, fazer isso, porque o skate é uma brincadeira pra mim, é um bagulho que eu amo fazer, então, não é tipo, um trabalho, tipo, tem que encarar como um trabalho e tal, né? Mas tipo, é muito loco *ta ligado?* É arte, de verdade. E é poucas pessoas que conseguem, ou as pessoas até enxergam isso, mas não consegue

transparecer isso pra você, tipo, to falando com você, como se você tivesse falando de mim, e é real *ta ligado*, tipo, isso é muito loco, as pessoas não tem nada a ver com o negócio conseguem ver isso, e considerar e falar, consegue sentir a manobra, o jeito, a expressão mesmo. Por que também é muito foda, as coisas ficam banal né? *Ta ligado?* Fica normal, a estátua que tá parada, então sei lá, é muito louco que a gente tem que sempre estar se reinventando né? E o skate tem tudo isso né, tipo eu, eu ando aqui por que eu gosto de andar aqui, mas eu vou na pista, eu vou andar, se eu vou num *half* eu vou andar, não vou voar dar *mctwist* igual ao Pedro, mas eu vou andar, vo dar meu *grindinho*, vou dar minha batidinha, e eu já vou me sentir tipo, feliz. *Ta ligado?* Não precisa ter muita coisa. Que é isso que o skate também é. As pessoas querem dar manobras, querem aprender manobras, o skate é essa liberdade, você descer a ladeira, e sentir, sabe? Que você tá livre de verdade mesmo, de tudo né? Porque é claro, eu tenho família, eu tenho, né? Eu tenho que aprender horários e tal, essas coisas *ta ligado*, mas tipo, continua a mesma coisa *ta ligado*, por que é uma coisa que faz, posso fazer uma coisa a vida inteira e não poder fazer, imagina como que você vai fazer? E isso acontece com um monte de gente, porque às vezes, sei lá, você tem que fazer outra coisa, você não vai conseguir viver do skate, então eu sou uma pessoa bem privilegiada por conseguir, tipo, sei lá, vai fazer 30 anos, e eu ainda consegui, tipo fazem poucos anos né? Que eu vivo do skate, tipo, eu vivo todos esses anos, quer dizer, tipo né? Ter uma renda, ter uma parada pra conseguir pagar uma casa, ter uma família, sustentar uma família, é muita *treta*, de verdade. Tipo, principalmente no Brasil *né mano*, tipo eu podia ter ido pros Estados Unidos, podia fazer como um monte de gente faz, como todas as pessoas fazem, porque lá fora você é considerado, e acho que é como essas pessoas olham, né? Mas ai é o capitalismo, é o *business*, é um monte de coisa também né? (risos) Sei lá, mas é muito louco também, como eu consegui fazer minhas coisas aqui no Brasil, eu to fazendo do meu jeito, tipo, eu vou lá, eu converso, eu que falo do tecido, né, eu to interagindo no que eu vivo. *Ta ligado?* Tipo, de verdade.

Entrevistador: E como você que a sua vivência mudou sua relação com a cidade?

Entrevistado: Como assim?

Entrevistador: Tipo, o que você achava sobre as cidades, e espaços como esse, por exemplo, antes de andar de skate, e agora que você tem tanto tempo andando de skate?

Entrevistado: Ah *mano*, eu não sei nem como explicar isso *truta*, de verdade. Porque tipo, nunca mudou nada. Sim tipo, né? Muda que eu tenho coisas na minha vida que eu tenho que né? Não vou estar andando de skate como eu andava há 10 anos atrás, né ficar aqui igual um louco largado na rua, tipo, mudou sim. Não. Mudou sim. Tipo, mudou porque as pessoas respeitam mais, *ta ligado*? As próprias pessoas que vivem na rua, ninguém mais rouba ninguém, tem gente roubando, tá por ai, se você tiver *marcando* pode ser roubado, entendeu? As coisas tão tudo ai, é o mundo, basta você conseguir enxergar, e ver na onde você tá né, como eu to há muitos anos aqui, tipo, conseguir esse respeito também. É um respeito podemos dizer assim né, porque qualquer pessoa pode vir roubar né, mas hoje em dia não mais, antigamente você deixava uma coisa, o pegava e saia andando, e o povo saia correndo atrás, hoje em dia não tem mais isso. O que mudou foi isso. E sim também, né, do crime e tal, é uma coisa mais, a rua, é uma coisa mais organizada, você não sai batendo nos outro assim, né? Tem o que pode se chamar de disciplina né? Respeito com as pessoas e tal. Com qualquer tipo de pessoa eu digo isso, serve pra todo mundo. É até difícil de falar disso mas é tipo isso, porque existe né? Ta ai, por que a polícia mesmo não faz nada, então é uma coisa mais, organizada assim. Principalmente o Centro né, por né, os locais são também os caras ai. Não é só o skatista. Então é assim, respeito prevalece, e hoje sai das penitenciárias né, é casa pra muitas pessoas ai da rua, que vive nesse mundo ai.

Entrevistador: E você acha que o skate tem um papel fundamental nisso, pra mudar o Centro dessa forma?

Entrevistado: Também. Também, porque é isso que eu te falei né? Pô, antigamente as pessoas aqui eram roubadas, quem vai frequentar lugar que as pessoas ficam roubando?

Ninguém. Mas como o skate é uma parada que é social, né, *ta ligado*, a gente socializa com qualquer tipo de gente, tem cara que vem trocar uma ideia e tal, os skatista é como qualquer pessoa né? Trabalha, estuda, vive, tem vida. São ser humanos. (risos)

Entrevistador: E como você acha que o skate mudou sua vida? Você acha que o skate mudou sua vida?

Entrevistado: Na real, não é que ele mudou a minha vida. Ele não só mudou a minha vida, ele transformou a minha vida né? Tudo. Tudo o que fiz, tudo o que faço, é relacionado ao skate. Qualquer tipo de, qualquer pessoa que, até um cara de uma vendinha que eu vou ali comprar uma água com o cara, "você é aquele cara", esses dias aconteceu isso "ah, você é aquele cara que fica lá no Vale lá pulando o dia inteiro" (risos). Tipo, olha que loucura né? As bancas, tudo, perfeito. Perfeito. To na minha casa. Simplesmente. Posso sei lá, isso não é privilégio pra ninguém, mas o cara te tratar bem, é privilégio. É que todo mundo tinha que ser bem tratado pelas pessoas eu acho, só isso, só. Tipo, qualquer pessoas, porque hoje não tem muito mais amor, as pessoas tão perdendo um pouco disso, sei lá, a tal da, é que tipo é foda, imagina, eu vivo aqui, é foda, e é normal, tem uma pessoa atravessada, dormindo na calçada, e a pessoa indo pro trabalho dela, pula a pessoa e continua indo pro trabalho dela. Isso quando vê a pessoa. *Ta ligado*, é uma coisa que, os valores tão invertidos, de verdade assim, sério. Porque puta mano, tem tanto dinheiro, tem tanta, né? Isso que é o pior da vida, eu acho que é né? Eu vim do nordeste e tal, e não via essas coisas ai, meus pais tinham engenho, meus avós né? Então tinha essa coisa de trocar na feira e tal, vida mais humilde e tal. E hoje estar aqui nesse lugar, nessa cidade grande, capitalismo selvagem mesmo, que é. É muito louco. E eu consigo viver aqui de boa, por que dizem que São Paulo é, como que fala, é caos. Eu tô bem, bem, eu não to no caos não, tô bem legalzinho, trânsito por ai, conheço as pessoas e tal. Através de uma coisa que é o skate, que fez acho que, sei lá, tipo o outro cara, passei ali com o skatinho, o *tiozão* que cuida das moto: "e ai magrinho do skate" (risos). Tipo, é isso que é loco, porque você faz as coisas e você nem, você não tá vendo, você só faz, e você tem muitas pessoas que fazem outras coisas, que vai fazer parte da sua

vida, *ta ligado*? Tipo o sapateiro, e é isso que legal, o skate conseguiu trazer todas essas pessoas também, tipo, as pessoas sabem que eu ando de skate, vivo skate, o sapateiro, o cara do açougue, o cara do bar, o outro é o ladrão, e assim a engrenagem vai se engrenando.

Entrevistador: Você tem mais alguma coisa que você queira falar?

Entrevistado: *Mano*, o que eu tenho pra falar, de verdade, eu não vou nem falar, porque isso aqui é uma parada de um amigo meu, é uma poesia *ta ligado*, se você quiser colocar no seu trabalho. É que é uma parada que eu sempre uso, por que é uma parada muito loca mesmo. Ele fala tipo assim "Eu vivo com amor, convivo com a dor, mas só o que vem de dentro só pra Deus tem valor, o que vem de dentro de cada ser humano, se é ser humano vai entender o que eu estou falando, fulano, beltrano, ciclano, periferia, pensa que tá bom nosso cotidiano, idéias são trocadas, já é de *milianos*, e ai *mano* do skate, como que ta os *mano*, andando de skate ou continua viajando?"

Entrevistador: Uma coisa que eu esqueci de perguntar, como foi seu primeiro contato com o skate?

Entrevistado: Então, vou te dar mais ou menos uma resumida ai, certo? Eu morava ali no Belenzinho, e eu meu era dono de bar, quando eu cheguei em São Paulo meu pai tinha bar, ali em frente à FEBEM, não sei se existe ainda, é um bar de rock que chama Fofinho *ta ligado*? E meu pai tinha bar, era bar de cacheiro né? Ai a gente veio do Nordeste pra cá, meu pai alugou esse bar, que era do lado desse pico que chamava Fofinho, que é um bar de rock de *milianos* que tem ali, acho que é um bar dos anos 80 se pá, a galera já colava ali naquelas áreas, e eu vim morar ali, e vi essa rapaziada andando de skate ali, e ganhei um skate dos muleque, consegui montar um skate pra mim, que eu via eles andando e ficava de cara né, falava "caramba, que parada bem loca ne?" Não sei se era esporte, eu já via a parada como esporte já né? Na época. Mas eu via a galera brincando com o skate ali, e

acabei montando um skate, e me juntei com essa rapaziada ali que era tipo uma gangue dos anos 90 que tinha ali no Belém, que se chamava DDB, Doentes do Belém, e comecei a andar com eles. Ai eu via os cara pulando 15 skates, os cara catava o skate na mão, tipo dava umas pernada no busão elétrico e jogava e pulava em cima do skate, era uma parada que eu ficava de cara que a galera fazia, e foi dai que eu comecei a andar de skate né *mano*. Com essa gangue ai, DDB chama, Doentes do Belém. Ai tinha uma galera do Bresser também, que era uma galera mais das antigas, Jairo, Redes, Cosme, Damião, e da rapaziada do Belém era o Jason, o Redes, e teve mais uma galera que acabou falecendo no meio da trajetória, e puta, era bem loco né *mano*? Tipo uns dos primeiros contatos meu com o skate, a gente andava ali no metrô Tatuapé, que tinha uma guiazinha que os caras passaram vela ali, e ai andavam ali, andavam também na Praça Silvio Romero também, coisa que eu me lembro muito assim. Quando eu peguei meu primeiro skate eu já dava *ollie*, já dava *varial*, já dava *ollie* subindo a calçada, *ollie de fron*, e ai eu comecei a andar com esses caras ai *mano*, isso ai é mais ou menos nos anos 90. E tinha um cara, que me dava uns *shape*, ele chamava Ferrugem o cara, *ta ligado*, foi um dos primeiros contatos que eu tive com o skate mesmo, esse cara ele me apresentou o vídeo Plan B, que eu ia na casa dele, ele tinha meio que patrocínio, e ele tinha uma pilha de *shape*, e ele jogava os *shape* na minha mão, *ta ligado*? E meus pais tinha bar ali, do lado da Fofinho, Belém, isso ai eu devia ter tipo, 7, 8, *ta ligado*? Ai andei até uns 9 ali, acho, e ai com 10 anos eu sai de casa *ta ligado*, com 10 anos eu sai de casa e fui viver o skate. Ai eu conheci o Mancha, que era um cara que tinha uma marca que chamava Street Town, muito nas antigas também, e ai eu fui meio que morar com esse cara *ta ligado*, ele morava lá no Patriarca, ele tinha fábrica de skate, fabricava *truck*, fabricava as roupa, e ai esse cara meio que me apresentou o skate, é um cara que tem mais de 30 anos de mercado, esse cara me levou muito pra praia, eu ia muito pro litoral norte, ali, eu conhecia todas as praias ali, por que ele fazia confecção e vendia ali naquelas lojas ali. Então eu conheço todo o litoral norte por causa desse cara também. E agradeço sim, agradeço muito a minha vida a esse cara, ele chama Mancha, hoje ele tem uma loja ali na Galeria, chama Daora Skateshop, ele tem uma marquinha de truck que chama X Kaine, ele que me apresentou o skate de verdade, que ai eu comecei a viajar, ir

em campeonatos, e já comecei a surgir na cena do skate já, por causa desse cara ai. Isso ai é bem na época assim, na cruzada, do 80 pro 90. Que ai bem no final dos anos 80 os cara ainda *varava* as rampa né? Nas vila e tal. Não tinha palquinho, trilho, essas parada né? Ai depois que veio surgir, nos anos 90, o pessoal tem os palquinhos, e começar a andar nos palquinhos na vila e tal, a parada era bem *varar* rampa, um bagulho bem *oldschool* né? Igual os caras falam hoje, *oldschool*, e tal. Tipo, eu nem sabia o que era isso mas já tava ali com os caras nessa época, *varando* rampa. Então eu consegui pegar um pouco de várias fases do skate né *mano*, tipo, meu skate ainda foi meio "tubarão", no começo né? Quando eu comecei a andar, ele tinha alguns resquícios do "tubarão" e tal, era roda pequena na frente e roda grande atrás.